

UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS – UNISINOS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO  
MESTRADO EM EDUCAÇÃO

SHIRLEI GALARÇA SALORT

A BIBLIOTECA E O BIBLIOTECÁRIO EM TEMPOS DE CIBERCULTURA:  
ESPAÇOS E PRÁTICAS

São Leopoldo  
2017

SHIRLEI GALARÇA SALORT

A BIBLIOTECA E O BIBLIOTECÁRIO EM TEMPOS DE CIBERCULTURA:  
ESPAÇOS E PRÁTICAS

Dissertação apresentada como requisito final para obtenção do título de Mestre em Educação, pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS.

Orientadora: Profa. Isabel Aparecida Bilhão

Co-orientador: Prof. Daniel de Queiroz Lopes

São Leopoldo  
2017

S175b Salort, Shirlei Galarça

A biblioteca e o bibliotecário em tempos de cibercultura: espaços e práticas / Shirlei Galarça Salort. – 2017.  
94f.

Dissertação (mestrado) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos,  
Programa de Pós-Graduação em Educação, 2017.

Orientadora: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Isabel Aparecida Bilhão

Co-orientador: Prof. Dr. Daniel de Queiroz Lopes

1. Biblioteca FAMED/HCPA. 2. Bibliotecários. 3. Cibercultura. 4. Prática Bibliotecária. 5. Bibliotecas Universitárias. 6. Sentidos. I. Título

CDU 027.8

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Bibliotecária Shirlei Galarça Salort – CRB10/1929)

SHIRLEI GALARÇA SALORT

A BIBLIOTECA E O BIBLIOTECÁRIO EM TEMPOS DE CIBERCULTURA:  
ESPAÇOS E PRÁTICAS

Dissertação apresentada como requisito final para  
obtenção do título de Mestre em Educação, pelo  
Programa de Pós-Graduação em Educação da  
Universidade do Vale do Rio dos Sinos –  
UNISINOS.

Orientadora: Profa. Isabel Aparecida Bilhão  
Co-orientador: Prof. Daniel de Queiroz Lopes

**Aprovado em: 22/02/2017**

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof.<sup>a</sup> Dra. Sônia Elisa Caregnato - UFRGS

---

Prof.<sup>a</sup> Dra. Luciane Sgarbi Grazziotin - UNISINOS

---

Prof.<sup>a</sup> Dra. Isabel Aparecida Bilhão (Orientadora) - UNISINOS  
Prof. Dr. Daniel de Queiroz Lopes (Co-orientador) - UFRGS

## AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, pela oportunidade de concluir um Curso de Mestrado.

À minha mãe, Maria da Graça, pelo apoio e incentivo para o alcance de meus objetivos e para a realização de meus sonhos.

Ao meu esposo Irajá, pelo apoio e companheirismo durante a trajetória.

À minha família, que é o porto seguro nas horas difíceis e me inspira a continuar sempre.

Ao Programa de Pós-Graduação em Educação da UNISINOS, pelo bom atendimento e pela dedicação de todas as secretárias e professores.

A todos os professores do PPGEduc que participaram de minha caminhada no Mestrado.

Aos queridos orientadores, Prof<sup>a</sup>. Dra. Isabel Bilhão e Prof. Dr. Daniel Lopes, que aceitaram o desafio de me conduzir nesse trabalho. Agradeço-lhes pela atenção, paciência e carinho que dispuseram.

À Direção da Faculdade de Medicina da UFRGS, que me concedeu os meios para o desenvolvimento desse estudo, na figura do Prof. Dr. José Geraldo Lopes Ramos.

A todas as colegas bibliotecárias da FAMED que participaram deste estudo e me deram a possibilidade de uma maior dedicação a este. Agradeço a disponibilidade, o carinho e a compreensão e, principalmente, por compartilharem suas experiências comigo, auxiliando em meu crescimento profissional e pessoal.

À ex-colega de trabalho e amiga Liana Franzen, pelo apoio, incentivo, carinho e auxílio prestado.

Às Prof<sup>as</sup> Dr<sup>as</sup> Sônia Elisa Caregnato e Luciane Sgarbi Grazziotin, pela atenção e disponibilidade de participarem da avaliação deste trabalho ainda quando se tratava de uma ideia, qualificando minha trajetória acadêmica.

Aos colegas mestrandos e doutorandos da UNISINOS com quem convivi nesse período. Com eles pude compartilhar não só experiências, mas também alegrias e angústias.

A todos aqueles que participaram direta ou indiretamente do trabalho nessa etapa de concretização, agradeço o carinho e a atenção.

“Pensar é, com efeito, parar a primeira manifestação do impulso e buscar pô-la em conexão com outras tendências possíveis de ação, de modo a se formar plano mais compreensivo e coerente de ação.”

John Dewey, 1976, p. 63

## **LISTA DE ABREVIATURAS, SIGLAS E SIGLEMAS**

BIREME – Biblioteca Regional de Medicina  
BVS – Biblioteca Virtual em Saúde  
CFB – Conselho Federal de Biblioteconomia  
CRB – Conselho Regional de Biblioteconomia  
CNPq – Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico  
FAMED – Faculdade de Medicina  
FURG – Universidade Federal do Rio Grande  
HCPA – Hospital de Clínicas de Porto Alegre  
IBICT – Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia  
IFPI – Instituto Federal do Piauí  
ISBN – International Stander Book Number  
LUME – Repositório de Teses e Dissertações da UFRGS  
MEC – Ministério da Educação e Cultura  
MIP – Moderno Profissional da Informação  
OMS – Organização Mundial da Saúde  
OPAS – Organização Pan-Americana de Saúde  
PEC – Proposta de Emenda Constitucional  
PPGEDU – Programa de Pós-Graduação em Educação  
PUCRS – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul  
RS – Rio Grande do Sul  
SABi – Sistema de Automação de Bibliotecas  
SCAD – Serviço Cooperativo de Acesso à Documentos  
SECs – Seriadados em Ciências da Saúde  
UFRGS – Universidade Federal do Rio Grande do Sul  
UNISINOS – Universidade do Vale do Rio dos Sinos  
URCAMP – Universidade da Região da Campanha  
USP – Universidade de São Paulo  
TCC – Trabalho de Conclusão de Curso  
TDs – Tecnologias Digitais  
TICs – Tecnologias de Informação e Comunicação

## RESUMO

Esta Dissertação de Mestrado tem como tema principal os sentidos atribuídos pelos bibliotecários às suas práticas e ao espaço físico da biblioteca em que trabalham, em tempos de cibercultura, visto que, além de o uso das tecnologias digitais ter se consolidado nas tarefas diárias destes profissionais, há importantes transformações nelas e nos modos de pesquisar e ler no ambiente acadêmico. Trata-se de uma pesquisa com abordagem qualitativa e com a metodologia do estudo de caso exploratório, realizada com bibliotecárias que trabalham ou que já trabalharam na Biblioteca da Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Rio Grande do Sul e do Hospital de Clínicas de Porto Alegre (Biblioteca FAMED/HCPA), com as quais foram feitas oito entrevistas semi-estruturadas, dentre elas duas bibliotecárias aposentadas que atuaram por mais de 20 anos nesta Biblioteca. O trabalho visa contribuir para a reflexão sobre as perspectivas futuras das bibliotecas universitárias e das práticas dos bibliotecários que, ao longo do tempo, foram influenciadas por constantes transformações nos hábitos de leitura do “ciberleitor” ou leitor na/da cibercultura. Quanto ao referencial teórico para contextualizar as transformações ocorridas nas práticas de leitura e nas práticas bibliotecárias a partir do uso das tecnologias digitais, foram utilizadas como base as considerações de Lúcia Santaella, Roger Chartier, Humberto Eco, Jean-Claude Carrière e David Lankes, entre outros autores. Por meio da pesquisa, foi possível refletir sobre a memória da Biblioteca FAMED/HCPA e identificar algumas características históricas da pesquisa na área médica nesta biblioteca, além de, e principalmente, verificar como as bibliotecárias percebem suas práticas no contexto da cibercultura. A pesquisa demonstrou que, nas concepções sobre as práticas do bibliotecário, se percebe um movimento de mudança de sentidos, sendo que o sentido de “mediador” passa a dar mais espaço ao sentido de “educador”, e a ação de “esperar o usuário” passa a dar lugar à ação de “buscar o usuário”, o que aponta não só uma preocupação com relação ao uso da biblioteca e de seus recursos, mas também com uma reafirmação e melhoria da imagem profissional do bibliotecário e de sua valorização social e acadêmica.

**Palavras-chave:** Biblioteca FAMED/HCPA. Bibliotecas universitárias. Sentidos. Prática bibliotecária. Bibliotecários. Cibercultura.



## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	9
<b>2 O CONTEXTO EM QUE A BIBLIOTECA E A PRÁTICA DO BIBLIOTECÁRIO SE TRANSFORMAM</b> .....	17
<b>2.1 O “Ser Bibliotecário” na “Era Digital”</b> .....	25
<b>2.2 Ciberespaço e Cibercultura: novas práticas de leitura e cognição</b> .....	31
<b>2.3 Reflexões de David Lankes em “expect more”: uma aproximação ao tema</b> ....	34
<b>3 A BIBLIOTECA SEGUNDO OS BIBLIOTECÁRIOS: TRAJETÓRIAS, ATUAÇÕES E CONCEPÇÕES EM TEMPOS DE CIBERCULTURA</b> .....	40
<b>3.1 Caminho metodológico</b> .....	40
<b>3.2 Memórias sobre a Biblioteca FAMED/HCPA</b> .....	46
<b>3.3 Trajetória e atuação profissional</b> .....	54
<b>3.4 Prática bibliotecária</b> .....	69
<b>3.5 Espaço físico da Biblioteca FAMED/HCPA</b> .....	79
<b>4 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	87
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	90
<b>APÊNDICE A - Termo de Consentimento livre e esclarecido</b> .....	93
<b>APÊNDICE B - Carta de anuência para autorização de pesquisa</b> .....	94

## 1 INTRODUÇÃO

A presente pesquisa, intitulada **A biblioteca e o bibliotecário em tempos de cibercultura: espaços e práticas**, propôs-se a investigar, com bibliotecários da Biblioteca da Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Rio Grande do Sul e do Hospital de Clínicas de Porto Alegre (Biblioteca FAMED/HCPA), suas concepções e sentidos atribuídos ao espaço físico da biblioteca e às práticas profissionais do bibliotecário frente às transformações ocorridas nos modos de pesquisar e ler no ambiente acadêmico em tempos de cibercultura e tecnologias digitais (TDs).

Este estudo de caso investiga o espaço físico da Biblioteca FAMED/HCPA e as práticas dos bibliotecários que nela atuam ou que já atuaram, visando contribuir para a reflexão sobre as perspectivas futuras desse espaço e de suas atribuições práticas que, ao longo do tempo, foram influenciadas pelas constantes transformações nos hábitos de leitura do “ciberleitor” ou leitor na/da cibercultura.

Entende-se por práticas, nesse estudo, a forma como os bibliotecários costumam proceder no ambiente de trabalho durante o exercício profissional ou, ainda, o desenvolvimento e desempenho habitual de suas atividades profissionais diárias com base nos conhecimentos teóricos de sua área de atuação.

Inicialmente, a problemática foi identificada a partir de um levantamento preliminar com os alunos da Graduação em Medicina, através de um questionário *on-line*, para identificar se costumavam consultar os bibliotecários em suas questões de pesquisa ou mesmo acadêmicas. Em uma amostra com 43 alunos respondentes, distribuídos nos 12 semestres do curso, confirmaram-se algumas hipóteses. Verificou-se que 51% dos respondentes nunca haviam consultado um bibliotecário, e dos 49% que disseram ter consultado este profissional, 71% das consultas foram referentes ao funcionamento da Biblioteca. Com base nessa constatação, e pensando na responsabilidade do bibliotecário para a construção de sua identidade e de sua cultura profissional, surgiram algumas indagações: *Como o bibliotecário percebe sua atuação em tempos de cibercultura? Como suas concepções e sentidos se refletem nas práticas biblioteconômicas atuais? Como o bibliotecário percebe o espaço físico da biblioteca em que trabalha?*

Na tentativa de responder a estas questões, o objetivo do estudo é contribuir para a reflexão sobre tendências para o futuro das bibliotecas universitárias e para o futuro das práticas dos bibliotecários, partindo-se do princípio de que ainda há várias discussões sobre o fim das bibliotecas físicas a partir da proliferação das publicações digitais e *on-line* e do

tipo de leitor que surgiu com uso das tecnologias de informação e comunicação (TICs). Isso talvez aponte que o bibliotecário poderá contribuir ainda mais para a formação acadêmica desenvolvida na universidade. A partir de questionamentos e reflexões, surgiu a motivação para realizar este trabalho sobre as concepções e os sentidos atribuídos ao espaço físico da biblioteca e às práticas do bibliotecário no contexto da cibercultura.

A cibercultura tem forte impacto nas práticas de leitura e pesquisa desenvolvidas na unidade acadêmica e fora dela e na utilização da biblioteca e de seus recursos e serviços de informação, que contribuem para a construção do conhecimento.

Minha primeira aproximação com a área da Educação se deu a partir da formação em Magistério, entre 1996 e 1999. Após o término do curso, ingressei na Universidade Federal do Rio Grande (FURG), na Graduação em Letras, e posteriormente na Graduação em Biblioteconomia da mesma Universidade. Em 2005, devido à mudança de residência para Porto Alegre, participei do processo seletivo da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) para a transferência de um dos cursos, optando pelo Curso de Biblioteconomia. Em 2009, no mesmo mês de término da Graduação, ingressei como Bibliotecária na UFRGS, através de concurso público. Minha primeira aproximação com o ambiente de pesquisa ocorreu com o trabalho final da Graduação em Biblioteconomia e posteriormente, na Especialização em Ciências da Informação, realizada de 2010 a 2011, pela Universidade da Região da Campanha (URCAMP).

Atuando como bibliotecária ao longo de oito anos na Biblioteca da Faculdade de Medicina (FAMED), deparei-me com questões referentes à atividade biblioteconômica e à atuação do bibliotecário na academia que despertaram minha curiosidade e o desejo de refletir e investigar como os bibliotecários percebem o espaço físico da biblioteca e suas práticas em tempos de cibercultura, principalmente bibliotecários que atuam em uma unidade acadêmica cujas finalidades são o ensino, a pesquisa e a extensão, que contribuem para o desenvolvimento social através dos processos desenvolvidos na Universidade.

Então, a partir de uma visão questionadora e reflexiva, decidi inserir-me no ambiente da pesquisa para buscar uma base teórica e melhor compreender o campo de tensão que existe entre as concepções sobre a biblioteca tradicional e a contemporânea, bem como as percepções sobre a prática bibliotecária em tempos de mudanças culturais significativas impostas pelas tecnologias de informação e comunicação, cada vez mais consolidadas nas bibliotecas. No Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGEdu) da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS) vislumbrei a possibilidade de interligar as áreas Biblioteconomia, Educação e Tecnologia.

Durante minha atuação profissional tenho notado a necessidade e o interesse dos bibliotecários por uma aproximação com as atividades acadêmicas curriculares e com o desenvolvimento da pesquisa na área médica. Entretanto, ainda não há atividades regulares e/ou curriculares de educação de usuários ou ações formativas desenvolvidas pela Biblioteca FAMED/HCPA no uso dos recursos e das fontes de informação, especialmente para as turmas da Graduação em Medicina.

A primeira atividade de “educação de usuários” realizada pela Biblioteca para uma turma de Medicina ocorreu no 2º semestre de 2016 e se deu a partir de algumas horas/aula disponibilizadas por um professor em uma única disciplina, por isso ainda não se constitui uma atividade regular. Entende-se nesse contexto por “educação de usuário” a definição de Dias e Pires (2004, p. 38): “[...] o processo pelo qual o usuário interioriza comportamentos adequados em relação ao uso da biblioteca e desenvolve habilidades de interação permanente com sistemas de informação”.

No que se refere à formação em Nutrição, curso de Graduação que também está sob responsabilidade da Faculdade de Medicina, alguns professores disponibilizam horas/aula semestralmente para que o bibliotecário realize atividades com os discentes. Tal interesse dos docentes justifica-se pela razão de, no Curso de Nutrição, os discentes realizarem um trabalho final de conclusão de curso (TCC) para o qual demandam maiores informações sobre fontes de informação, normatização e apresentação de trabalhos acadêmicos. Como se vê, há necessidade de refletir e discutir a respeito da realização de atividades de educação de usuários voltadas ao Curso de Medicina e a todos os Cursos de Pós-Graduação da FAMED.

No entanto, parece que ainda se tem um sentido muito limitado sobre a biblioteca e a atuação profissional do bibliotecário nesse ambiente acadêmico, tanto por parte de docentes quanto por parte dos próprios bibliotecários, pois não há uma discussão entre ambos nessa direção. Muitas vezes, a aproximação dos docentes com a biblioteca limita-se ao registro de suas produções intelectuais no catálogo, para posterior progressão funcional, ao invés de ocorrer também com relação ao uso das diferentes fontes de dados e recursos necessários ao desenvolvimento de suas atividades curriculares e/ou investigações.

Penso que o profissional bibliotecário deve se aproximar das atividades acadêmicas e de pesquisa desenvolvidas na FAMED, além de, tradicionalmente, disponibilizar e/ou alcançar aos usuários a bibliografia básica dos cursos e realizar treinamentos individuais para o uso de bases de dados especializadas. Uma maior aproximação poderá contribuir também para qualificar as práticas dos bibliotecários, já que é a partir da interação entre

bibliotecário e usuário que o conhecimento se torna uma via de mão dupla. Da mesma maneira, acredito que algumas concepções ou sentidos cristalizados e estereotipados que se tem hoje sobre o espaço físico da biblioteca e sobre as práticas do bibliotecário podem influenciar para o distanciamento entre os diferentes atores do processo educacional.

A escolha do campo empírico levou em consideração que a Faculdade de Medicina da UFRGS é uma das mais antigas do país, assim como sua biblioteca universitária. Fundada em 25 de julho de 1898 como “Faculdade de Medicina e Farmácia de Porto Alegre”, teve como origem o Curso de Partos da Santa Casa de Misericórdia de Porto Alegre. É a terceira escola médica do país e a primeira criada no Estado do Rio Grande do Sul, precedida apenas pela Escola de Cirurgia da Bahia e pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Sua federalização ocorreu em 1931, e em 1934 integrou a constituição da Universidade de Porto Alegre, mais tarde denominada Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Conforme consta na edição comemorativa referente ao centenário da FAMED, “*Fogos de bengala nos céus de Porto Alegre*” (HASSEN; RIGATTO, 1998, p. 49), a fundação da Biblioteca ocorreu no ano de 1900, a partir da aquisição da primeira sede da Faculdade de Medicina, situada então na “Rua da Alegria”, atual General Vitorino, no centro de Porto Alegre, e foi organizada pelo Prof. Diogo Martins Ferrás.

Segundo Nicanor Letti (2012), Diogo Martins Ferrás nasceu em Porto Alegre em 19 de janeiro de 1869. Foi professor na Escola de Medicina e Pharmacia em 1898, onde ministrou a disciplina Física Médica, suprimida do currículo em 1901. No referido ano, foi nomeado bibliotecário da Faculdade e, ao mesmo tempo, professor interino de Fisiologia. Em 1907 assumiu a Diretoria da Faculdade de Medicina, e em 1915 pediu exoneração do cargo de bibliotecário da biblioteca médica, a Biblioteca FAMED/HCPA, onde deixou um acervo de mais de 10 mil exemplares.

O primeiro curso de Biblioteconomia no Brasil foi oferecido pela Biblioteca Nacional e teve início em 10 de abril de 1915, mas o reconhecimento legal da profissão ocorreu bem mais tarde, em 1962, com a aprovação da Lei nº 4.084, que dispôs sobre o exercício da profissão de bibliotecário. Portanto, quando a Biblioteca da Faculdade de Medicina foi fundada, a profissão de “bibliotecário” ainda não era regulamentada e não havia órgãos de fiscalização, podendo a função ser exercida por pessoas sem formação específica. No período que antecedeu a formalização da profissão era muito comum encontrar professores exercendo as atividades biblioteconômicas, tanto em escolas como em faculdades.

Em 1924, a Biblioteca mudou-se para o prédio construído especialmente para a Faculdade de Medicina, situado atualmente na Rua Sarmiento Leite, e em 1990 foi assinado o convênio de cooperação estabelecido entre a Universidade e o Hospital de Clínicas de Porto Alegre (HCPA), no qual a Biblioteca da Faculdade de Medicina se fundiu com a Biblioteca do Hospital, com a denominação Biblioteca FAMED/HCPA. Em 1991, parte dela foi transferida para uma sala no 2º andar do Hospital de Clínicas enquanto era construído o atual prédio que a abriga, situado na Rua Ramiro Barcelos, para o qual foi transferida oito anos depois.

Conforme o Regimento atual da FAMED, a Biblioteca é o órgão responsável por organizar, conservar e manter atualizado o acervo de material bibliográfico referente aos temas que integram os programas de ensino, pesquisa e extensão na área de Ciências da Saúde, bem como a produção intelectual do corpo docente e técnico-científico da UFRGS e do corpo clínico e assistencial do HCPA. Nota-se que o Regimento restringe a atuação da biblioteca à preservação de acervos, direcionando a prática do profissional bibliotecário.

Conforme dados do Sistema de Automação de Bibliotecas da UFRGS (SABi)<sup>1</sup>, em 2016 a Biblioteca FAMED/HCPA possuía um acervo de aproximadamente 15.000 títulos de livros e 740 títulos de periódicos. Esta Biblioteca faz parte do Sistema de Bibliotecas da UFRGS, composto por 33 unidades, e é subordinada administrativamente à Faculdade de Medicina e tecnicamente à Biblioteca Central da Universidade. Ela abrange principalmente os cursos de Graduação (Medicina e Nutrição) e de Pós-Graduação da FAMED e do HCPA. A Biblioteca é setorial e especializada na área da Saúde, prestando atendimento também aos servidores e discentes da UFRGS e do HCPA e à comunidade em geral.

Conforme dados obtidos da Secretaria Administrativa, no 1º semestre de 2016 a FAMED contou com 1.141 matrículas em seus cursos de Graduação, 1.047 matrículas nos cursos de Pós-Graduação, 47 servidores técnico-administrativos e 286 professores, ou seja, público-alvo do atendimento realizado pela Biblioteca FAMED/HCPA, juntamente com os cerca de 6.300 funcionários do HCPA. No período compreendido para este estudo, a Biblioteca possuía 12 servidores técnico-administrativos (seis bibliotecários e seis assistentes), uma bibliotecária do HCPA e cinco bolsistas.

Além de todas as atividades referentes ao processamento técnico de documentos, de organização de acervos e de gestão da Biblioteca, os bibliotecários também realizam atendimento aos usuários internos e externos à Universidade, presencialmente e por *e-mail*,

---

<sup>1</sup> UFRGS. Sistema de Automação de Bibliotecas (SABi). Disponível em: <<http://sabi.ufrgs.br/F?RN=981983754>>. Acesso em: 26 set. 2016.

e ainda através de serviços de Comutação Bibliográfica (serviço cooperativo que obtém documentos em bibliotecas de outras instituições). As orientações sobre normatização de documentos e uso dos recursos de informação são realizadas na Biblioteca individualmente e/ou através de eventos (palestras, capacitações, seminários) organizados por seus funcionários.

Dentre os recursos de informação e pesquisa disponíveis para a comunidade acadêmica tem-se bases de dados como Access Medicine, Minha Biblioteca, E-Volution, Atheneu, Cochrane Library, DynaMed, Embase, Base Hisa, Lilacs, Medline, Primal Pictures, Pubmed, Scopus, Web of Science e Portal de Periódicos da Capes, entre outras, assinadas pela Biblioteca Central da UFRGS ou pelo HCPA.

As bibliotecas foram, e ainda são, espaços fortemente impactados pelo uso dos recursos de informação digital e *on-line* impostos pela cibercultura, pois esses novos formatos configuraram alterações significativas nas práticas dos trabalhadores da biblioteca. Hoje, em diversas bibliotecas universitárias não há como trabalhar se não houver acesso em rede (internet), uma vez que os acervos de livros, por exemplo, estão registrados em bases de dados *on-line*, e não é possível localizar um livro através das antigas “fichas catalográficas em papel”, que foram extintas.

A informação científica, antes restrita ao espaço físico das bibliotecas, circula atualmente também nas redes, o que torna os trabalhadores da biblioteca extremamente dependentes do acesso *on-line*. Esta dependência ocorre tanto para o desenvolvimento de suas atividades técnicas como para o atendimento às demandas dos leitores atuais, pois a partir da cibercultura surgiram novas práticas de leitura e, com elas, leitores diferenciados, autônomos e, em alguns casos, altamente familiarizados com os recursos de informação propostos pelas tecnologias digitais.

Além disso, com o uso das tecnologias digitais extinguiram-se algumas atividades que eram realizadas exclusivamente por bibliotecários, a exemplo da confecção de fichas catalográficas, que hoje podem ser feitas através de programas de computador.

Outras atividades técnicas também podem estar ameaçadas, se pensadas a partir de uma postura profissional estática ou pouco ativa dos bibliotecários frente às constantes transformações sociais e tecnológicas, como é o caso da catalogação ou da indexação (atividades de organização de acervo). Um exemplo disso é que profissionais de outras áreas já estão trabalhando com a organização da informação e alguns realizam indexação especializada, como é o caso dos informáticos.

Somadas às diversas ameaças à manutenção das bibliotecas tradicionais devido à cibercultura, observa-se que as práticas de bibliotecários que atuam em bibliotecas universitárias ainda se apresentam muito voltadas à gestão de recursos (humanos e materiais), à gestão de espaços físicos da biblioteca e de seus acervos, quando talvez seja preciso se pensar em outras funções ou em novas práticas para melhor atender a comunidade acadêmica.

Diante do exposto, questiona-se: Por que não pensar em práticas e/ou funções educacionais ou pedagógicas para os bibliotecários?

Hoje, a maioria das bibliotecas universitárias possuem seus catálogos *on-line* nos quais registram suas publicações impressas. Entretanto, no momento em que as publicações estiverem todas em meio digital, talvez os catálogos locais sejam dispensáveis e venham a ser inutilizados ou adaptados, já que, em uma perspectiva futura, se pode inferir que os livros que hoje vêm pré-catalogados das editoras sejam catalogados diretamente na rede, dispensando este trabalho feito por bibliotecários nas bibliotecas acadêmicas.

E ainda: tendo em vista que muitas publicações institucionais e acadêmicas já são registradas diretamente nos repositórios institucionais, e que os principais periódicos científicos da área médica estão disponíveis quase exclusivamente em bases de dados *on-line*, talvez a permanência do espaço físico clássico da biblioteca se justifique mais como um espaço de leitura e interação entre os usuários, e nesse caso as práticas atuais dos bibliotecários terão de ser modificadas. Por isso, torna-se iminente a necessidade de refletir sobre elas.

Para isso, a análise das concepções sobre o espaço físico da Biblioteca FAMED/HCPA e sobre as práticas do bibliotecário, proposta por este estudo, pretende contribuir para a reflexão sobre o futuro das bibliotecas universitárias e o futuro das práticas dos bibliotecários nesse ambiente.

Defende-se também que as bibliotecas universitárias são consideradas um suporte informacional para a formação acadêmica, juntamente com a contribuição do profissional bibliotecário para o apoio à base curricular da Graduação e da Pós-Graduação. Por esta razão, faz-se importante compreender como os bibliotecários e os usuários desses ambientes percebem seus espaços.

No entanto, esta pesquisa abordará apenas as percepções dos bibliotecários, deixando como sugestão para os próximos estudos a abordagem sobre as percepções dos



usuários da Biblioteca, que serão identificados a partir dos termos “leitor”, “pesquisador” e “usuário” ao longo deste trabalho.

Para alcançar o objetivo proposto, essa dissertação estrutura-se da seguinte forma:

O capítulo 2, intitulado “*Contexto no qual a biblioteca e a prática do bibliotecário se transformam*”, apresenta o referencial teórico utilizado como base para contextualizar as mudanças nas práticas de leitura e nas práticas bibliotecárias no ambiente acadêmico em tempos de cibercultura, assim como as transformações ocorridas nos suportes de informação que alteraram as formas de acesso às bibliotecas, principalmente com relação à informação digital e ao livro eletrônico. Para isso, teve-se como base a leitura das obras de Lúcia Santaella, Roger Chartier, Humberto Eco, Jean-Claude Carrière e David Lanke. Ainda nesse capítulo, apresentam-se considerações de outros autores sobre a profissão do bibliotecário na chamada “Era Digital”.

Já no capítulo 3, intitulado “*A Biblioteca segundo os bibliotecários: trajetórias, atuações e concepções em tempos de cibercultura*”, apresenta-se uma análise sobre as concepções e os sentidos atribuídos pelos bibliotecários ao espaço físico da Biblioteca FAMED/HCPA e à sua atuação e práticas. Esse capítulo foi organizado a partir de cinco temas, com os seguintes subtítulos: “Caminho metodológico”, “Memórias sobre a Biblioteca FAMED/HCPA”, “Trajetória e atuação profissional”; “Prática bibliotecária” e “Espaço físico da Biblioteca FAMED/HCPA”. Foi construído com base nas oito entrevistas realizadas com bibliotecárias vinculadas à Biblioteca FAMED/HCPA, nas quais se obteve narrativas de todas as seis bibliotecárias atuantes na Biblioteca no ano de 2016<sup>2</sup>, somando-se a elas duas bibliotecárias aposentadas que nela trabalharam por mais de 20 anos. Por fim, apresentam-se as considerações e sugestões finais deste estudo.

---

<sup>2</sup> Após a aprovação do projeto pelo Comitê de Ética em Pesquisa em 28 de outubro de 2016, a pesquisadora encaminhou um convite oficial às bibliotecárias para participação no referido estudo e, a partir da aceitação, foram realizadas as entrevistas durante o mês de novembro de 2016.

## 2 O CONTEXTO EM QUE A BIBLIOTECA E A PRÁTICA DO BIBLIOTECÁRIO SE TRANSFORMAM

Teóricos como Roger Chartier, Umberto Eco e Jean-Claude Carrière discutem as transformações ocorridas nas práticas e nos hábitos de leitura a partir do uso dos suportes de informação digital. Tais transformações impactaram não apenas no contexto e na distribuição do espaço físico das bibliotecas, mas também nas práticas profissionais dos bibliotecários. E como as bibliotecas ainda estão muito atreladas à ideia de repositório de livros, principalmente impressos, as considerações desses autores contribuem para uma análise sobre o futuro do espaço físico tradicional das bibliotecas. Suas teorias também contextualizam historicamente as modificações nos suportes de leitura e seus impactos nos espaços e nas práticas das bibliotecas.

Em pesquisas médicas, atualmente, é característico o uso de bases de dados *on-line*, principalmente de periódicos eletrônicos; no entanto, não se pretende analisar neste estudo o uso das diferentes fontes de informação, mas permitir uma reflexão sobre o futuro das bibliotecas universitárias tal como estão dispostas nos dias atuais. Por esse motivo, optou-se por um referencial teórico que discute também as questões referentes ao livro eletrônico, pois a utilização dos espaços físicos das bibliotecas universitárias e de seus serviços continua atrelada ao uso do livro, principalmente do livro impresso.

Atualmente, para acessar informações científicas, seja no livro ou no periódico eletrônico, o pesquisador não necessariamente precisa utilizar o espaço da biblioteca ou consultar um bibliotecário, visto que pode ter acesso a partir de qualquer equipamento conectado à internet (*smartphones*, *tablets*, computadores etc.) em locais públicos ou privados, ou seja, até mesmo em sua casa ou no gabinete de trabalho.

Percebe-se, assim, que o leitor da cibercultura está se afastando cada vez mais do ambiente físico das bibliotecas e, por isso, há grandes discussões entre as vantagens e as desvantagens dos materiais digitais e impressos e as implicações referentes ao uso e à preservação da informação nesses suportes. As discussões abordadas ao longo deste capítulo permeiam as comparações entre o suporte impresso e o suporte digital e os hábitos de leitura adotados a partir do uso deles.

Na obra “*Não contem com o fim do livro*”, Humberto Eco e Jean-Claude Carrière (2010) apresentam algumas implicações a partir dos suportes de leitura eletrônicos, tanto para os leitores quanto para as bibliotecas. Como exemplos, o acesso e a portabilidade dos materiais digitais, a permanência do livro impresso e das bibliotecas, as constantes

mudanças nos formatos dos arquivos e a velocidade da renovação tecnológica que requer um constante aprendizado. Já Roger Chartier, em sua obra “*A aventura do livro: do leitor ao navegador*” (1999), apresenta as modificações nos hábitos de ler, ou seja, na relação entre o leitor e a leitura a partir dos suportes digitais, além das vantagens e desvantagens da extensa quantidade de informações disponíveis em rede.

Diante das transformações de suporte por que passam os recursos de informação e a aquisição de conhecimento, ou seja, do impresso ao digital, Eco e Carrière (2010, p. 8) consideram que é importante analisar as mudanças derivadas dessa transformação, suas vantagens e desvantagens:

A questão está antes em saber que mudança a leitura na tela introduzirá no que até hoje abordamos virando as páginas dos livros. O que ganharemos com esses novos livrinhos brancos, e, principalmente, o que perderemos? Hábitos ancestrais talvez. Certa sacralidade com que o livro foi aureolado no contexto de uma civilização que o instalara no altar. Uma intimidade especial entre o autor e seu leitor que a noção de hipertextualidade irá necessariamente constranger.

Os autores preocuparam-se em descrever as implicações de se ter o formato digital do livro como único suporte, dentre elas a portabilidade: “A propósito, o computador depende da eletricidade e não pode ser lido em uma banheira, tampouco deitado na cama. Logo, o livro se apresenta como uma ferramenta mais flexível.” (ECO; CARRIÈRE, 2010, p. 16).

Apesar de os autores conhecerem e terem pensado sobre os dispositivos de leitura nas décadas de 1980 e 1990, à época ainda não havia difusão em massa dos dispositivos móveis digitais nem a quantidade de publicações eletrônicas que se tem hoje. Contudo, nota-se que muitos discursos atuais dos profissionais que atuam em bibliotecas universitárias ou especializadas ainda são embasados nas considerações desses autores.

Relativamente ao futuro do livro, Eco e Carrière (2010, p. 16-17) pensaram:

Das duas, uma: ou o livro permanecerá o suporte da leitura, ou existirá alguma coisa similar ao que o livro nunca deixou de ser, mesmo antes da invenção da tipografia. As variações em torno do objeto livro não modificaram sua função, nem sua sintaxe, em mais de quinhentos anos. O livro é como a colher, o martelo, a roda ou a tesoura. Uma vez inventados, não podem ser aprimorados. Você não pode fazer uma colher melhor que uma colher.

Prosseguindo em seu diálogo com Carrière, Eco já previu a substituição do suporte do livro, pois considera que talvez evoluíssem seus componentes e suas páginas, que podem, inclusive, não ser mais em papel. Entretanto, entende que sua função não mudará, ou seja, ele permanecerá o que é. Logo, questiona se a leitura de um clássico no e-book terá o mesmo efeito que a leitura de um livro impresso, já que, para ele, o ato de leitura envolve uma relação física, uma aproximação corporal e emocional entre o livro e seu leitor.

Em diversos domínios, o livro eletrônico proporcionará um conforto extraordinário. Continuo simplesmente a me perguntar se, mesmo com a tecnologia mais bem adaptada às exigências da leitura, será viável ler *Guerra e paz* num e-book. (ECO; CARRIÈRE, 2010, p. 17).

Entretanto, é importante salientar que as colocações de Eco se debruçam sobre o livro de literatura apenas, não considerando as publicações de cunho científico, cujo conteúdo possui uma “data de validade” pré-estabelecida e a tendência é que suas publicações sejam exclusivamente eletrônicas.

A partir das transformações propiciadas pelo digital, Carrière pondera em seu diálogo com Eco (ECO; CARRIÈRE, 2010, p. 18), referindo-se à permanência do livro impresso e das bibliotecas tradicionais: “Tudo pode acontecer. Amanhã, os livros podem vir a interessar apenas a um punhado de irredutíveis que saciarão sua curiosidade nostálgica em museus e bibliotecas.” Nesse trecho, percebe-se que o autor se remete às bibliotecas a partir de uma ideia historicamente construída a considerar que a principal função das bibliotecas é guardar e preservar acervos impressos. Tal ideia se reflete não apenas nas práticas dos bibliotecários, mas também em sua representação social.

Eco e Carrière (2010) fazem importantes críticas às mudanças de formatos no meio digital, que exigem a constante aquisição de novos aparelhos, enquanto os formatos anteriores necessitam de equipamentos antigos para projetar os textos. Consideram que atualmente não existe nada mais efêmero do que os suportes que chamam de “duráveis”, ou seja, os suportes digitais disponíveis, como computadores, *tablets* e *smartphones*, entre outros dispositivos.

Eco (2010, p. 41) acrescenta também que a aceleração na obsolescência dos suportes “duráveis” contribui para a extinção da memória, no sentido de que é necessário reorganizar constantemente a logística de armazenamento e os modos de pensamento:

A velocidade com que a tecnologia se renova impõe-nos um ritmo insustentável de reorganização contínua de nossos hábitos mentais, é verdade. A cada dois anos seria preciso mudar de computador, uma vez que é precisamente dessa forma que são concebidos esses aparelhos: para se tornarem obsoletos após um certo prazo, consertá-los custando mais caro que substituí-los. A cada ano seria preciso mudar de carro porque o novo modelo apresenta vantagens em termos de segurança, de acessórios eletrônicos etc. E cada nova tecnologia implica a aquisição de um novo sistema de reflexos, o qual exige novos esforços, e isso em um prazo cada vez mais curto. (ECO; CARRIÈRE, 2010, p. 41).

Todas essas questões impactam também em diversas práticas profissionais, principalmente nas práticas daqueles que organizam as informações e/ou o conhecimento, como é o caso dos bibliotecários.

A rápida obsolescência de suportes de informação citada por Eco e Carrière (2010) também está associada às interfaces de pesquisa e de leitura *on-line* que, por suas rápidas modificações, exigem do leitor constante aprendizagem e adaptação de uso.

Os autores ponderam ainda sobre a existência de outra questão importante a ser pensada, que é a conservação e a recuperação da informação digital:

Não temos certeza de que no futuro disporemos de energia suficiente para funcionar todas as nossas máquinas. Pensemos no blecaute em Nova York, em julho de 2006. Imaginemos que tivesse se estendido e prolongado. Sem eletricidade, está tudo irremediavelmente perdido. Em contrapartida, ainda poderemos ler livros, durante o dia, ou à noite à luz de uma vela, quando toda a herança audiovisual tiver desaparecido. (ECO; CARRIÈRE, 2010, p. 30).

Esta questão também é de interesse dos bibliotecários e permeia as discussões sobre a preservação dos conteúdos nas bibliotecas digitais.

Eco (2010, p. 57) também menciona a efemeridade do conhecimento proposta pela cibercultura, que faz com que se esteja sempre em preparação para o futuro:

Agora, você dedica duas semanas a compreender alguma coisa de um novo software e, quando arduamente o domina, um novo é proposto e imposto. Logo, não é um problema de memória que se perderia. Seria antes, para mim, o da labilidade do presente.

Carrière completa que as pessoas estão instaladas no *movediço*, no cambiante, no renovável, no efêmero, e em uma época em que se vive cada vez mais tempo. E Eco complementa que, diferentemente do passado, quando o que se sabia podia ser utilizado até

sua morte e a de seus filhos, pois aos 18 ou 20 anos as pessoas se aposentavam epistemologicamente, hoje o funcionário de uma empresa deve atualizar constantemente seus conhecimentos sob pena de perder seu trabalho, o que o condena a ser eterno estudante. (ECO; CARRIÈRE, 2010). Esta colocação combina com a ideia de que, atualmente, se faz necessária não só a busca pelo conhecimento, mas a frequente reflexão e reavaliação das práticas profissionais.

Eco e Carrière (2010) apresentam algumas mudanças sociais propostas pelo uso das tecnologias digitais e pela cibercultura. Assim, suas discussões em torno do livro eletrônico podem ser estendidas à informação digital em geral, visto que, embora o espaço físico das bibliotecas possa ainda estar muito atrelado à ideia de “lugar de livros”, elas são depositárias também de diferentes tipos de publicações em variados suportes.

No que se refere à obra de Chartier (1999), nota-se que a história das bibliotecas ganha um novo movimento a partir da mudança no formato das publicações, que antes se disseminou com o livro em papel (impresso) e agora passa a ser disseminada com as publicações em meio digital. Com isso, as práticas dos bibliotecários também ganharam um novo movimento. Hoje, existem bibliotecas exclusivamente digitais, ou seja, somente com conteúdo eletrônico, e bibliotecas híbridas, que possuem os dois formatos, o que também provocou mudanças nos espaços de leitura e nas concepções a respeito deles, pois a partir do uso das publicações eletrônicas surgiram novas formas de leitura e competências dos leitores.

Chartier (1999) apresentou importantes contribuições ao abordar as principais mudanças neste sentido, o que chama de “a revolução das revoluções”, principalmente quando comparada à “revolução de Gutenberg”, uma vez que a publicação eletrônica deixa de ser um espaço de leitura limitado ao seu texto e às conexões mentais que o leitor realiza.

O fluxo sequencial do texto na tela, a continuidade que lhe é dada, o fato de que suas fronteiras não são mais tão radicalmente visíveis, como o livro que encerra, no interior de sua encadernação ou de sua capa, o texto que ele carrega, a possibilidade para o leitor de embaralhar, de entrecruzar, de reunir textos que são inscritos na mesma memória eletrônica: todos esses traços indicam que a revolução do livro eletrônico é uma revolução nas estruturas do suporte material do escrito, assim como nas maneiras de ler. (CHARTIER, 1999, p. 13).

A partir das características do leitor do texto eletrônico propostas por Chartier (1999), pode-se inferir também que ele é mais livre no sentido de que esse tipo de texto lhe possibilita maior interatividade em comparação ao impresso. Além disso, o meio digital

permite que o leitor se torne também autor, e que seu escrito possa ser editado e difundido muito rapidamente na rede.

Embora esse formato apresente vantagens para o leitor, diferentemente do livro impresso, tais como melhor portabilidade, maior capacidade de armazenamento de dados, possibilidade de estabelecer relações hipertextuais e marcações, entre outras, ainda ocorrem muitas discussões por parte das bibliotecas. Há muitas preocupações com relação à sua preservação, às formas de manuseio e à garantia de acesso a esse material, discutindo-se também diferentes modos de aprendizagem que ocorrem durante o uso das publicações digitais.

No que se refere à leitura, para Chartier (1999) ela é sempre apropriação, invenção e produção de significados, e as interpretações e mudanças com relação à produção de sentidos a partir dela não dependem apenas do suporte no qual é apresentada, mas, principalmente, de limitações e hábitos que a caracterizam, pois “cada leitor, para cada uma de suas leituras, em cada circunstância, é singular”. (CHARTIER, 1999, p. 91).

Entretanto, a singularidade é determinada não apenas pelas capacidades do leitor, mas também pelos fatores que fazem com que ele seja semelhante àqueles que pertencem à mesma comunidade.

Toda a história da leitura supõe, em seu princípio, esta liberdade do leitor que desloca e subverte aquilo que o livro lhe pretende impor. Mas essa liberdade leitora não é jamais absoluta. Ela é cercada por limitações derivadas das capacidades, convenções e hábitos que caracterizam, em suas diferenças, as práticas de leitura. Os gestos mudam segundo os tempos e lugares, os objetos lidos e as razões de ler. Novas atitudes são inventadas, outras se extinguem. (CHARTIER, 1999, p. 77).

O autor reforça a ideia de que as práticas de leitura são determinadas pelos hábitos de leitura da sociedade na qual o indivíduo está inserido, assim como a produção de significados por elas propiciada, e considera radicalmente novo que, com a revolução eletrônica, não haverá processo de aprendizagem permanente de uma geração a outra de leitores, visto que, com as constantes mudanças na eletrônica e nos suportes tecnológicos de leitura, serão constantes as transformações nas maneiras de ler e no uso dos recursos.

Outra discussão é feita a partir da quantidade de textos que são produzidos e difundidos por meio dos suportes digitais e seu impacto na geração de conhecimento, uma vez que não se tem a figura do leitor distanciada da figura do autor; ou seja, o leitor

transforma-se em autor e rapidamente disponibiliza seu texto na rede, proporcionando um considerável aumento na produção e na disponibilização de escritos, sons e imagens.

Sabendo-se que há grande quantidade de informação em diferentes suportes para organizar, este aspecto impacta nas práticas dos bibliotecários e demonstra a importância de instrumentos que qualifiquem o processo de busca e recuperação de informação neste contexto. Embora Chartier (1999) não cite a figura do bibliotecário explicitamente, verificam-se indícios da importância dos saberes e das práticas deste profissional no ambiente virtual, dado que ele pode atuar tanto na organização da informação a ser buscada como na própria recuperação dela. O autor considera que a proliferação textual pode se tornar um obstáculo ao conhecimento e, para dominá-la, são necessários instrumentos capazes de triar, classificar, hierarquizar. Por ter uma formação voltada para a organização do conhecimento, o bibliotecário deve estar apto a criar ou utilizar esses instrumentos.

No que se refere às bibliotecas, Chartier (1999, p. 117) considera que as principais mudanças ocorridas com o texto eletrônico possibilitam imaginar uma biblioteca universal, de acordo com a histórica proposta da Biblioteca de Alexandria, só que desta vez com uma diferença considerável: a de que para isso não será necessário que todos os livros estejam reunidos em um único lugar, considerando que, “pela primeira vez, na história da humanidade, a contradição entre o mundo fechado das coleções e o universo infinito do escrito perde seu caráter inelutável”.

Para Chartier (1999), a superprodução de textos, sons e imagens propiciada pela informação em rede faz com que a imagem da biblioteca seja modificada, de lugar de proteção e “de receptáculo da eternidade” para uma imagem mais invasora e ameaçadora, a do “incontrolável”. Considera que o bom leitor é aquele que evita certo número de livros, enquanto um bom bibliotecário é aquele que “poda” sua biblioteca, ou seja, seleciona somente os materiais relevantes, “cortando” as informações irrelevantes.

A partir do texto eletrônico, disponível em rede, para Chartier (1999, p. 134) também é possível repensar o antigo sonho de unir universalidade e interatividade, pois “aquilo que outrora só era permitido pela comunicação manuscrita ou a circulação dos impressos encontra hoje um suporte poderoso com o texto eletrônico”. Entretanto, sabe que persiste um limite intransponível para a realização do universal, que é o fato de não haver uma língua universal, mas no que se refere à interatividade proposta pela leitura em meio digital considera também que ela pode levar a um isolamento espacial do leitor, pois:



A leitura na biblioteca eletrônica refugia-se com frequência em “camarotes”, gabinetes isolados ou silenciosos em que está presa sua tela. Isto é exatamente o contrário da postura interativa que se enaltece: comunicamo-nos talvez com o universal, mas não com as pessoas que nos são geograficamente próximas. (CHARTIER, 1999, p. 142).

Como dito anteriormente, com o texto digital as pessoas não precisam frequentar fisicamente os espaços públicos como a biblioteca, a universidade e até mesmo a escola para terem acesso ao conhecimento registrado; podem fazê-lo sem sair de casa, através de um dispositivo móvel ou de um terminal de computador conectado em rede. Logo, como observa Chartier (1999, p. 144): “A relação privada com o texto corre o risco de se separar de toda forma de espaço comunitário.” Nesse cenário, os espaços físicos das bibliotecas precisam adaptar-se às novas demandas dos leitores, e os bibliotecários deverão organizar esse espaço para tal. A nova configuração remete à ideia de dispensar também o contato com professores e bibliotecários, que passam a atuar majoritariamente nos “bastidores”, ou seja, na organização e na disponibilização dos textos (escritos, sons ou imagens) através da rede. Nessa relação, o leitor tem maior autonomia sobre suas leituras e/ou pesquisas, comportamentos percebidos atualmente.

Chartier (1999, p. 152) considera que o livro impresso permanecerá por longos anos e, possivelmente, será visto mais como objeto de coleção e preservação do que de consumo: “No tempo das telas, o mundo da coleção tem ainda belos dias diante de si.” Entende-se que o autor não se refere às bibliotecas acadêmicas, mas àquelas guardiãs de clássicos literários, visto que nas bibliotecas universitárias as publicações científicas (livros, periódicos e outras) são consideradas bens de consumo cujo conteúdo, na maioria dos casos, possui um prazo de validade.

A “biblioteca eletrônica sem muros” mencionada por Chartier já é uma realidade que ameaça a ideia tradicional de biblioteca e transforma as práticas profissionais nesse ambiente. Por isso, questiona-se: Será que as concepções e os sentidos atribuídos ao espaço físico da biblioteca tradicional e às práticas biblioteconômicas estão acompanhando as mudanças propostas pela cibercultura? Esta investigação cabe aos bibliotecários, por serem responsáveis por sua atuação e práticas nas bibliotecas e, também, pela manutenção desse espaço físico e de sua cultura profissional. No entanto, devido à grande abrangência da discussão, esse estudo pretende investigar apenas as concepções e os sentidos atribuídos pelos bibliotecários da Biblioteca FAMED/HCPA como contribuição para uma reflexão sobre o tema.

## 2.1 O “Ser Bibliotecário” na “Era Digital”

Na década de 1990 havia grandes questionamentos e hipóteses sobre a atuação do bibliotecário na chamada “era digital”, ou seja, a partir da cibercultura. Em seu artigo “*Bibliotecas virtuais e cibertecários*”, Rodrigues (1995) utilizou o termo “cibertecário” para definir o bibliotecário que atua no ciberespaço. Uma de suas hipóteses é de que nesse espaço os bibliotecários continuariam fazendo o que sempre fizeram, ou seja, promovendo o acesso à informação, organizando-a, descrevendo-a, preservando-a e criando instrumentos que facilitem sua localização e difusão.

Para Rodrigues (1995), este profissional é vocacionado para desempenhar um importante papel na organização e no tratamento da informação frente ao excesso, à desorganização, às dificuldades para identificar e localizar recursos, trazidas pela internet. Segundo este autor, tais características fazem um forte apelo ao estabelecimento e à utilização de princípios e técnicas de organização e identificação, de catalogação, classificação e indexação dos recursos, pois é necessário pôr alguma “ordem” no “caos” da internet. Por isso, considerou que a atividade bibliotecária seria uma atividade altamente apreciada e reconhecida nesse contexto:

As competências “tradicionais” dos profissionais da informação poderão acrescentar valor aos serviços eletrônicos em rede, já existentes ou em criação. Mas, se os bibliotecários continuarão a fazer o que sempre fizeram, também é verdade que o farão em condições substancialmente diferentes, que exigirão novos métodos e técnicas, novas competências e novas funções. (RODRIGUES, 1995, p. 6).

Uma das mudanças previstas por Rodrigues (1995) está nas formas da prestação de atendimento e ajuda aos leitores na localização e seleção da informação, que podem variar entre a tradicional comunicação presencial da entrevista de referência na biblioteca até a utilização de videoconferência para entrevistas remotas, entre outros recursos de comunicação. O autor considerou que a participação dos bibliotecários na construção e no desenvolvimento das bibliotecas digitais estaria no topo das funções prioritárias.

Na mesma linha de pensamento sobre o futuro das bibliotecas e do profissional bibliotecário, Drabenstott e Burman (1997, p. 10) teceram muitas considerações, dentre elas que “uma mudança de posicionamentos é necessária se quisermos encarar a biblioteca do futuro como um mecanismo de distribuição, e não mais como um depósito de materiais”; e também: “Na biblioteca do futuro, os bibliotecários não mais estarão ligados

a locais físicos ou perto de coleções, porque os recursos informacionais estarão distribuídos via rede e disponíveis aos usuários por meio da capacidade da rede”.

As autoras explicitam, ainda, que o bibliotecário deverá ser um especialista em acesso à base de dados.

A perspectiva é também de que o bibliotecário que atua no contexto acadêmico fique mais próximo dos departamentos universitários e escolas em geral, tendo oportunidade de melhor conhecer a cultura organizacional e questões de ensino e pesquisa e, com isso, desenvolver ferramentas informacionais específicas para navegação em redes, com diferenças em cada caso. (DRABENSTOTT; BURMAN, 1997, p. 10).

Quanto ao desenvolvimento de coleções, Drabenstott e Burman (1997) consideram que as pessoas terão que lidar com os editores relativamente à questão das autorizações de acesso aos documentos *on-line*, e não mais com a encomenda de livros, como ocorre ainda com livros impressos. Em decorrência disso, inevitavelmente, o espaço físico da biblioteca será menos utilizado, o que indica também que, quando as publicações estiverem todas *on-line*, talvez ele se torne desnecessário.

Quanto ao processamento técnico, uma atividade técnica grandemente valorizada pelos bibliotecários, Drabenstott e Burman (1997, p. 11) defendem que:

Na biblioteca do futuro, catalogação será coisa do passado, em vista de a recuperação de textos e imagens contar com os padrões técnicos práticos de catalogação descritiva automatizada. Muitas rotinas serão feitas por contratos externos. Editores de originais eletrônicos contarão com *staff* próprio que proverá registros bibliográficos padronizados, com uma variedade de pontos de acesso por assunto.

Estudos posteriores mostraram que, devido à grande profusão de metadados, não será possível uma catalogação totalmente automatizada; no entanto, esse processo sofreu muitas modificações a partir da introdução das tecnologias digitais e dos novos suportes de informação.

Quanto ao futuro do serviço de compartilhamento de recursos editoriais, como os serviços de comutação bibliográfica, por exemplo, talvez se trate “de um sistema mais restritivo do que a legislação por *copyright*, a fim de que seja proibido qualquer tipo de intercâmbio de material por meio de empréstimo interbibliotecário”. (DRABENSTOTT; BURMAN, 1997, p. 10).

Drabenstott e Burman (1997, p. 11) entendem que uma das características do bibliotecário será a itinerância, ou seja, a atuação fora da biblioteca, sendo que este profissional se envolverá também com “planejar e idealizar publicações eletrônicas”, “desenvolver bases de dados e outros tipos especiais de arquivos e produções digitais”, e “dar instruções específicas aos usuários para lidar com as novas tecnologias, ensinando-os também a navegar no *cyberespaço*, nas redes eletrônicas”.

Assim, o bibliotecário deverá se posicionar frente às mudanças impostas pela cibercultura e mostrar sua importância, sob pena de ter suas funções desempenhadas por profissionais de outras áreas.

O bibliotecário, portanto, deve ir à luta, posicionar-se diante das mudanças existentes no acesso à informação pelas redes eletrônicas, mesmo que parte considerável de seus colegas se portem de modo irritante contra as novas tecnologias. É preciso que se aproveite a oportunidade para demonstrar a importância de seus conhecimentos, experiência e identificação profissional na manipulação da informação e no atendimento aos usuários, bem como se assente qual seja seu novo “fazer” neste contexto digital. Refletir sobre valores, atitudes e paradigmas específicos que identifiquem sua área, sim, mas não esperar sentado para que outros profissionais tomem seu posto. (DRABENSTOTT; BURMAN, 1997, p. 15).

Entretanto, apesar de todas as ameaças, Drabenstott e Burman (1997, p. 11) consideram que não há o que temer se o bibliotecário for pró-ativo, acompanhar as transformações impostas pelas tecnologias digitais e dominar os fundamentos biblioteconômicos, pois:

Nenhuma máquina poderá competir com um profissional como o bibliotecário criativo, flexível e rico em conhecimentos de seu *mettier*, aquele que provê interação interpessoal, avalia a resposta, comunica, sintetiza e faz julgamento. Seu desafio é basicamente ajudar o usuário, sabendo discernir a pessoa certa para formular a questão certa e encontrar a resposta adequada ao caso. Para isso, deve se basear nos fundamentos biblioteconômicos.

Parece que o futuro do bibliotecário e das bibliotecas, principalmente as universitárias, se desenrola na direção exposta por Rodrigues (1995) e Drabenstott e Burman (1997). Entretanto, mesmo considerando as dificuldades práticas do dia a dia da profissão, a falta de recursos financeiros em muitos casos, entre outras questões que impossibilitam grandes avanços por parte das bibliotecas e são amplamente utilizadas como justificativa por seus gestores, parece a esta pesquisadora que as percepções dos

bibliotecários ainda não convergem nessa direção, pois ainda se apresentam muito ligadas ao ambiente das bibliotecas tradicionais, ou seja, ao que Drabentstott e Burman (1997) denominam também como “edifícios”.

Atualmente, devido à atuação do bibliotecário vir ocorrendo também fora do ambiente das bibliotecas tradicionais e a partir da inserção deste profissional no ambiente virtual ou em outros ambientes que tratam apenas com informação, há quem defenda a mudança de nomenclatura, de formação em Biblioteconomia para Graduação em Ciência da Informação. Entretanto, por ser uma profissão regulamentada, essa alteração é bastante questionada e pouco apoiada pela maioria das instituições de ensino em Biblioteconomia, uma vez percebido que as atribuições do profissional bibliotecário se aplicam tanto ao ambiente das bibliotecas híbridas como ao das bibliotecas digitais, pois não há distinção na legislação que diferencie a atuação do bibliotecário nesses ambientes.

Por isso, o profissional bibliotecário é habilitado e também responsável pela organização e administração de bibliotecas no contexto digital, devendo promover o uso dos recursos de informação, sejam digitais ou analógicos, ao público ao qual se destinam, conforme institui o Decreto nº 56.725, de 16 de agosto de 1965, do Conselho Federal de Biblioteconomia - CFB (BRASIL, 1965), que dispõe sobre o exercício da profissão e apresenta as atribuições deste profissional:

Art. 8º – São atribuições do Bibliotecário a organização, direção e execução dos serviços técnicos de repartições públicas federais, estaduais, municipais e autárquicas, bem como de empresas particulares, concernentes às matérias e atividades seguintes:

- I. o ensino das disciplinas específicas de Biblioteconomia;
- II. a fiscalização de estabelecimentos de ensino de Biblioteconomia reconhecidos, equiparados ou em via de equiparação;
- III. administração e direção de bibliotecas;
- IV. organização e direção dos serviços de documentação;
- V. execução dos serviços de classificação e catalogação de manuscritos e de livros raros ou preciosos, de mapotecas, de publicações oficiais e seriadas, de bibliografia e referência.

No entanto, segundo um estudo feito por Santa Anna, Pereira e Campos (2013, p. 17), esse ambiente híbrido no qual o profissional atua hoje “é permeado por circunstâncias mistas, o que exige a pluralidade de produtos e serviços na qual o bibliotecário deve atuar”. E ainda:

[...] novas competências de cunho tecnológico, educacional e cultural merecem ser inseridas no conjunto de competências do MIP (Moderno Profissional da Informação), visando satisfazer as complexidades dos fazeres bibliotecários no espaço híbrido, espaço esse típico do novo milênio. (SANTA ANNA; PEREIRA; CAMPOS, 2013, p. 17).

Segundo a divulgação do Conselho Regional de Biblioteconomia da Sexta Região (CRB/6), embora ainda legalmente restrito ao ambiente das bibliotecas, este profissional atua também em outros contextos, considerando o bibliotecário como consultor, mediador, planejador, gestor, educador, pesquisador, facilitador, disseminador e bibliotecário, prestando apoio à educação e ao desenvolvimento científico e tecnológico e contribuindo para a geração do conhecimento, pois readaptou suas competências e habilidades às novas formas de tratamento da informação.

Entretanto, questiona-se: Será que as concepções dos próprios bibliotecários sobre suas práticas atuais se aproximam dessa visão?

A partir da minha experiência como bibliotecária na Biblioteca FAMED/HCPA, penso que é extremamente importante que o profissional bibliotecário, principalmente aquele que atua em bibliotecas universitárias voltadas à formação médica, possua certas habilidades e competências, como saber realizar pesquisas especializadas, principalmente, na perspectiva da revisão sistemática do conhecimento produzido na área da Saúde, além das tradicionais habilidades que os bibliotecários devem possuir de:

- auxiliar na localização e na sistematização de recursos de informação e pesquisa;
- auxiliar na recuperação da informação, segundo as necessidades do usuário;
- dominar o processo de busca, seleção e avaliação crítica da literatura;
- auxiliar os usuários na busca de informações especializadas e na escolha de fontes;
- orientar ao uso de descritores autorizados, recursos de filtragem para cruzamento de dados e uso de operadores lógicos de pesquisa (operadores *booleanos*)<sup>3</sup>;
- conhecer as necessidades informacionais da comunidade acadêmica que atende.

No entanto, nem todos os profissionais que atuam nessa área desenvolvem tais habilidades e competências, visto que nem todos realizam atendimento aos usuários de forma frequente.

---

<sup>3</sup> Conforme definição dada pela Biblioteca Virtual em Saúde (BVS), os operadores lógicos de pesquisa ou operadores booleanos relacionam as palavras ou grupos de palavras no processo de elaboração da pesquisa. Estes operadores são: **AND - OR - AND NOT**. Texto disponível em: <<http://revistas-hisa.bvs.br/help/operadores.htm>>. Acesso em: 28 set. 2016.

Belluzzo (2005, p. 34) também aborda essa questão quando diz que “as habilidades dos bibliotecários, a maioria das vezes, ainda se acham centradas no documento e não no acesso propriamente dito”, e isso se agrava a partir da diversidade de documentos em meio digital com os quais esses profissionais precisam interatuar.

Alguns bibliotecários trabalham quase exclusivamente no processamento técnico, e muitas vezes não realizam um estudo para conhecer com mais profundidade as demandas da comunidade atendida.

A atuação predominantemente em uma atividade técnica específica também já foi abordada por Drabenstott e Burman (1997, p. 10) e não corresponde a uma característica do que as autoras consideraram a “biblioteca do futuro”:

As estruturas organizacionais dos sistemas digitais de informação serão mais flexíveis, e seu pessoal não estará permanentemente sediado em determinadas seções técnicas ou departamentos, mas ligado a equipes de trabalho a curto ou longo prazo, quer manipulando e endereçando informação, quer idealizando sistemas de distribuição e acesso, porém com apoio centralizado.

Considera-se que o conhecimento do bibliotecário é útil também para a estruturação e a apresentação de resultados de pesquisa, pois este profissional possui formação específica e conhece diferentes normas, desde a elaboração de resumos, citações, formas de apresentação, elaboração de fichas catalográficas (catalogação na publicação), solicitação de registro de ISBN (International Standard Book Number) para livros e elaboração de referências bibliográficas, entre outras.

Esse profissional também possui conhecimentos sobre Direitos Autorais no Brasil. Portanto, acredita-se que suas práticas podem contribuir bem mais para os ambientes acadêmicos, principalmente para o desenvolvimento das seguintes habilidades descritas por Belluzzo (2005, p. 37):

Ao término do período de educação formalizada de caráter obrigatório, as pessoas devem estar aptas a aplicar estratégias, métodos e técnicas de tratamento da informação. Face à complexidade decorrente do volume de dados contraditórios, falsos, fidedignos, incoerentes ou não, incompletos ou não, pertinentes ou sem nenhum significado ou relevância, é preciso ser seletivo, com a capacidade de comparar, categorizar, representar, inferir, transferir e interpretar criticamente a informação disponibilizada em meio tradicional e eletrônico, transformando-a em novo conhecimento. Este é o desafio e o diferencial deste século.

Quanto à atuação do bibliotecário, como já havia previsto Rodrigues (1995), nos dias atuais este profissional tem trabalhado e contribuído para a criação e a utilização de bibliotecas digitais e de outros recursos de informação nos ciberespaços. Entretanto, há outras questões importantes relativas a sua atuação e, para melhor identificá-las, esse estudo se propôs também a responder às seguintes indagações: *Como o bibliotecário define sua prática em tempos de cibercultura? Será que suas práticas estão de acordo com os discursos atuais sobre sua profissão?*

Nota-se, por conseguinte, que as constantes mudanças relacionadas à atuação e às práticas do profissional bibliotecário estão pautadas nas transformações ocorridas nos suportes de informação, principalmente no que se refere à introdução dos suportes de informação digital e com relação às práticas de leitura e de pesquisa modificadas por eles, que serão discutidas no próximo subcapítulo.

## **2.2 Ciberespaço e Cibercultura: novas práticas de leitura e cognição**

De acordo com Santaella (2004, p. 45), o universo virtual das redes fez surgir um mundo paralelo ao espaço físico no qual o corpo se move e teve seu nascimento com a internet, que abriga uma infinidade de portais e sites de todas as espécies. Esse espaço vem sendo chamado de ciberespaço e consiste em uma realidade multidirecional, artificial ou virtual, incorporada a uma rede global. Por conseguinte, as comunidades virtuais do ciberespaço vêm crescendo e se diferenciando intensivamente, e produziram o surgimento de uma nova cultura, a cultura do ciberespaço ou cibercultura. “Trata-se, portanto, de um espaço informacional, no qual os dados são configurados de tal modo que o usuário pode acessar, movimentar e trocar informação com um incontável número de outros usuários.”

Apesar de não haver um consenso na literatura sobre os sentidos dados ao ciberespaço, alguns autores apresentam suas definições, a exemplo de Santaella (2004, p. 45), que define ciberespaço como um “espaço informacional multidimensional que depende da interação do usuário, permite a este o acesso, a manipulação, a transformação e o intercâmbio de seus fluxos codificados de informação”, considerando que é o espaço que se abre quando o usuário se conecta à rede, ou seja, um espaço feito de circuitos de informação a ser percorrido em um universo etéreo que se amplia indefinidamente.

Para Santaella (2004), a navegação nesse espaço propõe diferentes graus de imersão, e é nesse sentido que o adjetivo “imersivo” qualifica o novo tipo de leitor, na medida em que se entenda “leitor” como aquele que desenvolve determinadas disposições



e competências que o habilitam para a recepção e a resposta à densa quantidade de signos do mundo. Este leitor especial navega através de dados híbridos (textos, sons e imagens) próprios da hipermídia.

Santaella (2004) também especifica o perfil cognitivo do leitor atual que navega no ciberespaço e apresenta o perfil dos outros tipos principais de leitores do texto escrito, que compreendem: o leitor contemplativo, o leitor movente, o leitor imersivo e o leitor ubíquo. Suas discussões voltam-se para o estudo das novas formas de percepção e cognição que os atuais suportes eletrônicos e as estruturas híbridas e não lineares do texto escrito estão fazendo emergir, ou seja, as novas disposições, habilidades e competências de leitura que estão aparecendo e o leitor que está surgindo com o uso das redes e conexões eletrônicas.

Sobre os tipos de leitores, Santaella (2004) considera que o contemplativo é um leitor de signos de objetos duráveis, imóveis, localizáveis e mensuráveis que podem ser revisitados quantas vezes se queira, por exemplo, o impresso, que contempla e medita e não sofre as urgências do tempo. E entre os sentidos, a visão reina soberana, complementada pela imaginação.

Entretanto, ao longo da história o leitor contemplativo passou a leitor movente (leitor de jornais, revistas, cinema, propagandas etc.), a partir da Revolução Industrial e do desenvolvimento dos núcleos urbanos e do mercado, possuindo novos ritmos de atenção, que passam com a mesma velocidade de um estado fixo para um móvel. Ou seja: “É o leitor treinado nas distrações fugazes e sensações evanescentes cuja percepção se tornou uma atividade instável, de intensidades desiguais. É enfim, o leitor apressado de linguagens efêmeras, híbridas, misturadas.” (SANTAELLA, 2004, p. 29). E ainda: “Um leitor que precisa esquecer, pelo excesso de estímulos, e na falta do tempo para retê-los”, o que a autora chama de leitor de “fatias de realidade”, sincronizado à aceleração do mundo, e que prepara sua sensibilidade perceptiva para o surgimento do leitor imersivo, através da “aceleração da percepção, do ritmo da atenção, flutuando entre a distração e a intensidade da penetração no instante perceptivo”. (SANTAELLA, 2004, p. 29)

Ainda segundo Santaella (2004, p. 32):

Graças à digitalização e à compressão dos dados, todo e qualquer tipo de signo pode ser recebido, estocado, tratado e difundido, via computador. Aliada à telecomunicação, a informática permite que esses dados cruzem oceanos, continentes, hemisférios, conectando numa mesma rede gigantesca de transmissão e acesso potencialmente qualquer ser humano do globo. Tendo na multimídia seu suporte e na hipermídia sua linguagem, esses signos de todos os signos estão disponíveis ao mais leve

dos toques, no clique de um *mouse*. Nasce aí um terceiro tipo de leitor, um leitor imersivo, distinto dos anteriores.

O leitor na cibercultura (leitor imersivo) é distinto dos anteriores, pois não tropeça ou esbarra em signos físicos, materiais como o movente ou, ainda:

Aquele que segue sequências de um texto virando páginas, manuseando volumes, percorrendo com passos lentos a biblioteca, como o contemplativo, mas um leitor em alerta, conectado entre nós e nexos, num roteiro multilinear, multissequencial e labiríntico que ele próprio ajudou a construir ao interagir com os nós entre palavras, imagens, documentação, músicas, vídeos etc. (SANTAELLA, 2004, p. 33).

Entretanto, Santaella (2004) considera que as características cognitivas desse leitor ainda foram pouco exploradas.

De acordo com as transformações ocorridas através da cultura digital e com a aceleração delas, que causam assombro, surge um quarto tipo de leitor, o leitor ubíquo, cuja denominação já é também utilizada por outros pesquisadores da cultura digital.

O leitor ubíquo possui as características dos três tipos anteriores, porém com uma nova condição de leitura e cognição a partir da ideia de estar sempre presente em qualquer tempo e lugar, o que traz enormes desafios para a educação. “Quer dizer, a atenção responde ao mesmo tempo a distintos focos sem se demorar reflexivamente em nenhum deles. Ela é continuamente parcial. Esse é o perfil cognitivo do leitor ubíquo.” (SANTAELLA, 2014, p. 36).

E a autora conclui que:

O maior desafio da educação hoje, em todos os seus níveis, dos elementares aos pós-graduados, é o da criação de estratégias de integração dos quatro tipos de leitores, contemplativo, movente, imersivo e ubíquo, ou seja, estratégias de complementação e não de substituição de um leitor pelo outro. (SANTAELLA, 2014, p. 36).

Pode-se dizer que o leitor ubíquo é também o usuário/pesquisador que frequenta as bibliotecas atualmente, e por isso o estudo de suas características pode auxiliar os bibliotecários, tanto na identificação das necessidades e preferências informacionais destes usuários como na eleição do caminho a percorrer durante as capacitações que oferecem.

A partir da facilidade de navegação e pelo uso de hipertextos e hiperlinks possibilitados pelo trânsito na rede, o leitor ubíquo é visivelmente um leitor mais exigente,

e isso talvez faça com que prefira uma leitura *on-line* (imersiva, ubíqua), na qual tem múltiplas possibilidades de navegação e conexão, a uma leitura em um impresso (mais contemplativa), que não permite as mesmas ligações.

São considerações importantes para entender os modos de leitura a partir do surgimento dos diferentes estímulos e pensá-los na perspectiva contemporânea e futura.

De acordo com as mudanças no perfil dos leitores, que possivelmente modificam os sentidos e as concepções sobre a biblioteca, considera-se importante identificar, além das práticas profissionais atuais do bibliotecário, as percepções sobre o espaço físico da biblioteca para melhor atender esse leitor diferenciado, pois as estruturas que antes eram voltadas apenas ao leitor contemplativo (do livro impresso e da imagem fixa), e depois para o leitor movente (que surge a partir da leitura de jornais, revistas, cinema etc.), devem ser repensadas na perspectiva do leitor imersivo e do leitor ubíquo (leitor da virtualidade), pois estes, além de somarem as características dos outros dois tipos, possuem novas habilidades perceptivas sensório-motoras e cognitivas.

### **2.3 Reflexões de David Lankes em “expect more”: uma aproximação ao tema**

Diante das incertezas sobre o futuro das bibliotecas e das práticas dos bibliotecários na cibercultura, Lankes (2012) apresenta algumas ideias que contribuem para que os bibliotecários repensem sua profissão e atuação frente às transformações sociais propostas pela cibercultura.

Lankes (2012, id= 8376) faz importantes considerações sobre as bibliotecas e a atuação dos bibliotecários e, principalmente, sobre o perigo de se priorizar os acervos em detrimento da participação dos usuários na criação de espaços e serviços. O autor considera que “bibliotecas ruins somente criam um acervo”, enquanto “boas bibliotecas criam serviços” e “grandes bibliotecas constroem comunidades”. Para isso, menciona um comportamento desejável nos bibliotecários:

Os bibliotecários não deveriam trabalhar exclusivamente por causa do seu emprego ou porque precisam criar um produto que precise ser consumido pela comunidade, mas pelo fato de tornar sua comunidade melhor, onde seus membros não apoiam a biblioteca porque são clientes satisfeitos, mas porque são parte integrante e atuante dentro da biblioteca. (LANKES, 2012, id= 8376).

O autor apresenta uma visão ativa e inovadora da profissão, no sentido de envolver os usuários, que ele chama de “comunidade”, na criação dos produtos e serviços oferecidos pelas bibliotecas. Essa ideia parece estar de acordo com as tendências para a nova geração de produtores e consumidores de informação, que alguns autores definem como “Geração Z”, ou seja, a geração dos “nativos digitais”.

Segundo Lankes (2012, id= 8376):

Bibliotecas não devem ser para pessoas, mas de pessoas. Quando um membro da comunidade caminhar por uma biblioteca, ele deve vislumbrar oportunidades para contribuir, ter voz, ajudar a instituição. Da mesma forma, o bibliotecário deve apresentar um excelente serviço não somente porque assim deve fazê-lo, porque recebe um salário para isso, mas porque sua comunidade irá melhorar e, conseqüentemente, teremos melhores bibliotecários. É um ciclo vicioso e virtuoso.

Conforme Lankes (2012, id= 8376), “as bibliotecas se preocupam mais em como providenciar o acesso ao conhecimento do que em como ajudar sua comunidade a criá-lo”, quando deveria ser o contrário. Ao mencionar que as bibliotecas devam ser fonte de inspiração e criação do conhecimento, talvez esteja considerando não apenas a necessidade de pró-atividade do bibliotecário, mas também o desenvolvimento de certas capacidades pedagógicas. Para isso, o profissional bibliotecário deverá ser mais que um facilitador, ou seja, mais que uma ponte de acesso à informação.

As considerações de Lankes são fundamentais para que se repensem as práticas dos bibliotecários nos dias atuais, pois suas ideias aproximam estes profissionais da geração do conhecimento e propõem que ele exerça seu potencial social.

Portanto, os bibliotecários devem ter a noção de que o conhecimento é dinâmico, ou seja, não é algo apenas contido em livros, artigos ou bases de dados, ou, ainda, que só é facilitado pelo uso desses artefatos. A geração do conhecimento envolve mais do que isso, envolve as pessoas, os interagentes e suas comunidades. Por isso, Lankes considera necessário que as bibliotecas acompanhem as novas configurações sociais e efetivamente se transformem em espaços de aprendizagem.

Foi-se o tempo em que o modelo de ensino do “professor no palco” era visto como a melhor forma de entregar o conteúdo que há no currículo do curso. Agora os alunos criam conhecimento, colocam a “mão na massa”, trabalham juntos em projetos. Longas horas de slides de PowerPoint estão sendo trocados por simulações e jogos. As ciências cognitivas e de aprendizagem nos mostram que as pessoas não são espaços vazios à espera de alguém que os encha de conhecimento; muito pelo contrário,

quem aprende é proativo. Aquele professor que ficava no palco agora está ao lado do aluno, e as bibliotecas devem passar pela mesma mudança. (LANKES, 2012, id=8451).

A mudança nos modelos educacionais por si só já se constitui um bom motivo para se repensar os espaços e os tradicionais serviços das bibliotecas, assim como a própria atividade bibliotecária. Neste estudo, concorda-se com a visão de Lankes (2012, id=8451) de que um bom bibliotecário não se limita a acervos e que deve ser “um parceiro ativo no processo de aprendizagem”. Um bom bibliotecário também é “uma espécie de professor” que colabora com os docentes para aprofundar os assuntos tratados em sala de aula de maneira livre, mas estruturada. Entretanto, para que esse profissional possa se inserir no contexto curricular atual, é necessária não só uma pró-atividade ou uma aproximação com os docentes, mas também uma formação pedagógica, o que ainda não se percebe nos currículos da Graduação em Biblioteconomia no Brasil e talvez mereça ser pensado.

Lankes (2010) aborda também a questão das bibliotecas universitárias, considerando que podem organizar grupos de estudos e construir comunidades *on-line*, pois saber trabalhar em equipe é uma competência cada vez mais necessária e frequentemente abordada no processo de ensino dos professores universitários.

No entanto, muitas vezes isso fica somente em sala de aula, não sendo visível a participação da biblioteca, que poderia apresentar ferramentas de colaboração online, acesso e edição de documentos ou até mesmo locais para armazenar citações e referências. A biblioteca pode prover diferentes maneiras de acesso. A biblioteca deveria ser um local para ir, seja fisicamente ou de maneira online, que ajudasse a criar e compartilhar ideias, que é como as comunidades aprendem: colaborando e conversando. (LANKES, 2012, id=8451).

Tais formulações reforçam a necessidade de se repensar os espaços das bibliotecas e as atividades dos bibliotecários que atuam nelas, para um melhor aproveitamento dos recursos educacionais e o desenvolvimento de funções colaborativas. Nas bibliotecas universitárias, hoje, nota-se a necessidade de o bibliotecário se engajar nas atividades curriculares, nas salas de aula e departamentos, e de se relacionar com os professores.

Para Lankes (2012), a preocupação com a organização e a publicação da informação deve se somar à preocupação com a aprendizagem ou com a compreensão da informação. Nesse contexto, deve-se encarar o usuário como um parceiro, e não como um cliente.

Enquanto estamos aqui sentados e debatendo quando nós entregaremos nossas leituras ou quanto tempo isso levará para acontecer, em quais meios será transmitida, isso já está acontecendo. Os professores já estão perdendo o controle de acompanhar isso; não basta mais entregar algo para que os alunos leiam, é necessário que todos parem, sentem e pensem juntos sobre o que leem, pois a informação é muito dinâmica. (LANKES, 2012, id=8451).

Muitos bibliotecários concordam com Lankes e, conforme suas possibilidades institucionais, já estão implantando mudanças em seu local de trabalho. No entanto, faz-se importante conhecer o que esses profissionais estão pensando sobre o futuro das bibliotecas universitárias e sobre suas possíveis novas funções. Conforme apresenta Lankes (2012, id=8451), as bibliotecas e os bibliotecários podem fazer mais:

A nova visão da biblioteca não é um local ou uma coleção de livros, mas uma plataforma para que a comunidade crie e compartilhe conhecimento. Isso é mais do que uma mudança teórica. Traz reais implicações de como as bibliotecas se organizam e como usam a tecnologia.

O autor está correto ao dizer que uma biblioteca não deve ser pensada como um edifício ou um acervo apenas, pois um espaço com mesas e livros não é suficiente para a geração de conhecimento. É necessário que os bibliotecários tomem consciência de suas responsabilidades na relação dos usuários com a biblioteca e na excelência do trabalho desempenhado. Os bibliotecários precisam perder o medo de errar, conforme apresentado:

Excelentes bibliotecários não têm medo de demonstrar que estão aprendendo também; na verdade eles têm medo é de não aprender com alguém. Portanto, eis um ponto essencial: **excelentes bibliotecas vêm de excelentes bibliotecários**. Grandes bibliotecários experimentam novos serviços e não têm medo de falhar.

Há diferença entre fracasso e erro. Um erro é quando você faz algo errado e não consegue aprender nada com isso; uma falha é quando você consegue extrair um aprendizado. Quando os bibliotecários não experimentam coisas novas por medo de errar ou porque tem medo de alguma outra coisa (da má gestão, quem sabe), significa que eles não estão aprendendo nada. (LANKES, 2012, id=8558).

Lankes (2012) questiona se a estrutura de biblioteca atual, na qual se tem duas grandes seções, o serviço de referência e o serviço técnico, é a mais adequada e estimula a participação da comunidade atendida. Por vezes, durante minha atuação profissional também me questioneei sobre isso.

Por que o mesmo modelo em todo lugar? Parte disso vem da própria formação dos bibliotecários, ainda muito pensada na biblioteca como um local de livros. O serviço técnico é de onde livros vêm e o de referência é de onde os livros saem. Mas é assim que funciona a sua comunidade? Será que este modelo vislumbra uma maior participação da comunidade? (LANKES, 2012, id=848).

Ao que parece, os bibliotecários de universidades públicas pouco conhecem as aspirações e as preferências da comunidade que atendem, visto que se encontram imersos em suas atividades técnicas de organização de acervos e, com isso, sobra pouco ou nenhum tempo para a interação com os usuários da biblioteca. A atividade de organização da informação exige sempre maior dedicação por parte dos bibliotecários, pois há um crescente número de publicações em diversos suportes. E há de se considerar também que, no Brasil, as universidades públicas não contam com um número suficiente de profissionais para atender toda a demanda.

Lankes (2012) também cita os efeitos proporcionados pela tecnologia. Um deles é a compactação dos acervos, e o outro, uma nova configuração do espaço físico da biblioteca, que impacta nas atividades dos bibliotecários.

Agora eles podem deixar o edifício para trabalhar em outros locais, facilitando a criação de conhecimento. Suas ferramentas de trabalho estão disponíveis em smartphones e tablets. Os bibliotecários podem trabalhar remotamente via mídias sociais, construindo também com outros especialistas novas ferramentas baseadas na web. (LANKES, 2012, id=8481).

Além disso, tem-se que outros profissionais estão se dedicando a disponibilizar e organizar conteúdos para uma sociedade conectada e aproximam-se das atividades dos bibliotecários, o que para alguns é desconcertante, como explica:

Alguns bibliotecários veem esta proximidade como uma ameaça. Querem se resguardar em suas atividades técnicas e buscam por uma fronteira que os proteja de outros profissionais da informação. É um grande problema quando você define sua profissão pela função e ferramenta que utiliza ao invés da sua missão e impacto. Quando bibliotecários se definem da primeira forma, novidades se tornam ameaças, ou pior, quando alguém faz algo semelhante torna-se concorrência. (LANKES, 2012, id=8541).

“Uma solução seria os bibliotecários estabelecerem parcerias, mas para isso o estereótipo de que ele é um profissional isolado, calado, precisa deixar de existir.” (LANKES, 2012, id=8541).

Quando se refere à atuação dos bibliotecários nas bibliotecas universitárias, Lankes (2012, id=8558) percebe outras contribuições desse profissional:

Se a universidade estiver discutindo atualização curricular, a equipe da biblioteca, além de preparar seu acervo quanto a isso, poderia realizar pesquisas sobre as tendências de mercado que um currículo acadêmico poderia atender, novas metodologias de ensino e criação de espaços participativos para discutir o tema periodicamente.

Para Lankes (2012, id=8558), “bibliotecas ruins veem os materiais físicos como sendo unicamente coleção; já as melhores bibliotecas veem a própria comunidade como coleção”; ainda: “bibliotecas ruins constroem conexões entre itens; grandes bibliotecas o fazem com pessoas”; e “a diferença entre a boa e a excelente se resume a que a primeira serve a sua comunidade, e a segunda a inspira”. Tal colocação auxilia no questionamento de como os bibliotecários estão percebendo sua atuação e sua biblioteca.

No próximo capítulo analisam-se as informações produzidas a partir das entrevistas realizadas com as bibliotecárias da Biblioteca FAMED/HCPA.



### **3 A BIBLIOTECA SEGUNDO OS BIBLIOTECÁRIOS: TRAJETÓRIAS, ATUAÇÕES E CONCEPÇÕES EM TEMPOS DE CIBERCULTURA**

Como foi mencionado na parte introdutória do estudo, esta pesquisa pretendeu conhecer as concepções e os sentidos atribuídos pelos bibliotecários sobre o espaço físico da biblioteca e sobre suas práticas, contribuindo para a reflexão acerca do aprimoramento deste espaço e da atuação destes profissionais frente às práticas e aos hábitos de leitura do “ciberleitor”.

As bibliotecas universitárias mantêm-se como importantes suportes informacionais para a formação acadêmica, juntamente com a contribuição do profissional bibliotecário, para o apoio à base curricular da Graduação e da Pós-Graduação. Logo, esse capítulo foi construído com base nos procedimentos realizados para a produção dos dados e na análise das entrevistas realizadas com as bibliotecárias vinculadas à Biblioteca FAMED/HCPA, uma instituição que atende principalmente os cursos de Graduação em Medicina e em Nutrição e os cursos de Pós-Graduação da área Médica da UFRGS, funcionários do HCPA e a comunidade em geral.

#### **3.1 Caminho metodológico**

Para identificar os sentidos atribuídos ao espaço físico da Biblioteca FAMED/HCPA e às práticas dos bibliotecários, foi selecionado material bibliográfico em teses, dissertações e artigos de periódicos, a fim de embasar as reflexões e discussões sobre o futuro da biblioteca e das práticas biblioteconômicas.

Quanto ao referencial teórico, optou-se pela leitura de alguns autores clássicos que embasaram discussões sobre as mudanças nas práticas de leitura no ambiente acadêmico em tempos de cibercultura, como Lúcia Santaella, ou que ainda possibilitam compreender também o contexto no qual as bibliotecas e as práticas dos bibliotecários se transformam e são discutidas, como Roger Chartier, Humberto Eco, Jean-Claude Carrière e David Lankester, entre outros.

Diante das transformações sociais e educacionais ocorridas a partir do movimento da cibercultura, considerou-se importante também rever a trajetória de funcionamento desta Biblioteca, a fim de entender as possíveis mudanças de sentido ocorridas sobre ela e sobre suas práticas.

Para conhecer as concepções e os sentidos atribuídos pelos bibliotecários e estabelecer relações entre eles, foram realizadas oito entrevistas com as bibliotecárias do quadro de funcionários ativos e inativos da Biblioteca FAMED/HCPA, uma vez que os relatos de inativos contribuíram para o registro de uma pequena parte da memória institucional e para o entendimento das transformações nas práticas biblioteconômicas ao longo de um período mais amplo de funcionamento da instituição.

A abordagem da pesquisa é de natureza qualitativa na qual, segundo Bogdan e Biklen\* (*apud* LUDKE; ANDRÉ, 1986), os dados produzidos são predominantemente descritivos, a preocupação com o processo é muito maior do que com o produto, o “significado” que as pessoas dão às coisas e à sua vida são focos de atenção especial do pesquisador e a análise dos dados tende a seguir um processo indutivo.

O público delimitado para o estudo compreendeu os bibliotecários ativos e inativos da Biblioteca FAMED/HCPA, mais especificamente suas memórias, nas quais “o sujeito é convidado a ‘voltar atrás no tempo’ e, assim, sua memória inicia uma operação no sentido de reconstruir vivências do passado que hoje considera marcantes” (GRAZZIOTIN; ALMEIDA, 2012, p. 38), levando em consideração que a memória é sempre uma construção realizada a partir do presente.

Foram analisadas suas narrativas e suas memórias, e, dentro delas, suas concepções e sentidos sobre o espaço físico da Biblioteca e as práticas do bibliotecário a partir dos impactos ocasionados pela cibercultura.

O material empírico foi produzido através de entrevista semiestruturada, ou “entrevista compreensiva”, como prefere Zago (2003, p. 296): “Na pesquisa compreensiva, o pesquisador se engaja formalmente; o objetivo da investigação é a compreensão do social e, de acordo com este, o que interessa ao pesquisador é a riqueza do material que descobre.” O uso desta técnica permitiu que a pesquisa se desenvolvesse com maior liberdade, dispensando a consulta estrita ao roteiro: “Assim considerada, a entrevista não se limita à escuta e ao registro de informações, não se reduz, como já foi observado, à pura manipulação de técnicas nem a um encontro como qualquer outro.” (ZAGO, 2003, p. 306).

A escolha pela entrevista deve-se ao fato de ela representar um dos instrumentos básicos para a produção de dados e uma das principais técnicas de trabalho em quase todos os tipos de pesquisa utilizados nas Ciências Sociais. A entrevista desempenha importante papel não apenas em atividades científicas, mas em muitas outras atividades humanas. Permite correções, esclarecimentos e adaptações que a tornam eficaz na obtenção das informações desejadas. (LUDKE; ANDRÉ, 1986, p. 33).

Para Yin (2010), a entrevista é uma das fontes de informação mais importantes para o estudo de caso e possui duas tarefas a serem seguidas: adotar sua própria linha de investigação, como refletida pelo protocolo do estudo de caso, e formular questões verdadeiras (conversacionais) de maneira imparcial, para que também sirvam às necessidades de sua linha de investigação.

Considerando que a metodologia escolhida foi o estudo de caso, tem-se que “o estudo de caso parte do princípio de que o leitor vá usar esse conhecimento tácito para fazer as generalizações e desenvolver novas ideias, novos significados, novas compreensões”. (BOGDAN; BIKLEN\* *apud* LUDKE; ANDRÉ, 1986, p. 23). Assim,

Nesses estudos há sempre uma tentativa de capturar a “perspectiva dos participantes”, isto é, a maneira como os informantes encaram as questões que estão sendo focalizadas. Ao considerar os diferentes pontos de vista dos participantes, os estudos qualitativos permitem iluminar o dinamismo interno das situações, geralmente inacessível ao observador externo. (LUDKE; ANDRÉ, 1986, p. 12).

Optou-se por realizar um estudo de caso exploratório, dado que a pesquisa exploratória “tem como objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a constituir hipóteses”, e também se pode dizer que seu objetivo principal é o aprimoramento de ideias ou a descoberta de intuições. (GIL, 2002, p. 41).

“O estudo de caso é uma investigação empírica que investiga um fenômeno contemporâneo em profundidade e em seu contexto de vida real, especialmente quando os limites entre o fenômeno e o contexto não são claramente evidentes.” (YIN, 2010, p. 39)

Segundo Gil (2002), o estudo de caso é amplamente utilizado nas Ciências Biomédicas e Sociais e consiste em um estudo aprofundado de um ou de poucos objetos, de forma a permitir um conhecimento amplo e detalhado deles, tarefa que considera praticamente impossível mediante outros delineamentos. É o estudo de um caso distinto, que possui interesse próprio, singular, e tem um valor em si mesmo. (LUDKE; ANDRÉ, 1986).

Apesar da dificuldade ao se fazer generalizações a partir deste método,

[...] os propósitos do estudo de caso não são os de proporcionar o conhecimento preciso das características de uma população, mas os de proporcionar uma visão global do problema e/ou de identificar possíveis fatores que o influenciam ou são por ele influenciados. (GIL, 2002, p. 55).

A escolha desta metodologia deve-se à eleição de um contexto específico para a realização do estudo, que foi a Biblioteca FAMED/HCPA, por ser uma das bibliotecas universitárias mais antigas do país, que teve sua fundação no ano de 1900. A aproximação da pesquisadora com o campo empírico, tanto com colegas que atuam nesta Biblioteca como por ser membro do grupo dos servidores da Biblioteca FAMED/HCPA no *WhatsApp*, que contempla os bibliotecários aposentados, também contribuiu para a escolha deste ambiente específico, assim como a evidência de que os frequentadores desta Biblioteca fazem parte da população que utiliza e possui acesso às tecnologias digitais.

Segundo Ludke e André (1986), as principais características do estudo de caso são que esses estudos visam ao descobrimento, ressaltam a “interpretação em contexto”, buscam retratar a realidade de forma completa e profunda, utilizam várias fontes de informação e buscam representar os diferentes pontos de vista. Estas características correspondem ao que se pretende investigar. No que se refere à interpretação dos dados, ela se deu a partir da análise qualitativa dos depoimentos constituídos a partir das entrevistas.

Foram entrevistadas as seis bibliotecárias atuantes na Biblioteca FAMED/HCPA no ano de 2016 e, somando-se a elas, duas bibliotecárias aposentadas que trabalharam por mais de 20 anos nesta Biblioteca, totalizando oito entrevistas. No caso das bibliotecárias ativas esperou-se que suas respostas contribuíssem para identificar as modificações nas práticas dos profissionais formados em diferentes momentos.

No que se refere às bibliotecárias aposentadas, foram identificadas as profissionais que tiveram maior tempo de atuação na Biblioteca FAMED/HCPA a partir de conversa da pesquisadora com outras colegas aposentadas. Dentre elas, foram convidadas duas bibliotecárias com tempo de atuação superior a 20 anos na Biblioteca FAMED/HCPA, a fim de que contribuíssem para identificar as modificações nas práticas bibliotecárias propostas pela inserção da biblioteca na cibercultura. Para as aposentadas, o período de atuação na Biblioteca FAMED/HCPA foi de 23 anos para uma e 29 anos e meio para a outra. A aposentada com 23 anos de atuação na Biblioteca havia se afastado da atividade há menos de um ano, e a bibliotecária com 29 anos e meio de experiência afastou-se das atividades na UFRGS há 20 anos, mas trabalhou em outra universidade após esse período, tendo encerrado suas atividades como bibliotecária há quatro anos. Ambas foram convidadas a participar da pesquisa através de *e-mail* e *Whatsapp*, e aceitaram imediatamente e convite.

Quando questionadas sobre o melhor local para a realização das entrevistas, as bibliotecárias aposentadas preferiram realizá-las em suas residências, e isso foi adotado pela pesquisadora. O ambiente por elas escolhido facilitou a fluidez das explicações e a boa qualidade das gravações de áudio, pois no local não houve interferências externas significativas, correspondendo às recomendações de Grazziotin e Almeida (2012, p. 39) para esse tipo de estudo:

O melhor ambiente para o desenrolar das entrevistas é, de maneira geral, aquele que proporciona a evocação de memórias, ou seja, lugares que sinalizam quem é o sujeito, que seja mais próximo de suas referências de vida, e supostamente, menos suscetível às influências externas, oferecendo, portanto, um rico material de observação que auxilia no processo de composição das memórias do narrador.

As entrevistas com as bibliotecárias inativas tiveram duração de 70 a 95 minutos cada uma; já as entrevistas com bibliotecárias do quadro de funcionários ativos ocorreram na própria biblioteca, de forma individual, em uma sala reservada para estudos em grupo. A duração variou de 40 a 70 minutos, e o tempo dependeu das participantes.

As entrevistas mais longas foram aquelas realizadas com as colegas que tiveram maior tempo de atuação na Biblioteca, e sua realização ocorreu conforme disponibilidade das participantes. Algumas colegas organizaram-se para participar no mesmo dia, na sequência de horário da entrevista da outra, o que facilitou o trabalho da pesquisadora, que conseguiu realizar quase todas as entrevistas ao longo de dois dias. Assinala-se, no entanto, que foi mantido o anonimato das participantes, que serão identificadas como Entrevistada A, B, C, D, E, F, G e H. Na descrição de suas narrativas manteve-se a linguagem coloquial, própria da narrativa oral, das entrevistadas.

A adesão do público à pesquisa deu-se de acordo com o esperado pela pesquisadora. Entretanto, houve alguns imprevistos, como a não previsão do afastamento para Mestrado de uma das participantes, e isso ocasionou um pequeno atraso na finalização da produção de dados devido à espera do retorno da colega ao trabalho na Biblioteca. A pesquisadora também contou com uma preocupação a mais, pois às vésperas das primeiras entrevistas agendadas na Biblioteca recebeu por *e-mail* um comunicado da Secretaria da Faculdade de Medicina informando que no dia seguinte possivelmente haveria a ocupação do prédio da Faculdade de Medicina por seus estudantes, e eles não permitiriam o acesso das pessoas a esta Unidade, conforme já ocorria em outros prédios da UFRGS. À época, a ocupação dos prédios das universidades públicas e privadas estava ocorrendo em âmbito

nacional<sup>4</sup>, mas a ocupação do prédio da Faculdade de Medicina da UFRGS não chegou a se concretizar, o que permitiu o desenvolvimento da pesquisa dentro do cronograma esperado.

O roteiro inicial baseou-se nas seguintes perguntas:

- Conte um pouco de sua trajetória profissional. Como e por que você se tornou bibliotecária? O que a levou a escolher o curso?
- Conte um pouco sobre sua prática profissional na Biblioteca FAMED/HCPA. Quais mudanças você percebe em suas práticas ao longo do trabalho como bibliotecária?
- Qual é sua opinião sobre a atuação do bibliotecário na comunidade acadêmica?
- Como você percebe a prática do bibliotecário em tempos em que os usuários possuem acesso à internet?
- Em sua opinião, como deve ser a atuação do bibliotecário atualmente? Como você se sente como profissional?
- Como você define o espaço físico da Biblioteca em que trabalha? Qual é a sua percepção sobre ele?

Por se tratar de entrevistas semi-estruturadas, algumas outras questões foram surgindo ao longo das conversas, a fim de esclarecer dúvidas e/ou confirmar respostas, tais como: Como você percebe o usuário da biblioteca hoje? Qual é a importância do bibliotecário na comunidade acadêmica? Como percebe o futuro das bibliotecas universitárias?

A análise das respostas, apresentada a seguir, estrutura-se a partir de quatro temas: Memórias sobre a Biblioteca FAMED/HCPA, Trajetória e atuação profissional, Prática bibliotecária e Espaço físico da Biblioteca. O primeiro tema, Memórias sobre a biblioteca, foi analisado a partir de partes das narrativas que contemplaram a trajetória dessa Biblioteca ao longo dos anos. Já o segundo tema, Trajetória e atuação profissional, foi analisado a partir das respostas às seguintes questões: Conte um pouco de sua trajetória profissional. Como e por que você se tornou bibliotecária? Qual é sua opinião sobre a atuação do bibliotecário na comunidade acadêmica? Em sua opinião, como deve ser a atuação do bibliotecário atualmente? Como você se sente como profissional? Qual é a importância do bibliotecário na comunidade acadêmica?

---

<sup>4</sup> As ocupações de protesto, ocorridas em todo o país, deram-se como forma de pressão dos estudantes universitários contra a aprovação da Proposta de Emenda Constitucional/PEC 55, votada e aprovada em segundo turno pelo Senado Federal, no emblemático dia 13 de dezembro de 2016.

O terceiro tópico, Prática bibliotecária, foi analisado com base nas respostas às seguintes questões: Conte um pouco sobre sua prática profissional na Biblioteca FAMED/HCPA. Quais mudanças você percebe em suas práticas ao longo do trabalho como bibliotecária? Como você percebe a prática do bibliotecário em tempos em que os usuários possuem acesso à internet? Como você percebe o usuário da biblioteca hoje?

O último tópico, Espaço físico da Biblioteca, refere-se às questões: Como você define o espaço físico da Biblioteca em que trabalha ou em que trabalhou? Qual é a sua percepção sobre ele? Como percebe o futuro das bibliotecas universitárias?

### 3.2 Memórias sobre a Biblioteca FAMED/HCPA

Nessa etapa pode-se identificar parte da memória sobre a Biblioteca FAMED/HCPA ao longo de cinco décadas e algumas características sobre a pesquisa na área médica.

Sobre a localização e a área física da Biblioteca na década de 1960, segundo a Entrevistada H:

*“Desde o tempo que ela foi fundada, que eu saiba, por pessoas que se referiram, médicos que falavam, era no prédio do Instituto de Biociências que era a Faculdade de Medicina né. Quando tu tá na frente do Parque da Redenção, tinha uma entrada. A biblioteca tinha 800m<sup>2</sup>, então... tinha a parte de cima que era reservada aos livros e a parte de baixo aos periódicos.”* (Entrevistada H, 2016).

Com relação aos recursos de informação disponíveis, a Entrevistada H considera que eram adequados e suficientes para a época:

*“Em 1966, quando eu entrei lá pra Medicina, já a gente tinha na Biblioteca a assinatura do Bulletin of the Medical Library Association que saía quatro vezes por ano e sempre com artigos da Associação de Bibliotecários Médicos, que já existia da National Library. Então, nesse ano de 66 que eu entrei, saiu a primeira listagem básica da American Library Association no setor médico né, que preconizava o que uma pequena biblioteca médica tinha que ter.”* (Entrevistada H, 2016).

A Entrevistada G tece a seguinte consideração referente ao acervo de livros da década de 1990: “Não tinha muito material, o acervo era pobre, pobre.” Logo surgiram algumas questões: A biblioteca teve uma queda na qualidade de seu acervo nesse intervalo

de tempo? Por qual motivo? Ou sofreu uma perda de prestígio social nesse período de cerca de 30 anos, visto que ainda não havia uma informatização completa? Ou, ainda, houve uma queda nos investimentos financeiros?

Apesar de as hipóteses referentes às respostas contribuírem para a discussão sobre a história das práticas biblioteconômicas no contexto de estudo, no âmbito desta dissertação não será possível responder a tais questionamentos.

A Entrevistada H também faz referência a Noêmia Cutin, primeira bibliotecária com formação específica na área de Biblioteconomia a atuar na Biblioteca FAMED/HCPA, considerando que, na década de 1950, Noêmia já estava a par dos materiais bibliográficos que eram importantes para uma biblioteca da área médica, antes mesmo de serem publicadas as recomendações internacionais, em 1966, visto que já havia adquirido as bibliografias indicadas.

Em relação ao seu período de ingresso na biblioteca, a Entrevistada H (2016) fez o seguinte comentário: *“A Biblioteca da Medicina era referência”; “Até era bacana assim. A gente sabia quem estudava de médicos, porque se o cara que era médico e queria estudar, ele não dispensava a Biblioteca da Medicina da UFRGS.”* Nota-se, além de certo orgulho com relação ao ambiente de trabalho, um juízo de valor sobre o comportamento e a competência profissional dos futuros médicos a partir da utilização da Biblioteca.

No que se refere ao cargo de bibliotecário na Biblioteca FAMED/HCPA, a Entrevistada H (2016) informou que em 1966 havia apenas uma bibliotecária contratada pela Universidade. Era Célia Cobstein, sucessora de Noêmia Cutin. As demais bibliotecárias que trabalhavam na Biblioteca, recém-formadas pelo Curso de Biblioteconomia da UFRGS, possuíam cargo de auxiliar. Em 1968, o então Reitor, casado com uma bibliotecária e professora da Graduação em Biblioteconomia, decidiu contratar bibliotecários para as Faculdades nos diferentes Campus da Universidade, e então houve a contratação de cerca de 100 profissionais, conforme a Entrevistada H (2016): *“[...] entraram quase 100 bibliotecárias”*.

Quanto ao ensino e a pesquisa na área médica, o relato da Entrevistada H, abaixo, não só destaca a influência e a contribuição norte-americana para o desenvolvimento da Medicina no Brasil, mas também evidencia a importância e a contribuição do bibliotecário nesse contexto.

*“Cada especialidade da Medicina, vinham os livros que eram essenciais, claro que era com um viés totalmente americano, não é? hã... mas assim... os livros*



*clássicos de cada especialidade que eram indispensáveis que uma pequena biblioteca médica tivesse e depois dentro de cada especialidade que títulos de periódicos... Então, isso foi publicado pela primeira vez em 1966, mas a Noêmia Cutin já sabia disso, porque esses periódicos já vinham sendo assinados, então tu imagina...”* (Entrevistada H, 2016).

Sabendo-se que os estadunidenses continuam liderando o desenvolvimento das pesquisas e as publicações na área médica, percebe-se que não há grandes modificações entre o cenário que se tinha em 1959 e o que se tem hoje, em 2017, uma vez que, na Biblioteca FAMED/HCPA, boa parte da bibliografia da Medicina continua sendo importada dos norte-americanos.

Percebe-se também nas narrativas das bibliotecárias aposentadas que um dos principais fatores considerados de prestígio de uma biblioteca é a qualidade de seu acervo; ou seja, a visão de biblioteca ideal aparece ainda muito condicionada ao acervo disponibilizado para seus leitores. Somando-se a isso, tem-se a atualização e as boas relações que o profissional bibliotecário estabelece, como apresentado abaixo pela Entrevistada H em menção à primeira bibliotecária da FAMED, Noêmia Cutin:

*“Aquele biblioteca era classe A em termos de acervo, porque ela se embasou muito bem né? E era uma criatura que tinha um trânsito enorme, não só entre a Direção pra dizer o que tinha que ser assinado, mas era uma pessoa que estava sempre, absolutamente, em dia com o que se deveria fazer aqui nesse distante Brasil. Tu vê... isso eu falo 50 anos atrás, e ela mais, 60, porque ela já tinha ido embora quando eu entrei e já tinha organizado a biblioteca em 1959.”* (Entrevistada H, 2016).

Já na década de 1990, a Biblioteca FAMED/HCPA possuía outra localização, visto que em 1989 houve a mudança para o Hospital de Clínicas de Porto Alegre, a partir de um convênio entre o Hospital e a Universidade, ocorrendo a junção. No entanto, o acervo não foi completamente remanejado para o Hospital, como informa a Entrevistada D:

*“A Biblioteca era no primeiro andar do Hospital de Clínicas, em cima de onde hoje é a Emergência, a biblioteca tinha ido pra ali em 89 ou 90 quando teve a fusão das bibliotecas da Faculdade de Medicina com a do Hospital, a biblioteca ficou acomodada ali então nesse espaço. Mas só veio pra ali o material que era a partir de 1980, ou seja, todo o material histórico continuou num depósito lá no prédio antigo da Faculdade de Medicina na Rua Sarmiento Leite, tanto de periódicos, quanto livros. Nada veio pra aquele espaço ali.”* (Entrevistada D, 2016).

Quanto à necessidade de acesso aos materiais que ficaram no antigo prédio da Faculdade de Medicina, a Entrevistada G informa:

*“Então nós tínhamos um funcionário que, quando as pessoas queriam o material anterior a 1980, uma ou duas vezes por semana ele ia lá no acervo pegar o material e xerocar. E depois que ele se aposentou, ele continuou fazendo isso pra nós. Depois disso a biblioteca veio a... se mudar, em 1998, construíram o novo prédio da Medicina.”* (Entrevistada G, 2016).

Quanto aos equipamentos de informática disponíveis para a introdução da Biblioteca na cultura digital, segundo a Entrevistada H (2016), o primeiro computador foi adquirido para a Biblioteca na década de 1980: *“1988 quando veio o primeiro computador lá pra biblioteca, deixa eu ver... se estou falando certo... foi antes de nós nos mudarmos ali pra coisa que foi em 1989, foi 1988 sim.”*

Entretanto, a Entrevistada D (2016) relatou que em 1993 havia apenas um computador, que considerou “novo” para a época, pois tinha tela cinza e letras brancas, e era em DOS<sup>5</sup>: *“Então era melhor do que aquele preto com letrinhas verdes e sem Windows, sem imagem sem nada.”* Ou seja, pelo período de cinco anos ou mais a Biblioteca contou com um único computador, e esta talvez fosse a realidade da maior parte das bibliotecas universitárias do período.

Se comparado com o período atual, em que os avanços tecnológicos são constantes, cinco anos é bastante tempo; logo, entende-se que a introdução à informática na Biblioteca foi lenta e gradual. Sobre a utilização do computador, as Entrevistadas D e G explicitaram:

*“Tinha um computador na biblioteca, um único que era dividido então, entre o serviço de referência e o processamento, mas antes de eu entrar ninguém usava o SABI<sup>6</sup>, então era um computador só pra toda a biblioteca e era o computador que era usado para acessar os CDs do MEDLINE<sup>7</sup>.”* (Entrevistada D, 2016).

*“O computador era um XT, a gente tinha formulários verdes pra fazer a catalogação, todos tinham os campos, o bibliotecário catalogava e aí tínhamos um estagiário que usava aquele computador e digitava ali, porque era*

<sup>5</sup> Quando comenta sobre o sistema “DOS”, a Entrevistada D refere-se ao sistema operacional MS DOS 2.0 (Disk Operating System). Esse sistema foi um dos primeiros softwares desenvolvidos pela empresa Microsoft para o uso em computadores pessoais, o qual ainda não possuía muitas funcionalidades e não possibilitava a convergência de mídias.

<sup>6</sup> SABI é o Sistema de Automação de Bibliotecas utilizado pelas bibliotecas da UFRGS para registro e disponibilização de seu catálogo on-line.

<sup>7</sup> MEDLINE é a base de dados bibliográficos da área da saúde da Biblioteca Nacional de Medicina dos Estados Unidos.

*monousuário. Ele ia inserindo os dados naquele XT, aquele computador que era uma carroça. Era só um computador e só uma pessoa usava, nós não tínhamos computador (risos). Era só o estagiário pra inserir os dados ali.”* (Entrevistada G, 2016).

Segundo as bibliotecárias, nessa época alguns livros estavam registrados (catalogados) em catálogos de ficha e eram emprestados apenas por um dia; ou seja, caso os usuários levassem o livro para casa, deveriam devolvê-lo no dia seguinte. Para os periódicos não havia nenhum tipo de empréstimo, conforme apresenta a Entrevistada G:

*“Eles (estudantes) não tinham acesso aos periódicos, porque a biblioteca vivia daquilo ali, a informação mais recente era o periódico né. Aí os funcionários pegavam e guardavam. Aquilo era incessante, eram pilhas e pilhas e pilhas de coisas pra guardar diariamente.”* (Entrevistada G, 2016).

Esta declaração demonstra, de certa maneira, o monopólio de acesso ao conhecimento científico exercido por parte da Biblioteca, pois, além de os usuários não terem acesso a esse conhecimento fora deste ambiente, não podiam fazer empréstimo dos materiais bibliográficos. Logo, a maior frequência dos estudantes e pesquisadores ao ambiente físico da Biblioteca, nesse período, se justifica.

A Entrevistada H comenta inclusive uma diferença entre a demanda no funcionamento da Biblioteca FAMED/HCPA antes e depois da cibercultura.

*“Hoje em dia já não seria tão necessário com esses recursos todos que tem, mas, naquela época, a biblioteca ficava aberta até às 11h da noite e abria sábado de manhã. Então, tu vê a demanda que tinha, e lotava a biblioteca. De noite o pessoal ia, porque era um silêncio, uma coisa exemplar aquela biblioteca.”* (Entrevistada H, 2016).

Nesse trecho é possível identificar também a menção ao “silêncio exemplar”, ideia tão característica e presente nos discursos sobre as representações sociais a respeito das bibliotecas, como aparece no estudo de Roberta Barbosa dos Santos (2016).

Embora a pesquisa de Santos (2016) aborde apenas a biblioteca escolar, ela contribui para pensar o contexto histórico das bibliotecas em geral, visto que suas práticas se assemelham nos diferentes espaços, tanto escolares como acadêmicos. Em seu estudo, considerou que:

O olhar do senso comum traz à tona uma representação de biblioteca envolta por uma exigência de silêncio compreendida universalmente, portadora de uma certa sacralidade para atender a um padrão de comportamento ritualizado. Ainda assim, leitores ditos *transgressores* arriscam alguns murmúrios entre suas estantes cheias de livros. (SANTOS, 2016, p. 15).

Santos (2016, p. 101) identificou que houve também sujeitos que transgrediram o ideal do silêncio proposto na biblioteca, ressignificando-a e “fazendo dela um local de fuga às aulas de que não desejasse participar, um ponto de encontro entre colegas, um local que proveria o lazer das férias desertas em Porto Alegre ao longo da década de 1980”.

Com o desenvolvimento da cibercultura a realidade é outra, já que o conhecimento científico está disponível *on-line* e em rede, ao alcance de um clique, modificando, assim, a cultura anterior de uso do espaço da biblioteca, extinguindo serviços como o de fotocópias e de confecção de fichas catalográficas, e ainda demandando uma nova atitude profissional por parte dos bibliotecários que não aquela de épocas passadas em que resistiam às mudanças, como ilustra a Entrevistada D (2016):

*“Quando eu entrei elas tinham uma resistência muito grande ao SABI, então ninguém inseria nada no SABI. Quando eu entrei a primeira coisa que me disseram é que eu iria inserir a parte das monografias no SABI, porque ninguém queria fazer isso.”*

Já a Entrevistada F (2016) considera que a resistência às mudanças não é algo de épocas passadas, ainda existe e é uma característica da profissão que deve ser mudada: *“Bibliotecário não gosta de mudança, detesta mudança, tudo que for pra mudar. E tem ainda bibliotecários que, além de não gostarem de mudança, não gostam de computador. Aí ralou-se tudo.”*

Atualmente, com as constantes transformações propostas pelas tecnologias digitais, não há mais espaço para a resistência às mudanças por parte dos bibliotecários em suas práticas, pois tal atitude poderá acarretar erros no fornecimento de informações, fazendo com que sua atuação como “mediadores” e “facilitadores” fique comprometida e, por conseguinte, que os usuários se distanciem ainda mais do ambiente da biblioteca.

No que diz respeito aos periódicos da Biblioteca FAMED/HCPA, na década de 1990, segundo as entrevistadas, já havia mais de 1.000 títulos de periódicos, com cerca de 500 assinaturas ou mais; ou seja, metade do acervo de periódicos era adquirida por compra, e a outra metade era de doações.

*“A chegada de periódicos era muito frequente e a biblioteca vivia em função dos periódicos e do Serviço de Comutação<sup>8</sup> e de fotocópias, isso, só isso... os livros eram assim... como se fosse alguma coisa que estava lá, mas a biblioteca não era movimentada por eles.”* (Entrevistada D, 2016).

*“A vida da Biblioteca quando eu entrei era o periódico, a biblioteca vivia em função do periódico, tinha três funcionários de manhã e três de tarde e era tudo xerox, xerox, xerox, diariamente. E daí a informação era pelo periódico.”* (Entrevistada G, 2016).

Os funcionários a que a Entrevistada G se refere eram os auxiliares de biblioteca que trabalhavam no setor de fotocópias e no balcão de atendimento. Uma vez que não havia empréstimo de material bibliográfico e por ser a biblioteca o principal local de acesso aos periódicos, o serviço de fotocópias era a alternativa de consulta e difusão de informação científica fora desse ambiente. Isso aponta também que o desenvolvimento do ensino e da pesquisa na área médica no período do “impresso” já se dava através das publicações periódicas (revistas e jornais científicos). Portanto, esta não é uma característica atual, não se deu a partir do desenvolvimento da cibercultura.

Nota-se que a importância e a atenção mais voltada para os livros nessa Biblioteca se intensificou a partir da avaliação dos cursos de Graduação, estabelecida pelo Ministério da Educação e Cultura (MEC), a qual avalia a estrutura educacional dos cursos e, dentro dela, o embasamento teórico abordado através de livros considerados básicos ou essenciais.

Quanto ao acervo de bibliografias básicas dos cursos, a Entrevistada G pondera: *“Não tinha, não tinha, eles tinham as bibliografias, mas não era assim como hoje.”* E quanto ao acervo de livros em geral:

*“Não tinha muito material, o acervo era pobre, pobre. Quando nós começamos a nos mudar, que foi em 1998, o acervo tinha muita coisa desses laboratórios, então antes de mudar nós já fizemos uma seleção e já descartamos. Não tinha porque carregar aquela coisarada.”* (Entrevistada G, 2016).

Quanto à informatização, segundo a Entrevistada F, em 1996 a Biblioteca FAMED/HCPA já contava com mais de um computador, mas o acesso à internet era discado:

---

<sup>8</sup> **Serviço de Comutação** é o serviço que permite a obtenção de cópias de publicações científicas de acervos de outras bibliotecas.

*“A gente usava internet e tudo ficava parado esperando, até o telefone né, se tu queria usar, tu não podia, porque estava na internet discada. Aí eu comecei a conhecer o Hospital, ver o que tinha, aí tinha internet dentro do Hospital. Já tinha mais de um computador na biblioteca, até o empréstimo da biblioteca era feito por computador e era usado um programa de videolocadora adaptado pra biblioteca, já era automatizado, assim... sabe. Mas era um programa de videolocadora, alterado ou adaptado pra servir a biblioteca da Faculdade de Medicina, ele usava até código de barras.”* (Entrevistada F, 2016).

Enquanto a Biblioteca tinha acesso discado e utilizava as bases de dados em CD-ROM, no modo *off-line*, seus usuários já tinham acesso à internet banda larga e usavam essas bases no modo *on-line*, através de seus próprios equipamentos ou de computadores disponíveis em outros setores do Hospital, conforme informado:

*“Porque o aluno da Medicina tu não pode dizer que é pobre, que não tem recurso. Quando veio o PUBMED<sup>9</sup> pra nós, eles já estavam a “mil pelo Brasil” utilizando o PUBMED, nós estávamos utilizando o MEDLINE e eles usavam os computadores deles para ter acesso a outros recursos.”* (Entrevistada F, 2016).

Alguns argumentos utilizados pelas bibliotecárias para justificar a necessidade de equipar a Biblioteca para mantê-la funcionando referem-se justamente ao fato de os equipamentos estarem desatualizados frente aos usuários, como segue a interpelação da Entrevistada F (2016) realizada a sua gerência para obter pontos de rede de internet para a Biblioteca: *“Tá, mas como é que tu quer que uma biblioteca funcione, que tenha coisa atualizada, de ponta, para os médicos fazerem seus serviços, se a biblioteca não tem recursos para apresentar pra eles?”* Ou ainda: *“Então, quando a gente mostra que vai ter utilização efetiva naquilo, é muito mais fácil de conseguir.”*

E após a obtenção dos pontos necessários para acesso, a entrevistada informa que descobriram que havia outros recursos que não estavam sendo utilizados pela Biblioteca: *“Como nós ganhamos ponto de rede, aprendemos PUBMED, Oh! Existe PUBMED.”* (Entrevistada F, 2016).

---

<sup>9</sup> **PUBMED** é um buscador *on-line* de referências bibliográficas na base de dados MEDLINE, oferecido pela Biblioteca Nacional de Medicina dos Estados Unidos.

*“A gente soube da BIREME<sup>10</sup>, então... ela já existia. O nosso problema era ter acesso à internet, a localização dos periódicos era feita em microficha, nesse tempo aí o SeCS<sup>11</sup> já existia dentro da BIREME, a gente podia fazer localização ali pela internet, fazer solicitação pelo SCAD<sup>12</sup>, aí nós descobrimos. Oh! o SCAD, Uau! O SCAD pode oferecer isso, pode oferecer aquilo e a própria Biblioteca Virtual da BIREME a gente começou a fazer muito mais utilização.” (Entrevistada F, 2016).*

As falas demonstram que a característica da Biblioteca de estar sempre aquém de seu usuário no que se refere às inovações tecnológicas começou a partir da introdução à informática na FAMED e no Hospital de Clínicas. Tal característica não é tão atual e tem influenciado as narrativas sobre a necessidade de pró-atividade do bibliotecário.

### 3.3 Trajetória e atuação profissional

Com relação aos motivos que levaram as entrevistadas à escolha da Graduação em Biblioteconomia, apenas as bibliotecárias aposentadas afirmaram que houve influência de familiares ou de parentes próximos nessa etapa. Outras duas entrevistadas, que em suas respostas apresentaram alguma influência de pessoas na eleição do curso, alegaram que a escolha se deu a partir de indicações de amigos ou conhecidos que trabalhavam em bibliotecas. Entretanto, a maior parte das entrevistadas, relataram que não possuíam conhecimento sobre a atuação do bibliotecário e escolheram o curso por diferentes motivos, dentre eles: porque realizou visita a uma determinada biblioteca e gostou da organização desse ambiente e do atendimento; por gostar de ler; por desejar ingressar na universidade; por gostar de frequentar a biblioteca da escola; pelo não interesse em disciplinas exatas; ou devido à menor concorrência para o vestibular.

Duas entrevistadas disseram não ter ideia do que era o curso e escolheram a Biblioteconomia como segunda opção no vestibular. Por exemplo, nas palavras das Entrevistadas F e C (2016):

---

<sup>10</sup> **BIREME** – (Biblioteca Regional de Medicina) é o Centro Latino-Americano e do Caribe de Informação em Ciências da Saúde, especializado em informações, que faz parte da Organização Pan-Americana de Saúde e Organização Mundial da Saúde (OPAS/OMS)

<sup>11</sup> **SeCS** – (Seriados em Ciências da Saúde) é um catálogo coletivo de revistas científicas produzido pelas instituições que integram a Biblioteca Virtual em Saúde através do Sistema Latino-Americano e do Caribe de Informação em Ciências da Saúde.

<sup>12</sup> **SCAD** – (Serviço Cooperativo de Acesso a Documentos) é um serviço de comutação bibliográfica da Biblioteca Virtual em Saúde (BVS) no qual os centros cooperantes podem disponibilizar cópias de publicações de seus acervos ou solicitar cópias de publicações de acervos a outras bibliotecas.

*“Coloquei Biblioteconomia porque entrava pouca gente, aí eu digo vou entrar num curso que tenha poucos candidatos pra poder depois pedir o remanejo. Não sabia o que era Biblioteconomia, caí de pára-quedas.”* (Entrevistada F, 2016).

*“Eu me inscrevi pra Direito na UFRGS em primeira opção que tinha na época, né... e coloquei Biblioteconomia em segunda opção, por gostar de ler. Era esse o meu critério, não sabia direito como era a profissão, não tinha contato com nenhuma bibliotecária, a não ser na minha escola, e depois eu descobri que era uma professora né, não era alguém da área, formada mesmo. E aí fiz o vestibular, até fui bem, não fui tão mal assim, mas não passei pro Direito. Confesso que fiquei frustrada, porque a gente quer passar no que colocou em primeira opção, mas resolvi fazer, eu disse poxa vida, passei numa universidade federal né, que muita gente quer, vou tentar.”* (Entrevistada C, 2016).

Como o bibliotecário, atualmente, ainda busca reconhecimento social e valorização profissional, é compreensível o não conhecimento sobre o Curso de Biblioteconomia e não ser a graduação almejada em primeira opção pelos estudantes. Historicamente, as Graduações em Direito e Medicina são as mais reconhecidas e valorizadas socialmente, e por isso há maior demanda e concorrência por elas.

Verificou-se também que, além de ser influenciada por pessoas próximas da família para a escolha do curso, a entrevistada com maior tempo de atuação e período de ingresso mais antigo na Biblioteca FAMED/HCPA contou com o apoio de familiares para a escolha do local de trabalho, o que talvez possa indicar uma característica geracional, uma vez que na época em que ingressou como servidora da universidade ainda não havia concurso público para provimento dos cargos e, portanto, era comum a indicação de familiares e amigos para ocupar cargos nas universidades.

Notou-se, porém, que quem possuía um pequeno grau de conhecimento sobre o Curso de Biblioteconomia, ou influência de familiares ou amigos na escolha deste, não teve tantas dúvidas em elegê-lo em primeira opção.

Fraga, Mattos e Cassa (2008, p. 153) entendem que, devido ao Curso de Biblioteconomia não corresponder à primeira opção, isso talvez explique uma apatia deste profissional ou a “falta de interesse pelas questões do cotidiano de sua atuação”, ou ainda, em alguns casos, um desinteresse por qualificação e atualização contínuas.

Ainda sobre a escolha da profissão e sobre as experiências profissionais descritas, que ocorreram nos diferentes tipos de bibliotecas, escolares, universitárias e especializadas, e em diversas áreas do conhecimento, apesar de haver algumas dificuldades relatadas,



como o não conhecimento de um conteúdo específico, percebe-se que a maioria das narrativas, quando falam sobre sua experiência profissional passada, apresentam uma tendência à idealização da experiência, ou seja, descrevem-na de forma elogiosa, como boa, legal etc., característica essa já identificada nos estudos sobre memória. Transcrevem-se estas declarações como exemplos:

*“Foi completamente diferente de tudo o que eu vivi até agora, umas coisas assim uau! né, radicalmente diferente, mas foi muito legal.”* (Entrevistada C, 2016).

*“Daí eu fui pra uma outra realidade que era uma biblioteca de um banco, então bem especializada assim, nas áreas de Economia, predominava Economia e Direito e foi um período muito legal assim.”* (Entrevistada E, 2016).

*“Se eu tivesse alguma cadeira da tarde eu ia, caso contrário eu tava na feira do livro, pedia licença da bolsa do CNPQ<sup>13</sup> e ia, adorava.”* (Entrevistada F, 2016).

*“Não teve um dia na minha vida que eu tivesse me questionado se eu tivesse feito um curso errado, era aquilo ali, aquilo me veio assim... como uma inspiração mágica, divina e mágica.”* (Entrevistada H, 2016).

Conforme Grazziotin e Almeida (2012, p. 37), os estudos a partir de narrativas orais devem levar em consideração que:

[...] toda narrativa oral é, ao menos em parte, autobiográfica, pois quando a pessoa evoca suas memórias exercita uma tentativa de explicar o que pensa que foi, o que pensa que era, desenvolvendo, assim, a construção de uma verdade sobre si mesma. Cada um escolhe o que lembrar conforme o/s lugar/es de sujeito que ocupa.

E para Larrosa (2004), quando se fala em memória individual deve-se ter em mente que ela não constitui a memória objetiva do passado, não é um rastro que se pode olhar como se olha um álbum de fotos, pois envolve interpretação e construção. Portanto, a memória é uma narração desde um ponto passado, até o presente, a partir de um ponto de vista que o torna significativo.

---

<sup>13</sup> CNPQ é o Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico. No entanto, a Entrevistada F refere-se à bolsa de iniciação científica ofertada pelo CNPQ.

Quando perguntadas sobre sua opinião acerca da atuação do bibliotecário na comunidade acadêmica e como deve ser essa atuação atualmente, percebe-se nas respostas a confirmação de uma necessidade de reafirmação da profissão, sugerindo que o bibliotecário atue como um promotor e divulgador, tanto de seu trabalho como dos serviços oferecidos pela biblioteca. Isso se deve, possivelmente, à tentativa de justificar sua importância e sua permanência profissional em tempos em que as bibliotecas não são mais os espaços predominantes de circulação da informação científica.

Os leitores e/ou pesquisadores podem acessar os materiais de pesquisa de seus gabinetes profissionais ou no conforto de suas residências, sem necessidade de se deslocarem até uma biblioteca ou demandarem os serviços de um bibliotecário, já que algumas bases de dados possuem o mesmo padrão de organização das informações e contam com interfaces *on-line* intuitivas. Percebe-se também uma tentativa de consolidar uma imagem profissional diferente daquela construída pelos estereótipos em torno da profissão de bibliotecário.

A Entrevistada A (2016) ponderou o seguinte:

*“Ah eu acho que tem que ser bem “cara de pau”, (risos), eu vejo aqui, tem que ir atrás dos professores, tem que encher o saco da direção pra conseguir fazer as coisas acontecerem né, porque se a gente ficar só aqui dentro esperando as pessoas virem até a gente não vai acontecer nada. Então eu acho que tem que ser... Bibliotecário eu acho que uma das qualidades que tem que ter é isso, ser cara de pau, vender o próprio serviço e mostrar o quanto é importante.”*

Tendo em vista as narrativas que sugerem pró-atividade por parte das categorias profissionais que trabalham com organização e disseminação de informações, e que precisam comprovar sua eficiência e legitimidade, pode-se perfeitamente compreender o sentido de “*cara de pau*”, dado pela Entrevistada A, como aquele que consegue se expressar bem, que não demonstra vergonha, que sabe convencer, demonstra coragem, confiança, eloquência, sabe improvisar e pensa rápido.

A visão social do bibliotecário, muitas vezes marcada por estereótipos, somada à auto-organização da informação a partir do uso das TICs, pressupõe motivações que fazem com que esse profissional se movimente na direção de dar visibilidade às suas práticas e justificar a importância de sua atuação no meio educacional, o que é compreensível, pois, como observa Nitschke (2008, p. 61), “as práticas profissionais do bibliotecário condicionam as representações sociais que os usuários possuem delas”.

Percebe-se que as narrativas estão de acordo com as diversas recomendações para melhorar a imagem profissional propostas na literatura. Para ilustrar, cita-se a ponderação de Fraga, Mattos e Cassa (2008) ao considerarem que, para o bibliotecário alcançar o desejável reconhecimento e valorização profissional, é necessário investir na divulgação da profissão em prol de sua visibilidade pública, e para isso pode utilizar-se das técnicas de *marketing* profissional e pessoal e de *endomarketing*, assim como Drabenstott e Burman (1997, p. 15), que já na década de 1990 defenderam que, frente ao contexto proposto pelas TDs, o bibliotecário deveria posicionar-se e aproveitar a oportunidade para demonstrar a importância de seus conhecimentos no manejo com a informação, e não “esperar sentado para que outros profissionais tomem seu posto”.

Além disso, é percebido um possível desejo de modificar os estereótipos socialmente construídos em torno da profissão de bibliotecário, principalmente romper com o estereótipo tradicional descrito por Resende (2005, p. 65):

O estereótipo associado ao profissional de Biblioteconomia apresenta-o como alguém do sexo feminino, não tão jovem, óculos de grossas lentes que mais parecem fundo de garrafa; no cabelo, um coque e, nas condutas, o desagradável, ainda que implícito, pedido de silêncio que corta diálogos e isola os que frequentam a biblioteca.

Na narrativa da Entrevistada H é mencionada certa perda de representatividade do bibliotecário, e por isso considera que deve explicitar sua importância no contexto acadêmico, mostrando-se como aquele que “*conduz pra os caminhos*”.

*“Eu acho que talvez tu não tenha mais aquele papel tão representativo como tinha, mas se tu faz esse papel ainda de que tu é um elemento que conduz pra os caminhos, eu acho super importante... em tempos em que informação é o que mais tem por aí, em tempos que a internet... quanta gente que tem informação completamente enlouquecida, errada, porque pega na internet? A internet aceita tudo né? Então, eu acho que a gente tem um discernimento pra saber, ou deve ter pelo menos, pra tu saber direcionar as pessoas pra coisa mais científica e não tão... informação.”* (Entrevistada H, 2016).

Há, ainda, a indicação de que o bibliotecário deve desenvolver habilidades não apenas no trato com a informação, mas também com pessoas, ou seja, interpessoais e comunicativas, como apresenta a Entrevistada E: “*Então, eu acho que precisa ter um pouco de pró-atividade do bibliotecário, pensando nos relacionamentos com o usuário.*” E continua:

*“Tu tem que saber interagir com pessoas, eu acho que o bibliotecário... que isso ajuda em qualquer área da vida da gente, se tu não tiver habilidades pra tratar, pra conversar e... e ser um pouco publicitário mesmo... de fazer propaganda daquilo que tu tem. Tenho visto na prática muitos dos serviços que às vezes a gente oferece ou recursos que eles têm na mão pra usar, muitas vezes eles deixam de usar porque não foi feita uma boa propaganda daquilo, vamos chamar propaganda assim.”* (Entrevistada E, 2016).

Nesse trecho percebe-se uma concordância com a ideia de Resende (2005, p. 13-14) de que as “as comunicações e condutas do bibliotecário interferem nos seus interlocutores, elas não são neutras, uma vez que dão forma às relações estabelecidas, pelo que expõem indícios dos complexos campos de representações que aí se polarizam e aglutinam”. Ou ainda com a seguinte ideia de Lankes (2012, id=8558):

A maneira mais eficaz de ver a relação com a comunidade não é uma lista de serviços ou de acervos. Também não se consegue isso com estatísticas ou planos estratégicos. É nas conversas que conseguimos vislumbrar todas estas possibilidades.

As narrativas consideram a necessidade de o bibliotecário não somente ser pró-ativo, mas de desenvolver um caráter analítico sobre sua atuação: “40% pró-ativo ele tem que ser, mas muito, muito analítico. Tem que ser 100% analítico sempre.” (Entrevistada F, 2016).

Segundo a Entrevistada B, além de intermediário entre a informação e o usuário das bibliotecas acadêmicas, ele deve agir como um planejador de novos serviços, tanto de informação quanto de tecnologias:

*“Então... realmente, como intermediário entre a informação e esse usuário, acho que esse principal da atuação é ir se desdobrando né, entre o planejar, pensar em serviços novos, ofertar o que tem de mais novo, não só em acervos, mas também de tecnologia né, com espaço adequado, sempre melhor, de acordo com as normas, assim... de acessibilidade.”* (Entrevistada B, 2016).

Quanto à análise sobre sentidos, Ludmila Ferrarezi e Lucília Maria Sousa Romão (2008, p. 36) esclarecem que estes devem ser analisados “para além da sua literalidade”, e que “é importante levar em conta as condições de produção dos discursos e os movimentos de sentidos e sujeitos que nos permitem interpretar/considerar o sócio-histórico-ideológico e o linguístico inscritos no momento da enunciação”. Bastos, Galli e Romão consideram que “essa questão do(s) sentido(s) está impreterivelmente relacionada com as condições de

produção do discurso, pois de acordo com determinadas condições, alguns sentidos são passíveis de serem ditos, enquanto uma série de outros não”. (BASTOS; GALLI; ROMÃO, 2013, p. 93).

E ainda:

Dessa maneira, quando um sujeito enuncia sentidos de uma dada posição, essa enunciação tem ligação com o contexto sócio-histórico no qual ele se encontra, evidenciando que a forma de dizer pode se alterar se o sujeito enunciar de uma posição diferente. (BASTOS; GALLI; ROMÃO, 2013, p. 94).

Percebendo o contexto desse estudo, observa-se que algumas narrativas apresentam uma perspectiva de mudança, principalmente de sentido de bibliotecário como apenas intermediário entre a informação e o usuário – o que configura um agente passivo de transmissão de informação ou “ponte” – para o sentido de “bibliotecário educador”, ou seja, que não só transmite a informação ou propicia seu acesso, mas também atua na geração de conhecimentos e no desenvolvimento cognitivo de seus interlocutores.

De acordo com a Entrevistada G:

*“Alguém tem que treinar, alguém tem que ensinar. Eu acho que tem essa parte de disseminar, porque às vezes a informação já está ali, os periódicos já estão on-line, mas estão on-line e quantos treinamentos houve de Capes pro pessoal?”* (Entrevistada G, 2016).

Afirma a Entrevistada C:

*“O bibliotecário faz parte do processo de educação, isso com certeza né, seja orientando especificamente no uso de bases de dados, de ferramentas e tal, ele acaba tendo um pouco de educador nesse contexto nosso assim da educação mesmo, universitária.”* (Entrevistada C, 2016).

Tal concepção vai ao encontro das considerações de Resende (2005, p. 49), pois “na prática profissional em ambiente universitário é possível perceber a relevância da prática educativa do bibliotecário”, que deve ser considerada e pensada tanto em uma perspectiva de formação pedagógica como em uma nova fase da profissão.

Em certo sentido, portanto, tal qual professores, os bibliotecários transmitem informação e a problematizam. Esta prática acontece independente do currículo do curso, ainda que devamos admitir que uma

formação pedagógica poderia contribuir, de forma talvez decisiva, para uma performance de qualidade deste profissional. Pensar o bibliotecário como educador, na perspectiva aqui definida, seria uma nova fase da evolução desta profissão no presente século. (RESENDE, 2005, p. 48).

Por conseguinte, as ponderações de Resende vão ao encontro de uma proposta de novos caminhos para os bibliotecários das universidades deste século, sugerindo que venham a ocupar novos espaços e desenvolver novas práticas profissionais, temas sobre os quais este estudo se propôs a refletir. Anteriormente, o bibliotecário limitava-se a ensinar o uso de um acervo espacialmente delimitado, e atualmente, com o uso das TDs, esse espaço foi ampliado. Portanto, a tutoria no uso de recursos de informação vai além do espaço físico das bibliotecas.

As concepções de Belluzzo (2005, p. 38) também vão nesse sentido, pois ela defende que a biblioteca possui estreita relação com a concepção educacional e com o paradigma do aprendizado ao longo da vida, e por isso deve existir um trabalho integrado entre professores e bibliotecários para que a biblioteca possa favorecer uma “excelência educativa na sociedade contemporânea”.

Quanto às narrativas apresentadas, é importante levar em consideração as ponderações de Ferrarezi e Romão (2008), que inferem campos de tensão entre os sentidos sobre a biblioteca. Apesar de se referirem mais especificamente a bibliotecas escolares, suas reflexões aplicam-se também a outros tipos de biblioteca, como as universitárias ou as especializadas. As autoras consideram que o imaginário acerca da biblioteca é um “espaço de confronto” que faz com que não haja apenas uma rede de sentidos possíveis para esta instituição. Observaram na construção de estereótipos para a biblioteca sentidos cristalizados que ora a inscrevem como um centro de recursos de informação para o ensino e aprendizagem, ora a configuram como um estático depósito de livros e de gentes. Assim sendo, o imaginário delineado não é único e, em determinadas condições, alguns sentidos prevalecem, sendo legitimados, enquanto outros são silenciados. (FERRAREZI; ROMÃO, 2008, p. 31).

Ainda em suas considerações sobre os sentidos que encontraram nos discursos de artigos científicos sobre bibliotecas escolares, Ferrarezi e Romão (2008, p. 36) percebem que “sentidos seculares, cristalizados pelo efeito ideológico de evidência, insistem em retornar nos discursos contemporâneos, constituindo um já-dito presente nos vários e diferentes textos analisados”. É possível identificar que as considerações das autoras sobre

os sentidos acerca das bibliotecas escolares são semelhantes às dos resultados obtidos nas narrativas sobre a biblioteca universitária analisada.

No que se refere à prática ou à atuação do bibliotecário em tempos em que os usuários possuem acesso à internet, há um movimento na direção de reafirmar a importância do profissional bibliotecário como um “facilitador” entre o acesso às fontes de informação *on-line* e as pessoas que dela necessitam. Este papel não se modifica ao longo do tempo, apenas se adapta aos recursos tecnológicos atuais, conforme a Entrevistada A (2016):

*“Eu acho que a gente tem a função de facilitar né. A gente consegue ajudar, porque muita gente tem dúvidas de como pesquisar, como acessar, como recuperar. Eu acho que a gente entra como “facilitador”, como uma ponte, porque são muitos incursos né, muitas coisas assim... Então, a gente consegue facilitar o acesso pro aluno e de certa forma como usar as tecnologias, eu acho que é isso.”*

No entanto, Lankes (2012, id=8451) considera que o bibliotecário deve ser mais do que um “facilitador”:

Inspirar a comunidade parece que exige uma palavra mais “forte” que *facilitar*, algo do tipo “empoderar”, “advogar” ou até mesmo “inspirar”. Bibliotecas deveriam fazer tudo isso. Lembre-se que facilitar é apenas uma pequena parte de toda missão de “melhorar a sociedade facilitando a criação de conhecimento em suas comunidades”. A palavra fundamental é “melhorar”, o que significa que é algo ativo, que está sempre acontecendo.

Percebe-se também que, enquanto alguns bibliotecários formados há mais tempo ainda se adaptam ao uso e às constantes mudanças das tecnologias em vigor e consideram as facilidades proporcionadas por elas, os bibliotecários mais jovens, formados há menos tempo, com as tecnologias de informação já incorporadas em sua formação, apesar de também possuírem preocupação com as constantes modificações tecnológicas, apresentam uma visão mais questionadora e realista da profissão.

Também se percebe que, para justificar sua permanência no mercado de trabalho e preservar a cultura profissional, as narrativas consideraram que o bibliotecário deverá ser pró-ativo e se antecipar ao usuário da biblioteca no conhecimento e no uso das fontes de informação *on-line*.

Na passagem abaixo, a entrevistada lembra inclusive da questão humanista abordada no juramento profissional: “*Prometo tudo fazer para preservar o cunho liberal e humanista da profissão de Bibliotecário, fundamentado na liberdade de investigação e na dignidade da pessoa humana.*”<sup>14</sup>

*“Outra questão que também o bibliotecário deve lembrar é a questão humanista dele, social, não só voltado para tecnologia... de lembrar das raízes da profissão, de ser um fomentador, um questionador. Se lembrar da colaboração e do que a biblioteca pode oferecer pra comunidade e não só focar na questão tecnológica, mas manter esse contato com o público. Realmente estar mais próximo para descobrir o que ele (público) precisa, e não só fazer uso da tecnologia e esquecer da parte mais humanista dessa profissão.”* (Entrevistada B, 2016).

Observa-se que as respostas apresentadas se fundamentam na perspectiva e na certeza de que os estudantes continuarão demandando os serviços prestados pelas bibliotecas universitárias e pelos bibliotecários que nelas atuam, não levando em consideração o fato de que, para resolver assuntos de acesso a uma determinada fonte de pesquisa *on-line*, o usuário poderá consultar diretamente os organizadores dessas bases de dados, realizar cursos *on-line* etc. Em muitos casos, as grandes bases de pesquisa científica são organizadas por bibliotecários e especialistas em determinada área do conhecimento, dispensando, portanto, a consulta ao bibliotecário que atua na biblioteca universitária. Logo, o enfoque direciona-se apenas para alunos da Graduação, já que é nesta etapa que começam a demandar informações altamente especializadas, enquanto os estudantes da Pós-Graduação muitas vezes já possuem certa autonomia e maior conhecimento dos recursos e das fontes de pesquisa, conforme se abordará mais detalhadamente no subcapítulo seguinte.

Sobre as indiscutíveis facilidades de acesso aos recursos de pesquisa propostas pelas ferramentas *on-line*, é possível identificar a competência na eleição das fontes mais confiáveis e mais relevantes de informação e pesquisa como fundamentação da importância do bibliotecário no contexto educacional. Segundo a Entrevistada D, talvez essa competência ou sua divulgação na comunidade acadêmica não esteja sendo totalmente explorada:

---

<sup>14</sup> Juramento efetuado pelos formandos do Curso de Biblioteconomia, no ato da colação de grau, como termo de responsabilidade profissional, regulamentado pela Resolução CFB nº 6, de 13 de julho de 1966, disponível na página do Conselho Regional de Biblioteconomia da 2ª Região. Disponível em: <<http://www.crb2.org.br/carreira.php?codigo=5>>.



*“Eles(estudantes) não precisam vir à biblioteca, mas têm pouca informação, ou melhor, eles têm muita informação e uma dificuldade enorme pra selecionar o que é relevante. E acho que nós não estamos ajudando o suficiente nesse ponto de fazê-los entender, ou ter um processo, ter mais capacitações, de fazê-los entender que não basta colocar no Google uma palavra e pegar o que chega ali no Google, entende? Existe um crivo, uma... a questão do selecionar o que vai pegar. Como eu disse, eles têm muita informação, eles acham que conseguem tudo, mas não conseguem tudo e às vezes, quando a gente faz uma capacitação, alguns alunos ficam muito surpresos: Ah não sabia que isso existia!” (Entrevistada D, 2016).*

Nota-se, portanto, uma preocupação com a posição da Biblioteca no contexto acadêmico, que em alguns casos pode estar sendo passiva no que se refere à seleção das fontes de informação e ao auxílio na busca e recuperação de documentos, principalmente com relação aos estudantes que estão iniciando suas atividades profissionais e de pesquisa.

*“Então eu acho que quando isso acontece que tá no início do curso, bom... isso faz parte do processo. Agora, um aluno que chega no final do curso e vem pra biblioteca porque tá fazendo um TCC ou um trabalho mais importante e diz que não sabe dessas coisas, eu acho que a gente falhou em alguma coisa. Em algum momento a biblioteca não conseguiu atingir essas pessoas. Passaram pelo curso sem que a biblioteca tenha conseguido fazer esse despertar para que... o mundo é mais do que o Google, né. Eu acho uma falha.” (Entrevistada D, 2016).*

Quando perguntadas sobre como as bibliotecárias se sentem como profissionais no contexto acadêmico atual, em sua maioria mostram-se satisfeitas com relação às atividades técnicas desempenhadas e com a valorização profissional recebida neste ambiente. Situação parecida com a encontrada no estudo de Crestana (2002), que teve como objeto de pesquisa um público semelhante, bibliotecários que atuam na área médica.

Crestana (2002) considerou que os discursos encontrados em sua pesquisa apontaram caminhos na adoção e no exercício da profissão e fizeram referência à satisfação e à dedicação por parte destas bibliotecárias, assim como indicaram a necessidade de especialização e atualização e uma preocupação com a imagem profissional e a manutenção dos cargos. Seus resultados apontaram também desafios para as bibliotecárias da área, como a literatura médica, os usuários e o local de trabalho.

Segundo Crestana (2002, p. 82-84), os resultados mostraram que as escolhas que determinaram a profissão “vão da admiração” à “oferta de emprego” e não se deram por “vocaçãõ”. No entanto, os relatos são de satisfação e dedicação. E, com relação às funções e atribuições do bibliotecário na área médica, suas entrevistadas identificaram a

“necessidade de conhecimento e especialização, para dar conta do tratamento e acesso à literatura médica”, e indicaram que a dificuldade de tempo para isso é um fator limitante. Ainda citaram como dificuldades relacionadas às suas funções “a falta de tempo para atualizar-se, a linguagem médica, o usuário médico”.

Ainda sobre os resultados do estudo de Crestana (2002), as entrevistadas permitiram observar que o relacionamento bibliotecário/usuário médico é um ponto de tensão em suas atividades, o que exige paciência e habilidade para “estabelecer um vínculo de respeito entre as duas profissões”. Outras preocupações identificadas foram os cuidados com a imagem profissional, com os usuários e com a harmonia no ambiente de trabalho. Já no que se refere às qualidades profissionais, estariam “a motivação, o gosto pelo trabalho em equipe e pela organização, comportamento e a imagem certos, e a disposição para a atualização”. (CRESTANA, 2002, p. 84-85). A autora verificou que as preocupações por parte das entrevistadas com as capacitações e atualizações objetivavam não apenas qualificar o desempenho de suas funções, mas ocupar e manter seus postos no mercado de trabalho.

Percebe-se algo parecido nas narrativas das bibliotecárias entrevistadas neste estudo. Nota-se uma satisfação profissional, ou talvez a necessidade de reafirmação dessa satisfação, a partir da utilização de expressões como: “*eu gosto muito dessa profissão*”; “*tô numa fase feliz*”; “*eu faço o que gosto*”. Algumas das respostas demonstram certo grau de segurança profissional através das expressões: “*eu sei mexer em qualquer base*” e “*eu me sinto mais segura*”.

Verifica-se, portanto, nas respostas abaixo o seguinte: na resposta da Entrevistada A o sentimento de reafirmação da profissão, pois discursa no sentido de justificar sua importância no contexto acadêmico, e na resposta da Entrevistada C uma demonstração (perspectiva) de valorização profissional.

*“Assim, sabe, eu não acho que tenha mudado muita coisa. Como eu disse, claro, não trabalhei quando não existiam esses recursos virtuais, mas não sei se diferencia muito, sabe. Porque as pessoas iam mais pra biblioteca porque o livro era físico, mas a gente ainda tem uma importância grande pra ajudar esses alunos a acessarem as coisas virtuais, eles podem acessar de casa, mas como vão acessar? Eles têm dúvidas.”* (Entrevistada A, 2016).

*“Eu sinto que na universidade nós somos valorizados, apesar de todas as dificuldades. Se tem verbas específicas pra biblioteca, se tem investimento né. Agora com essa crise, não sei se vai ter algum recurso designado, mas nessa trajetória, desde que entrei, que eu posso avaliar... se tem muito investimento*

*em recursos e cursos, tanto pra biblioteca em si, como instituição, quanto pro bibliotecário também, capacitações... Então é uma realidade bem interessante assim, também eu vejo (o bibliotecário) como um parceiro, um educador e também valorizado nesse contexto.”* (Entrevistada C, 2016).

Foi possível identificar também a ênfase à parte técnica da Biblioteconomia, não por ser o principal fundamento da profissão, mas considerando-a uma atividade prazerosa, como relataram:

*“Continuo indexando, que eu gosto muito né, essa coisa de decifrar no documento o assunto que ele trata pra que o usuário possa encontrar e ter acesso a isso né, ajudar o usuário, eventualmente fazer alguma orientação, enfim.”* (Entrevistada C, 2016).

Ela faz referência à indexação de documentos, que é uma parte específica do processamento técnico, ou seja, da etapa de organização e tratamento de informação.

*“Hoje eu acho muito legal poder contribuir com o nosso usuário, seja o professor que vem, ele precisa às vezes: Ah eu preciso de um artigo aqui... e eu preciso pra dar uma aula amanhã e se tu conseguires... A gente vai e consegue on-line e já manda por e-mail, ele já salva e já sai feliz da vida.”* (Entrevistada E, 2016).

Esta entrevistada refere-se ao atendimento ao usuário ou serviço de referência feito pelo bibliotecário, que não deixa de ser um processo técnico, visto que pode ser estruturado, e seus passos e características são abordados ao longo da Graduação em Biblioteconomia. Porém, reforça o papel do bibliotecário como “mediador” entre fontes de informação e pessoas, e exemplifica inclusive as facilidades propostas pelas tecnologias digitais, pelos dados *on-line*, que alteram os meios de acesso e comunicação de informação.

Os resultados de Resende (2005) também apresentaram ênfase à função técnica do bibliotecário, principalmente com relação à indexação. Segundo a autora, tal atividade também foi valorada pelos bibliotecários, conforme descreveu:

O processamento técnico, mesmo que de modo implícito, apresenta-se como o setor no qual equívocos são inadmissíveis, pois se trata do serviço de maior significação e valoração para o desenvolvimento das atividades de uma biblioteca, logo de status superior. Mais especificamente o setor de classificação, é de modo efetivo e recorrente considerado como o mais importante: transformar o conteúdo de um livro em uma palavra-chave e dela surgir um número que será seu endereço

nas estantes continua a ser o serviço com maior status na profissão. (RESENDE, 2005, p. 88).

Para Resende (2005, p. 88), é perigoso o destaque às questões técnicas dado pelo bibliotecário, pois reduz suas práticas a funções estáticas. A autora ponderou que, muitas vezes, “o bibliotecário que, com tanta insistência e persistência busca sua legitimação na sociedade, apresenta a esta mesma sociedade seu espaço de trabalho e seu papel social reduzidos a dimensões estáticas”.

Apenas uma das narrativas mencionou a questão tecnológica proposta pela cibercultura, a qual demonstra que, dentre os desafios que o bibliotecário enfrenta atualmente, um deles é conhecer todas as fontes de informação *on-line* e como elas funcionam.

Outro desafio é conhecer ou obter os equipamentos de informática apropriados para atender usuários que, em muitos casos, já utilizam equipamentos bem mais atualizados e sofisticados do que os existentes nas bibliotecas.

*“Tem que correr atrás né, é só isso que eu faço, mas em termos de equipamento... não em buscar informação. Buscar informação não, ninguém me dá aula, não sei essa determinada fonte que tu tá me dando, eu não conheço, mas deixa eu mexer. Eu não terminei de mexer. Mas se der pane, eu desligo, ligo tudo de novo e vamos pra luta, é isso que eu faço. Eu sei até onde posso ir com o equipamento de informática, aí isso é bom. O bibliotecário tem que saber que tipo de equipamento ele tem e pra que que serve. Isso é essencial.”* (Entrevistada F, 2016).

Nota-se que a entrevistada F também ressalta a importância do conhecimento técnico do bibliotecário para a busca de informação, considerando que ele pode não conhecer uma determinada fonte, mas mesmo assim será de grande auxílio, pois possui as habilidades técnicas fundamentais para isso.

Com relação à questão Qual é a importância do bibliotecário na comunidade acadêmica?, as entrevistadas consideram que todas as atividades desenvolvidas pelo bibliotecário são muito importantes, e a organização dos acervos que engloba o processamento técnico (catalogação, indexação etc.) é fundamental para o bom atendimento ao usuário, e este é essencial para o uso contínuo da biblioteca.

Mais uma vez, ressaltam a importância da atuação do bibliotecário no contexto universitário como “mediador”, “organizador” e “investigador”, como se pode identificar nos trechos abaixo:

*“Na comunidade acadêmica é essencial né, pros alunos, pra guiar o caminho da pesquisa. Os professores têm todo o conhecimento do conteúdo, a gente tem como fazer as coisas, como ir atrás, claro que depende do bibliotecário, esse é o universitário né. Outros bibliotecários têm uma importância diferente da nossa, tipo o bibliotecário escolar, que tem a função de introduzir as crianças na parte de leitura e tal. Eu acho que a gente é tanto iniciar quanto guiar os alunos na pesquisa.”* (Entrevistada A, 2016).

*“Eu acho que o bibliotecário, seja qual for sua área de atuação, é extremamente importante numa instituição, especialmente falando em uma instituição de ensino, porque é o bibliotecário que vai fazer o elo com o usuário, que aí envolve professores, direção, alunos de graduação, de pós-graduação.”* (Entrevistada E, 2016).

*“Ah, é fundamental né? Se as coisas não forem organizadas ninguém encontra. Tudo o que está nos catálogos é porque alguém colocou lá. Alguém tem que fazer essa parte de incluir. E eu gosto dessa parte, porque acho que se aprende muito. Tenho uma curiosidade intelectual bem desenvolvida, então todo o material que eu pego pra catalogar é um assunto novo, é uma coisa que me atrai.”* (Entrevistada D, 2016).

Lankes (2012, id=8541) considera que “precisamos começar a utilizar menos o termo *mediador* e mais o *participante*; o bibliotecário precisa estar junto, trabalhando com todos, sendo um personagem ativo”. E Resende (2005, p. 95) defende que o bibliotecário que atua em bibliotecas escolares ou universitárias “deve afirmar-se como parceiro que contribui ativamente, no âmbito de sua competência, para o ensino e a aprendizagem, para a formação de profissionais de diferentes áreas, para o desenvolvimento de pesquisas”. E quanto ao bibliotecário se definir apenas como mediador, acrescenta:

Ao se definir como mediador, este profissional não se assume, de fato, como educador, a quem cabe formar leitores e formar indivíduos capazes de conhecer vias de acesso às informações, mas, sobretudo, capazes de selecionar e classificar estas informações, quanto à sua relevância, consistência e pertinência. (RESENDE, 2005, p. 100).

Percebe-se nas narrativas que ainda se tem de forma muito expressiva a figura do bibliotecário atuando como “mediador” de informação, embora já haja indícios de uma nova concepção, a de bibliotecário atuando como “educador” ou “tutor”. Entretanto, para que a nova concepção seja estabelecida e se iguale às anteriores, é necessária não apenas a participação dos indivíduos envolvidos, mas que ela ultrapasse os limites físicos da

biblioteca, visto que as bibliotecas universitárias pertencem a uma instituição maior. É necessário, portanto, que essa concepção se desenvolva no nível institucional e social.

Embora as concepções setoriais e institucionais possam convergir com relação a mudanças de comportamentos e de práticas para que ocorram modificações efetivas nos espaços, ainda assim as mudanças dependem de outros fatores, tendo-se em vista que, no caso das bibliotecas pertencentes a órgãos públicos, é preciso enfrentar as questões burocráticas administrativas próprias dessas instituições.

### 3.4 Prática bibliotecária

No que se refere à questão em que foi solicitado às entrevistadas que falassem um pouco sobre suas práticas profissionais na Biblioteca FAMED/HCPA, percebe-se que as atividades variaram entre processamento técnico (organização dos acervos), serviço de referência (atendimento ao usuário) e um pouco de gestão (planejamento).

As atividades que mais se destacaram nas respostas das bibliotecárias foram referentes ao processamento técnico, como relata a Entrevistada B (2016):

*“Eu posso dizer que eu vivenciei um pouquinho de tudo no dia a dia da biblioteca, mas atualmente estou voltada mais para o processamento técnico. Então na minha prática acho que é isso em resumo.”*

Verifica-se o mesmo no que se refere às bibliotecárias aposentadas:

*“Em 14 de julho de 1966 eu comecei a trabalhar lá. Olha só, desdobrar fichas, (risos), tu nem sabe o que que é isso né (risos), pois chegava o livro era feita a ficha matriz e dali tu tinha que fazer igual, por título, por data, que a gente tinha, que era uma coisa tri legal que tinha lá na Biblioteca, porque por exemplo, eles queriam saber: quero saber os livros de 1966 que tem, então tu ia lá na gavetinha e dizia: olha são esses os livros que tem por assunto, obviamente também, então isso tudo... Esse trabalho nunca terminava, tava sempre atrasado né?”* (Entrevistada H, 2016).

Percebe-se atualmente uma preocupação com o planejamento das atividades, conforme este relato: *“Hoje a gente tá fazendo, planejando o ano de 2017. A gente tá*

*elaborando um conteúdo pra televisão agora que vai ter aqui, pensando em umas exposições, COMUT<sup>15</sup>, muito atendimento ao usuário, né.”* (Entrevistada A, 2016).

Apesar de haver uma setorização com relação às atividades, ou seja, alguns bibliotecários estarem dedicados ao processamento técnico enquanto outros ao atendimento ao usuário, as entrevistadas consideram que esse profissional deve saber realizar todas as atividades inerentes a sua função.

*“Eu acredito que todo mundo tem que saber fazer tudo, porque sempre vai ter um momento que tem que tapar buraco né, que uma vai ter que fazer a tarefa da outra, isso é inevitável. Então eu acho que todo mundo tem que conhecer muito tudo, mas eu acho que essa setorização é importante pra organização do dia a dia, sabe... E justamente pra gente conseguir focar em uma coisa só.”* (Entrevistada A, 2016).

Quanto às mudanças percebidas em suas práticas ao longo do trabalho como bibliotecárias, tem-se que o uso da tecnologia não modificou o trabalho em si. Ou seja, as atividades de processamento técnico, serviço de referência e gestão da biblioteca continuam sendo realizadas, e o que modificou foram as formas de executá-las. Segundo as entrevistadas, houve grande transformação, principalmente no que se refere à agilidade no acesso à informação, que proporcionou uma economia de tempo na realização das tarefas e facilitou a comunicação com outras instituições, como se pode observar nos seguintes relatos: *“Era tudo em ficha, a gente conseguia também gerar nesse computador as fichas com autor, título, depois tinha que alfabetar pra colocar no catálogo. A transformação que houve foi muita.”* (Entrevistada G, 2016).

*“Em minutos eu já vejo qual biblioteca tem né, pelo meu computador e já encaminho digitalmente, porque aí eu entro no sistema, preencho o formulário e já envio, a biblioteca que tem já vai visualizar isso, já vai escanear esse documento e já vai mandar, muitas vezes, inúmeras vezes eu já tenho o artigo no mesmo dia. Às vezes vai demorar assim, o tempo que a pessoa vai atender né. Mas antigamente eu cheguei a pegar esse mesmo serviço, num outro momento em que era muito mais lento, demorava meses, às vezes dois meses pra chegar um artigo.”* (Entrevistada E, 2016).

Ou ainda:

---

<sup>15</sup> COMUT - é um serviço de comutação bibliográfica do IBICT (Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia).

*“Pra mim fica a percepção de que mudou foi a estrutura de onde a informação está. Então, se antes nós usávamos as famigeradas fichinhas de papel que precisavam ser duplicadas diversas vezes, e que exigiam um trabalho braçal muito grande, hoje a gente tem isso transformado numa tecnologia que tu consegue inserindo os dados apenas uma vez, tu consegue resgatar todas aquelas informações. Então me parece que deu muito mais agilidade pra busca dessa informação, preservação até, com essas tecnologias. Mas mudou radicalmente, né. Antes a gente se preocupava se tinha sete espaços, duas linhas, eu até peguei isso na minha formação.” (Entrevistada C, 2016).*

E, mais recentemente:

*“A minha atuação já é numa época em que a gente tem todas as tecnologias, e na verdade a gente acompanha essa evolução que é muito rápida e a gente tem que ficar se atualizando rapidamente. Quando aprender uma ferramenta já tem que estudar ela novamente, porque alguma coisa mudou e geralmente é pra melhor, que essa ferramenta foi atualizada. Então, com certeza essas tecnologias mudam a prática atualmente... de forma muito rápida. Imagino que os bibliotecários que chegaram a atuar no período da máquina de datilografia, quando só tinha uma máquina de xerox ou no tempo do microfilme, era muito mais surpreendente.” (Entrevistada B, 2016).*

As entrevistadas consideram, portanto, que essas mudanças facilitaram muito as práticas realizadas nas bibliotecas. Porém, se por um lado o uso das tecnologias de informação e comunicação agilizam o trabalho, por outro exigem desse profissional uma atualização constante e um esforço no sentido de conhecer e divulgar os recursos de pesquisa confiáveis disponíveis e de atrair as pessoas para o uso dos espaços das bibliotecas:

*“O que eu posso falar de agora é que me parece uma prática muito mais facilitada a prática como profissional, pensando nesses outros anos, vou falar de 20 anos de atrás, 10 anos já tem diferença pra cá, por exemplo, porque é muito rápido. Então, 10 anos se a gente pensar em um século não é nada, mas em termos de tecnologia é bastante tempo. Me parece que é uma prática que é realmente mais facilitada pelo uso das tecnologias, o emprego de todos esses softwares e ferramentas que as bibliotecas têm a possibilidade de empregar. Mas ao mesmo tempo requer que esse profissional se mantenha estudando, que ele tenha que estar na frente até ou à frente ao seu usuário.” (Entrevistada B, 2016).*

A Entrevistada B também identifica a necessidade de movimento desse profissional não apenas pela exigência imposta pelos avanços tecnológicos, pelos novos softwares,



hardwares etc., mas principalmente pela conduta diferenciada do novo leitor, ou seja, do ciberleitor ou leitor da cibercultura.

*“Às vezes esse nosso usuário já aprende por si só né, ele se movimenta pela internet de forma mais rápida do que a gente. E isso porque eles já estão sendo alfabetizados de outra forma também. Embora não a maioria, mas as escolas já têm tecnologia lá no ensino básico. Então a gente ainda vai ter muita mudança pela frente nessa questão da alfabetização, que eu vejo. E que a gente vai estar recebendo, por exemplo, alunos com mais habilidades do que os próprios bibliotecários que têm uma formação anterior à deles. Então realmente... mas vamos chamar de, sei lá, mais um incentivo, mais um item que requer a atenção de que o bibliotecário deve se manter estudando.”* (Entrevistada B, 2016).

Já as respostas das entrevistadas que atuaram na Biblioteca em ambos os períodos, ou seja, antes e depois de sua informatização, se ativeram às facilidades propiciadas pelas tecnologias, principalmente no que se refere ao uso delas para a organização e a divulgação dos acervos, bem como às facilidades de recuperação de informação propostas. Exaltaram as contribuições tecnológicas, apesar da dependência causada por elas e do afastamento dos usuários do ambiente físico da Biblioteca, como apresenta a Entrevistada G em ambos os trechos:

*“Ah, eu achei ótimo, nossa!!! Eu achei muito, muito bom. Eu me lembro que de periódico tinha umas 180 assinaturas pela Capes, que a Biblioteca Central assinava em papel e o Hospital tinha 110 assinaturas on-line de periódicos. Foi quando entrou a Capes.”* (Entrevistada G, 2016).

*“Essas coisas tecnológicas são boas né, vem só facilitar nosso trabalho. Imagina alfabetar todas aquelas fichas e, quando era alfabetada errada, às vezes se alfabetava errado, vinha a próxima, quando tu via era um monte de ficha alfabetada errado. A gente tinha os auxiliares que nos ajudavam. Essas coisas vieram a melhorar muito né, eu acho.”* (Entrevistada G, 2016).

Consideram também que a tarefa de levantamento bibliográfico foi muito mais facilitada pelas tecnologias.

*“Antigamente era bastante difícil fazer o cruzamento dos assuntos em papel, porque às vezes tu queria o assunto cruzado, tinha que ver o que tinha aqui e ali, e ver o que coincidia. Não era fácil fazer o levantamento bibliográfico quando era em papel.”* (Entrevistada G, 2016).

Contudo, pode-se afirmar que houve grande modificação quanto à demanda dos serviços oferecidos pela Biblioteca e isso pode ter alterado seu prestígio e sua visibilidade frente à comunidade acadêmica atendida, visto que a Biblioteca deixou de monopolizar o conhecimento científico.

*“Ah! Mudou um monte, porque até inclusive o movimento da biblioteca diminuiu um monte, em termos de pessoa, porque a biblioteca vivia em função do periódico antes, e com as coisas on-line ele (usuário) já tinha acesso, quando entraram os periódicos ele já não ia mais lá.”* (Entrevistada G, 2016).

*“Hoje, embora a gente tenha ainda as regras de catalogação e os softwares requeriram alguns cuidados na inserção dos dados, é muito diferente. Pra mim dá uma agilidade muito maior, contribuiu para o bibliotecário. Também deu mais autonomia pro usuário, o usuário tem autonomia pra acessar a informação, o catálogo... nem precisa vir localmente à biblioteca. Isso pra mim é uma grande diferença.”* (Entrevistada C, 2016).

Apesar de facilitar o trabalho, as tecnologias demandaram e ainda demandam esforços no sentido de aprender a utilizar todas as suas funcionalidades. Segundo a Entrevistada F, isso fez com que a preocupação com o atendimento ao público da Biblioteca ficasse um pouco de lado em épocas passadas, assim como a divulgação dos serviços prestados, considerando a escassez de recursos humanos.

*“Eu acho que nesse ponto, nessas transformações, a gente deixava muito o usuário de lado, porque a gente tava mais preocupada em querer organizar e disponibilizar do que levar pra ele. Mas também, se a gente fosse levar tudo bagunçado não ia conseguir levar. Por isso eu acho assim: quando mais bibliotecários entraram, eu achei super importante essas coisas de fazer boletim, fazer treinamentos, tudo coisas que nós pensávamos em fazer e não tínhamos condição, porque não dava pra fazer.”* (Entrevistada G, 2016).

Ainda em relação às transformações, a Entrevistada G indica que há também a geração de conflitos nas equipes de trabalho, reiterando a questão da resistência às mudanças por parte dos bibliotecários, conforme explicitado anteriormente.

*“Eu vejo que às vezes a gente discute muito, justamente por essas mudanças estarem ocorrendo e a gente não querer sair da zona de conforto. Eu não sei, eu vejo isso aí. E aí quando tu tá saindo da tua zona de conforto tu também já bota tuas garras de fora, tu vai te defender, porque tu tá vendo o teu lado e não tá vendo o todo.”* (Entrevistada G, 2016).

As Entrevistadas D e F abordaram a dependência da tecnologia para o desenvolvimento do trabalho do bibliotecário no contexto da cibercultura:

*“A nossa dependência de informática, que tu tá falando, não a prática, a nossa dependência. Porque ser bibliotecário hoje é entender de informática, foi a época em que se usava fichinha.”* (Entrevistada F, 2016).

*“Isso me chama a atenção, entende. Que os bibliotecários não saibam quais são os títulos importantes ou fundamentais pra área de Medicina ou Nutrição, a não ser que olhem no computador. Aí, quando olham no computador, sabem. E isso é uma coisa que mudou, porque me parece que nós tínhamos um contato maior com o acervo.”* (Entrevistada D, 2016).

Com relação à percepção sobre a prática do bibliotecário num tempo em que os usuários possuem acesso à internet, percebe-se a presença de sentidos contraditórios, pois algumas narrativas consideram que as práticas mudaram e foram facilitadas pelas tecnologias, mas que as atividades e o objeto de trabalho, no caso a informação, continuam os mesmos. Já em outras respostas entende-se que as práticas não se modificaram, como se pode ver nos seguintes trechos:

*“O foco da busca, de acesso à informação não mudou. Eu acho que mudou foi as tecnologias como facilitadoras da nossa atividade. Mudou pra melhor, eu acho, com certeza.”* (Entrevistada A, 2016).

*“A atividade não mudou, as ferramentas pra executar a atividade é que foram evoluindo, mas a atividade não mudou.”* (Entrevistada D, 2016).

*“Na verdade, não vejo muita diferença nas práticas. O que mudou foi a tecnologia, novos softwares, novas facilidades assim... Mas a prática continua a mesma. Quer dizer tu recebe o documento, tem que catalogar.”* (Entrevistada D, 2016).

Tendo em vista que se ampliaram os locais de depósito e acesso ao conhecimento, para além do ambiente das bibliotecas, isso talvez tenha provocado o distanciamento dos bibliotecários com relação ao acervo impresso da Biblioteca, citado pela Entrevistada D, porque há uma vasta gama de fontes bibliográficas disponíveis *on-line*.

*“A prática não mudou, as ferramentas mudaram, algumas políticas mudaram, mas a prática não teve alteração. O que eu acho é que nós bibliotecários que entramos naquela época conhecíamos o acervo, e isso é uma coisa que eu*

*noto. Os bibliotecários de hoje não conhecem o acervo. Se alguém perguntar: Tem tal livro?, os bibliotecários vão no computador verificar se o livro existe. Os nossos bibliotecários novos não conhecem os livros pelo título ou pelos autores.”* (Entrevistada D, 2016).

As entrevistadas consideram também que o bibliotecário é um profissional extremamente importante nesse contexto acadêmico e que as bibliotecas são fundamentais. E embora o usuário não frequente a Biblioteca fisicamente, mesmo que acesse o conhecimento científico fora desse ambiente, é fundamental a manutenção do espaço. A partir dessa concepção, nota-se uma movimentação no sentido de divulgar e atrair os usuários para utilizarem os espaços da Biblioteca e os serviços prestados pelos bibliotecários, indicando, assim, que há uma preocupação com a manutenção desse espaço de leitura e com a preservação de uma cultura profissional.

No que se refere à questão de como percebem o usuário que frequenta a Biblioteca presencialmente nos dias atuais, as entrevistadas consideram que os estudantes da Graduação é que ainda utilizam esse espaço e os serviços prestados por ele, pois o tipo de material que demandam ainda é, em maioria, livros em formato impresso.

*“Acho que, falando das diferentes categorias que a gente tem, o aluno da graduação realmente é aquele que eu vejo que mais utiliza a biblioteca, assim fisicamente... digamos assim... aquele que mais tá presente no horário em que ela tá aberta, nas várias bibliotecas que a universidade possui, que eu vejo.”* (Entrevistada B, 2016).

*“A graduação é basicamente livros né? Se a gente for falar de pós-graduação já muda completamente esse cenário, que daí a informação livros eles já não pegam, raramente eles pegam livros, daí eles pegam periódicos e periódicos não tem mais em papel, com raras exceções ou se é um trabalho mais histórico, daí tem o acervo aqui.”* (Entrevistada E, 2016).

Os estudantes da Pós-Graduação e os professores, diferentemente do passado em que buscavam o material apenas nas bibliotecas, atualmente já não frequentam esses locais, pois utilizam mais os recursos *on-line* devido ao tipo de material de pesquisa que demandam, no caso, revistas científicas.

*“Aquele que já tá em um nível de pós-graduação, ele é realmente menos frequente, porque vai ter a necessidade de outras fontes de informação. Então, ele acessando a internet tem tudo da sua casa ou do seu gabinete. Então, acho que esse usuário na biblioteca praticamente não vai procurar ela fisicamente, a não ser que precise algo, talvez que ainda não foi digitalizado né, que não*

*esteja ainda disponível na internet, nas editoras, nas fontes confiáveis.”* (Entrevistada B, 2016).

*“Usuário, aluno já de final de curso ou aluno de pós-graduação, realmente tem diferença, porque ele nem vem à biblioteca, acessa os documentos de que precisa de onde estiver. Então, circulam dentro da biblioteca hoje somente alunos de graduação, que é diferente daquele período do impresso, onde vinham os professores, vinham os alunos de pós-graduação que precisavam dos artigos que estavam nas revistas impressas. Eles não tinham outra opção pra obter esses artigos que não fosse vir na biblioteca, então eles tinham que vir.”* (Entrevistada D, 2016).

Com a disponibilização dos livros *on-line*, percebe-se que os estudantes da Graduação também já possuem acesso aos materiais de pesquisa fora da Biblioteca e que talvez o hábito de leitura do livro impresso possa estar migrando para o hábito de leitura do livro eletrônico, afastando também esse público que hoje é frequente, como comenta a Entrevistada E, que percebe, de forma tímida, uma preocupação com o futuro da Biblioteca frente ao que chama um “*boom*” de tecnologia.

*“O aluno de pós-graduação que é nosso usuário, ele usa bastante a informação virtual, diferente da graduação né, mas já mudou. Eu acho que a gente precisa andar junto com o que vai surgindo de novidade. Então, olhando pra nossa biblioteca... tem várias coisas que a gente precisa incrementar para acompanhar esse “boom” de tecnologia e tal.”* (Entrevistada E, 2016).

Se levarmos em conta as observações de Nitschke (2008, p. 68) de que “os graduandos são os usuários que menos conhecem o bibliotecário de sua unidade de informação e que menos recorrem a eles para pedir ajuda”, de que a falta de familiaridade com as práticas do bibliotecário fazem com que esses usuários o descrevam como um atendente de balcão, ou, ainda, considerarmos que a maioria dos estudantes da área médica têm por característica o acesso aos equipamentos tecnológicos mais atualizados, como observa a Entrevistada F. Logo, se a biblioteca não acompanhar as necessidades informacionais, espaciais e tecnológicas dos usuários, possivelmente os estudantes da Graduação também se afastarão desse ambiente, assim como aconteceu com alunos de Pós-Graduação e os professores a partir da disponibilização *on-line* das revistas científicas.

*“Eles são muito mais tecnológicos do que o restante do pessoal da UFRGS, isso sim. Por quê? Porque eles têm recursos, são filhos de médicos, filhos de advogados, então o poder aquisitivo deles é bem maior do que o restante da universidade.”* (Entrevistada F, 2016).

Foge das possibilidades desta dissertação discutir o perfil sócio-econômico dos alunos da Graduação em Medicina. No entanto, é preciso pensar que tal visão, caso venha a ser naturalizada, poderá contribuir para dificultar a formação de alunos com baixo poder aquisitivo que, porventura, conseguem “furar o bloqueio” do vestibular e ingressar no Curso de Medicina, dificultando a superação do chamado dualismo educacional ao longo da carreira universitária. Contudo, ficou evidenciado nas narrativas o fato de a Biblioteca estar aquém com relação aos recursos tecnológicos utilizados por seus usuários.

Quanto ao fato de o tipo de leitor diferenciado, característico da cibercultura, ser mais autônomo na busca de informação e utilizar recursos de pesquisa *on-line*, uma das entrevistadas considera que isso não ameaça a permanência da biblioteca tradicional, entendendo que é necessário atraí-los e exaltando a importância do bibliotecário, pois se esse se mostrar fundamental não há com que se preocupar: *“Eles têm autonomia, isso... Eu não acho ruim, eu acho que é positivo. Cabe à gente também ter dinâmicas para atraí-los, pra que eles utilizem o espaço, enfim os próprios materiais que estão disponíveis.”* (Entrevistada C, 2016).

Entretanto, se forem levados em consideração os estudos sobre a representação social do bibliotecário que o identificam como um “atendente de balcão” ou, ainda, como um “guardador de livros”, em um contexto de afastamento dos usuários quanto aos espaços e serviços das bibliotecas proposto pela cibercultura, a reafirmação da profissão de bibliotecário que se pretende e a justificativa de sua permanência no mercado de trabalho poderão estar ameaçadas.

A Entrevistada D apresenta uma visão sobre o público que já se afastou do ambiente físico da Biblioteca, ou seja, os estudantes da Pós-Graduação, e a preocupação de resgatar o contato com este público, considerando que a Biblioteca é quem deve mover-se no sentido de ir até eles, de buscá-los: *“Nós não temos nada que os atraia para eles virem e ficarem aqui, porque todas as revistas que nós temos eles têm acesso da sala deles ou da sala de pesquisa. Esse aluno não vem mais.”* (Entrevistada D, 2016).

*“Eu tenho impressão de que existe um público que a gente não tá atingindo, desses que não estão vindo aqui. E não adianta querer que eles venham, porque eles não virão. O que nós não estamos conseguindo é fazer o contrário, ir até eles. E a gente está bem sentada esperando: 'Venham! Estou aqui esperando.' Não adianta, não vão vir, porque aquela época que eles vinham já foi.”* (Entrevistada D, 2016).

Tal concepção vai ao encontro das seguintes afirmações de Lankes (2012, id=8481): “Você, bibliotecário, não deve esperar que todos vão à biblioteca. Vá até eles, esteja onde eles estão”. E: “O bibliotecário precisa em alguns momentos deixar seu local de trabalho e atuar junto da comunidade”.

Contudo, não há apenas uma perspectiva de busca dos usuários afastados, mas também uma necessidade de manter o público que é mais frequente, principalmente a partir de uma maior aproximação com as atividades curriculares formativas deles.

*“Me parece que às vezes a gente falha, mas daí eu não sei como... na divulgação, mas nas atividades de treinamentos. O próprio trabalho que a gente tem feito nesses últimos anos de contato com os professores, para que eles nos oportunizem ir na sala de aula conversar com os alunos, tem sido muito legal. Especialmente falo da experiência com a Nutrição, que tem acontecido. Nós temos três encontros semestrais que já estão, vamos chamar de fixos, não oficialmente fixos, mas nos últimos quatro anos têm acontecido.”* (Entrevistada E, 2016).

Quanto à proposta de atividades de educação de usuários para a Graduação em Medicina, nota-se que houve avanços no segundo semestre de 2016, conforme apresenta a Entrevistada E, pois no ano de 2015, quando esta pesquisa começou a ser desenvolvida, ainda não se tinha uma atividade regular ministrada por bibliotecários especificamente para este curso.

*“E a Medicina já abriu, abriu neste semestre. Nós tivemos um encontro, dei uma aula pra 70 alunos, foi muito legal, com a disciplina... eu não vou lembrar o nome agora... mas eu acho que é integradora uma coisa assim. O pessoal que tá chegando é do primeiro semestre. Até o ano passado nós não tínhamos nada e nas reuniões eu até chegava a ser chata que a gente queria esse espaço né.”* (Entrevistada E, 2016).

Em tempos de cibercultura, se observa a necessidade de modificações na postura do profissional bibliotecário; no entanto, elas já estão sendo pensadas e timidamente colocadas em prática. Dois dos sentidos identificados nessa pesquisa transformam a antiga prática passiva deste profissional em uma prática ativa no que se refere ao relacionamento com os usuários. Um deles é a substituição do sentido de “mediador” para “educador” ou “tutor” no uso de fontes de informação, e o outro é a substituição do sentido de “esperar o usuário vir” para “ir até o usuário”. Entretanto, os sentidos ativos confundem-se com os passivos na medida em que não apresentam um resultado esperado, como expõe a

Entrevistada E (2016): *“Às vezes eu comento que fico sem ação, porque alguns incentivos que a gente tem feito parece que não têm surtido o resultado que a gente gostaria.”*

Quanto à pluralidade de sentidos identificada no estudo, ao analisarem os sentidos extraídos dos documentos dos Conselhos de Biblioteconomia Ferrarezi e Romão (2013, p. 8) explicitaram que ela pode ser um indício de anseio por mudanças nas práticas realizadas nas bibliotecas pelo qual “se buscaria tecer uma relação com o sujeito-leitor, cativá-lo, atraí-lo, e não apenas esperar que ele adentre o portão da biblioteca e percorra suas estantes”. As autoras acrescentam ainda que a repetição de alguns verbos dá a ideia de movimento e dinamicidade, na medida em que discursivizam as funções a serem desempenhadas pelas bibliotecas, e que isso pode ser observado em termos como: ‘promover’, ‘influenciar’, ‘incentivar’, ‘viabilizar’ ‘estimular’, ‘organizar’, ‘trabalhar’, ‘atuar’, ‘investir’ e ‘interagir’, pois consideram que tais termos sinalizam uma tentativa de romper com aqueles discursos que historicamente atribuíram às bibliotecas a função estática e exclusiva de armazenar e preservar acervos.

Nesse contexto, é importante frisar que o próprio profissional bibliotecário, e os trabalhadores da Biblioteca, em alguns casos, podem ter também uma visão estereotipada da profissão, o que dificulta a mudança de concepções e práticas profissionais.

### **3.5 Espaço físico da Biblioteca FAMED/HCPA**

No que se refere ao espaço físico, esse foi analisado e citado tanto em seu aspecto de espaço de leitura como a partir de sua infraestrutura. Quanto à questão Como você define o espaço físico da Biblioteca FAMED/HCPA?, as entrevistadas consideram como um espaço “bom”, “amplo”, “de estudo”, “de convivência”, “de conhecimento” e “com estrutura adequada”. E apresentam algumas respostas: “[...] acho que a FAMED com certeza está entre as que estão nesse segundo grupo né, de... bem equipadas, com uma estrutura ótima, adequada pra receber pessoas.” (Entrevistada B, 2016).

*“Esse espaço, ah é um espaço de estudo, espaço de acolhimento, um espaço de convivência, um espaço de trocas de vivências, experiências, um espaço muito rico onde o conhecimento circula de várias formas, em vários níveis, tanto da equipe entre si quanto da equipe com os usuários, os usuários entre eles. Então acho que definiria mais ou menos assim.”* (Entrevistada C, 2016).



Em suas considerações e definições sobre o espaço físico da Biblioteca FAMED/HCPA, a maioria das entrevistadas o compararam aos espaços de outras bibliotecas da mesma Universidade e, tendo em vista esses outros locais dentro da UFRGS, o consideraram “bom” e “adequado”, apesar de algumas limitações e necessidade de readequação, como segue:

*“Eu acho bom aqui. Eu acho bom, a gente tem um andar só pra gente. Isso já é uma coisa maravilhosa assim, tem elevador (risos) eu acho grande, só acho que a gente tem que realocar agora. Como vai ter muita gente trabalhando junto agora que vai diminuir o horário de novo, a gente vai ter que realocar ali as salas. Eu acho que a parte de informática talvez esteja meio defasada, mas isso é uma questão de aquisição, de dinheiro, né.”* (Entrevistada A, 2016).

Ou então:

*“Eu creio que, comparando com a maioria das bibliotecas do sistema, a gente ainda tem uma estrutura muito boa, com todas as limitações, as coisas erradas. Mas enfim, eu acho que o saldo é mais positivo do que negativo.”* (Entrevistada C, 2016).

E, pensando comparativamente:

*“Aqui na Medicina é uma biblioteca que eu acho bem interessantes os espaços que ela tem, porque ela proporciona os mais diversos espaços. Para estudo individual tem as capelinhas, se tu quer fazer um trabalho em grupo nós temos salas, não são muitas né, mas pensando em outras que não têm nada... Eu acho que a gente é bem feliz nisso e tem espaços ali fora da biblioteca que eles podem utilizar até. E então, se tu quer conversar mais tem um espaço pra isso, se tu quer fazer um trabalho mais reservado com colegas tem um espaço pra isso, se tu quer computadores tem um espaço. Então eu acho que aqui tem um espaço.”* (Entrevistada E, 2016).

Ainda, quando questionadas sobre como percebem esse espaço físico, apesar de uma aparente satisfação com relação a ele foi possível identificar um desejo de mudanças no que se refere à infra-estrutura do prédio (pintura, janelas, iluminação e andar), à distribuição dos espaços de estudo e à modernização do mobiliário, exceto o mobiliário referente às estantes do acervo corrente, visto que foram substituídas em 2015 por modelos novos, e por isso, há um contentamento referente a elas.

*“O espaço assim, pra equipe poder trabalhar eu acho que ele é bem adequado, considerando outros lugares. Só é ruim esse muito recorte, da janela que eu falei, iluminação pra não degradação do acervo é mais complicadinho assim, e o fato de estar no terceiro andar o peso também né, que é uma preocupação constante que a gente tem, e se essa estrutura suporta os milhares de exemplares que nós temos.”* (Entrevistada C, 2016).

E, pensando na inovação do design, a Entrevistada A pondera:

*“Talvez as cores da biblioteca daqui sejam... eu não gosto desse verde pálido, me dá uma tristeza, essas cores eu acho bem ruim assim. Então, talvez renovar as cores seria uma coisa legal, inovar os móveis também. Se pudesse mudar aquelas mesinhas por umas mesas de madeira, mas é mais isso assim, talvez uma readequação mais pros tempos de hoje. As estantes estão legais, as cortinas tem que trocar também, tipo... o espaço físico eu acho legal sabe, tu ter um andar só pra ti e as janelas bem ventiladas. Eu acho legal o espaço como um todo, eu acho bacana, só esses detalhes mesmo, mais estéticos.”* (Entrevistada A, 2016).

Quanto ao espaço de leitura disponível para os leitores, algumas respostas consideram que não é o ideal, ou seja, não é suficiente para atender toda a comunidade em potencial: *“Ah! Não é o suficiente né, nunca é. Assim... eu acho que podia ter mais, mas é tranquilo, eu acho bom.”* (Entrevistada A, 2016), ao mesmo tempo que o consideram “bom” e “adequado”.

*“Em termos de espaço pro usuário, acho que na maioria o espaço pra... A prioridade é sempre pro armazenamento do acervo, enquanto a parte pro usuário é mais carente. A gente pode... visivelmente ver aqui por exemplo, aqui pros usuários, vou chutar que 10% do total né, isso contando com que se tem de acesso a computadores, contando com a área de estudo em grupo, talvez chegue com a outra salinha ali, pouco mais de 10%, mas é muito pouco em relação ao total da nossa população aqui.”* (Entrevistada B, 2016).

*“Até tem planos de proporcionar atividades a mais, que chamem a atenção do usuário para a biblioteca. Mas eu acho que pensando no espaço físico nós aqui somos felizes, pelo que a gente vê fora, de outras experiências. Claro que há outras experiências muito melhores, maravilhosas, e que a gente tem que aprender com eles, mas nós já temos um bom espaço. Não é ótimo, excelente, mas eu considero um bom espaço.”* (Entrevistada E, 2016).

Outra questão abordada foi a segmentação ou delimitação dos espaços atuais, como coloca a Entrevistada D, que também faz referência ao silêncio tão característico do ambiente das bibliotecas e tradicionalmente imposto pelo bibliotecário, conforme ponderou

Lankes (2012, id=8541): “Por muito tempo os bibliotecários se enclausuraram em suas bibliotecas, criando uma cultura do silêncio e obrigando que cada pessoa que lá entrasse se ajustasse a ela. São bibliotecários que criam limites.”

*“Os espaços talvez não precisassem ser tão segmentados assim, tão separadinhos, não sei. Eu acho que a quantidade de espaço físico tá boa, eu não sei se a distribuição tá boa. Me parece que deve ter uma integração maior entre as pessoas e como elas circulam dentro dos ambientes, espaços menos... as separações não são tão marcadas, né, até porque aquela ideia de que biblioteca tem que ter silêncio... Sim, ela tem que ter silêncio naquela sala, naquele ambiente em que as pessoas só querem estudar, mas em geral não precisa ter silêncio, até porque o fato de as pessoas estarem passando entre as estantes já provoca um movimento, e aquele barulho faz parte do processo.”* (Entrevistada D, 2016).

Logo, é possível identificar nas narrativas a desnaturalização do silêncio e do design, o que demonstra uma postura menos conservadora por parte do bibliotecário.

Apesar de haver certa conformidade com relação ao espaço físico da Biblioteca, é possível identificar um anseio por melhorias, como: *“Essa questão, então, de espaços mais pensados né... Considerar mais essa necessidade do usuário. Eu acho que isso falta, não dá pra dizer em todas.”* (Entrevistada B, 2016).

*“Eu gostaria que tivesse outros espaços diferentes, que pudesse ter uma mesinha com jogo de xadrez sabe, que tivesse um layout até mais atrativo. Simplesmente podia ser cor né, nada tecnológico, mas um espaço que atraísse mais, que eles pudessem descansar em alguns momentos, sentar em uma poltrona confortável, ter... suporte ali pro note dele. Vou falar de coisas simples, tomadas adaptadas pra que ele possa usar seu equipamento. A gente tem bastantes usuários que já trazem seu próprio equipamento, embora não seja a maioria ainda.”* (Entrevistada B, 2016).

Percebe-se que algumas narrativas acompanham os discursos e as tendências mundiais sobre arquitetura e design de bibliotecas tradicionais em tempos de bibliotecas digitais, seguindo a linha de alguns países, conforme comentou Miranda (1998, p. 1):

A construção de grandes bibliotecas, surpreendentemente, vem tendo um ímpeto extraordinário na época do advento das “bibliotecas virtuais”. Enquanto as novas tecnologias apontam cada vez mais para a digitalização e a virtualização de grandes massas documentais, alguns países dedicam-se à construção das maiores e mais modernas bibliotecas do planeta para albergar seu patrimônio bibliográfico (e de novas mídias), como são os exemplos das quatro grandes torres da *Bibliothèque*

*Nationale George Pompidou* de Paris, da monumental e complexa nova sede da *British Library* [...] e da reconstrução da Biblioteca de Alexandria, no Egito, com recursos internacionais.

Tendência que se embasa numa concepção interdisciplinar entre a Biblioteconomia e o Design de Interiores, pensando não apenas nas necessidades específicas características das bibliotecas para a preservação de acervos, mas também na melhor forma de organização dos espaços e num layout mais atrativo, superando a ideia de biblioteca tradicional, com espaços delimitados e por vezes desconfortáveis e com cores frias, para que os usuários possam se sentir motivados a utilizar esses espaços, como fala a Entrevistada B:

*“Realmente, nós precisamos ampliar, captar mais, correr atrás desse espaço pros alunos, pros docentes, e quem sabe também atrair mais pessoas que não só a graduação, que atualmente são os que mais usam assim. Trazer esses outros componentes da comunidade né, ter talvez um miniauditório, um local pra estudar ali com quadros tecnológicos, a gente tem que fugir desse cenário mais comum que são as baias ou salinhas de estudo em grupo. Acho que se pode desenvolver isso.”* (Entrevistada B, 2016).

Entretanto, percebe-se também que a noção de adequação e melhoria do espaço físico da Biblioteca não está diretamente ligada à concepção dos usuários sobre este local e, sim, ligada à concepção das bibliotecárias, talvez na esperança de atrair o público que não frequenta mais a Biblioteca ou aquele que está em vias de se afastar dela. Nesse sentido, a Entrevistada D pondera:

*“Eu só acho que nem todos se dão conta de que tem um tempo pras coisas, que não adianta eu fazer uma reforma maravilhosa, mudar estante de lugar e tal e organizar ou pensar a biblioteca pra um público que não existe mais. Talvez a biblioteca tivesse que ser pensada, inclusive em questões de layout, pra um jovem estudante de graduação, que este vai continuar sendo o público da biblioteca, enquanto os livros ainda forem usados.”* (Entrevistada D, 2016).

Quando coloca “*enquanto os livros ainda forem usados*”, a Entrevistada D remete à ideia de que quando o público da Graduação, que é o usuário frequente da Biblioteca, mudar seu hábito de leitura dos livros impressos para os livros eletrônicos, ou ainda, se as edições dos livros forem exclusivamente eletrônicas, digitais, talvez não existam mais usuários na Biblioteca, ou estes não sejam em quantidade suficiente para justificar a

manutenção desse espaço, tal como está disposto atualmente, indo ao encontro das ideias de Drabenstott e Burman (1997) sobre a biblioteca do futuro.

Também foi questionado às bibliotecárias como percebem o futuro das bibliotecas universitárias. Em algumas respostas foi possível identificar que percebem a biblioteca universitária ainda como um local de armazenamento e disponibilização de livros impressos. Ao mesmo tempo, consideram que o livro em papel não vai acabar e que a preferência dos estudantes por ele também não, embora percebam mudanças no comportamento dos estudantes da Graduação, que buscam informações e utilizam cada vez mais as plataformas de livros eletrônicos, como apresenta a Entrevistada E:

*“O que eu vejo é essa nova geração, conectada em tudo aí, nos relacionamentos, nas redes sociais, mas quando entra pesquisa o que eu vejo aqui é eles preferindo ainda o papel, tem alguns... Tem já uma mudança de quando eu entrei aqui, eu acho que ainda era um pouco mais, agora já... a gente vê o interesse deles: “Eu queria conhecer o E-volution, o Access, essas plataformas de livros eletrônicos”. Tu vê mais eles pedindo pra conhecer e tal.” (Entrevistada E, 2016).*

Nota-se que há a concepção de que as bibliotecas tradicionalmente como estão organizadas ainda se manterão por um longo período, como se pode ver nas narrativas das entrevistadas E, A e C, respectivamente:

*“Eu acho que o papel, pensando em acervo, eu acho que o papel ainda vai por muito tempo, porque a gente vê a preferência do aluno. Na maioria das vezes, se tem um livro em meio eletrônico e em papel na frente dele, ele vai preferir o papel.” (Entrevistada E, 2016).*

*“Ah, eu acho que o livro em papel não vai acabar, não vejo assim. Ainda vejo estantes com livros, mas bem menos. Eu acho que essa biblioteca já é uma biblioteca meio que do futuro, com poucos livros sabe, com aquela coisa bem básica, mas com muita coisa on-line. Mas eu não consigo imaginar, sei lá, não sei.” (Entrevistada A, 2016).*

*“Eu penso que ela vai ainda continuar tendo seu caráter de presencialidade. Quero dizer com isso que a gente não vai ser totalmente digital no acesso, no formato das publicações. Creio que a gente ainda vai coexistir, como outras tecnologias coexistiram, o rádio não deixou de existir quando a TV surgiu. Eu creio que a gente ainda vai ter papel assim, manuseio de papel, a gente ainda vai ter espaço de convivência.” (Entrevistada C, 2016).*

As concepções das entrevistadas A e C, respectivamente, estão de acordo com as seguintes visões de Drabenstott e Burman (1997, p. 9) sobre a biblioteca na “era digital”, a que chamaram de “biblioteca do futuro”: “Cada universidade deveria manter coleções básicas para ensino e pesquisa, tomando a responsabilidade de desenvolver profundamente determinadas áreas em que são fortes, e não concorrer para a dispersão de coleções.” E ainda, com a seguinte concepção: “É erro pensar que o boletim ou revista eletrônica possam substituir os periódicos impressos. Veja-se, por exemplo, que a televisão não tomou lugar do cinema e do rádio, nem os discos e CDs dos concertos.” (DRABENSTOTT; BURMAN, 1997, p. 5).

Com relação à tendência em se manter apenas as coleções básicas essenciais, isso pode se confirmar atualmente, pois na Biblioteca estudada ainda há aquisição de livros básicos no formato impresso. Entretanto, como não há mais assinatura e recebimento de revistas científicas nesse formato, a expectativa é de que nos próximos anos as coleções básicas de livros passem também a ser predominantemente eletrônicas e os demais materiais impressos sejam digitalizados. A partir disso, a perspectiva futura é de que nem a primeira visão de Drabenstott e Burman (1997) sobre o futuro da biblioteca se sustente.

Todavia, ao pensar ainda em todas as campanhas referentes à preservação ambiental e à sustentabilidade, tal perspectiva se justifica e é possível inferir que os livros em papel não serão mais editados ou serão produzidos cada vez mais em pequenas quantidades. Nesse caso, apesar de referir-se à Biblioteca ainda como um repositório de acervos impressos e de espaço de leitura e estudos, a Entrevistada B propõe outro viés, como sendo um centro de convivência, um espaço de inter-relações e de produção criativa. De qualquer maneira, não se sabe se os novos sentidos pensados para a Biblioteca serão suficientes para justificar sua permanência no ambiente acadêmico, tal como ela está disposta hoje. Ou ainda, suficientes para permitir que o profissional bibliotecário tenha a visibilidade e a valorização que tanto busca.

*“Que a biblioteca não seja só acervo, não seja só papel, realmente isso. Acho que é só uma pequena parte do que as bibliotecas têm que ser, elas têm que ser um espaço de convivência, até de trabalho colaborativo, de desenvolvimento de produtos, local até de trabalho pra algumas pessoas, aquelas que podem menos, de menor poder aquisitivo, que podem usar as bibliotecas pra usar a internet, usar o computador, quem não tem na sua casa, pra buscar emprego né... ou realmente fazer atividades que em outro local ela não tem, a biblioteca assim, como multisserviços, multifunções e não só o emprestar livro, emprestar acervo pra estudo e pra lazer.” (Entrevistada B, 2016).*

Em comparação com outras bibliotecas, as entrevistadas consideram o espaço físico da Biblioteca FAMED/HCPA “bom” e “adequado”. No entanto, notam-se opiniões contrárias que indicam que poderia ser diferente.

Para concluir esse capítulo, destacam-se algumas reflexões que procuram demonstrar as inter-relações entre os temas analisados. Dentre elas, sendo que a trajetória profissional determina a atuação profissional, tem-se que as práticas do bibliotecário estão condicionadas não apenas às suas concepções de como deve ser sua atuação, mas também à estrutura de que dispõe para realizar suas tarefas, e isso inclui principalmente os espaços físicos, assim como os espaços físicos se alteram e se adequam a partir de novas compreensões.

Percebe-se que o movimento imposto pela cibercultura, que propicia um afastamento da comunidade acadêmica do ambiente físico da Biblioteca, está modificando algumas visões dos bibliotecários a respeito de sua atuação e de suas práticas anteriores, considerando que eles podem atrair as pessoas para este espaço ou afastá-las.

Por fim, salienta-se que, embora haja uma mudança de concepção sobre a atuação, a prática e a adequação dos espaços das bibliotecas voltada para as necessidades do “ciberleitor”, para que esta ideia possa se consolidar é necessário que ocorra em âmbito institucional, pois é a instituição quem vai dar o aporte técnico e financeiro para se realizar as modificações ambientais necessárias. Contudo, no caso das instituições públicas, mesmo que as novas concepções sejam assimiladas em âmbito institucional, é preciso levar em conta as possibilidades, os tensionamentos e as características burocráticas e administrativas que lhes são próprias.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da análise das narrativas foi possível identificar aspectos da memória da Biblioteca FAMED/HCPA, algumas características históricas da pesquisa na área médica nessa Biblioteca e, principalmente, como as bibliotecárias percebem suas práticas e o espaço físico da Biblioteca no contexto da cibercultura.

Com relação à memória, uma das características observadas é que até a década de 1990 a Biblioteca FAMED/HCPA caracterizava-se pelo uso de periódicos científicos, que eram disponibilizados para fotocópias apenas. Os materiais bibliográficos não eram emprestados, o que demonstra um monopólio do conhecimento exercido por parte da Biblioteca, pois, para ter acesso ao conhecimento científico, era necessário, obrigatoriamente, ir até ela.

Entretanto, a partir da informatização da FAMED e do HCPA, essa realidade se modificou; além de haver uma redução na frequência e na utilização dos serviços prestados pela Biblioteca, principalmente na busca pelo serviço de fotocópias, ela passou a não ter mais um controle do que era pesquisado por seus usuários. A partir de então, observou-se que, enquanto a Biblioteca possuía acesso *off-line* às bases de dados da área médica, seus frequentadores já tinham acesso aos recursos no modo *on-line* fora desse espaço, e enquanto a Biblioteca utilizava internet discada, seus usuários já estavam navegando com internet banda larga. Isso modificou drasticamente a posição da Biblioteca, pois de lugar de domínio do conhecimento passou a ser uma instituição aquém de seu usuário em termos de tecnologia e acesso aos acervos digitais.

Sobre o tópico “trajetória e atuação profissional” das bibliotecárias entrevistadas, na etapa de escolha da profissão pode-se notar que se reflete um histórico desprestígio social sobre sua imagem profissional e sua prática. Tal desprestígio faz com que os bibliotecários continuem buscando reconhecimento e valorização.

E, apesar de as memórias referentes às experiências profissionais das bibliotecárias serem majoritariamente positivas e idealizadas, ou de haver relato de uma satisfação e um sentimento de valorização do trabalho no contexto acadêmico, percebe-se a necessidade de reafirmação e melhora da imagem profissional. Tal fato é identificado a partir das expressões “ser pró-ativo”, “ser analítico”, “ser cara de pau” e “tem que se vender”, indo ao encontro das recomendações propostas na literatura sobre a área.



A partir das narrativas de que o bibliotecário no contexto acadêmico é muito importante e da indicação de que ele deve divulgar sua importância e seus serviços, assim como desenvolver habilidades interpessoais para se relacionar adequadamente com o público que atende, nota-se, implicitamente, uma preocupação não só de cativar esse público e modificar a imagem da biblioteca e do bibliotecário, mas também de manter a tradição desse espaço físico e preservar uma cultura profissional. As narrativas sugerem ao bibliotecário pró-atividade, desenvolvimento de habilidades comunicacionais e que ele seja “cara de pau”, e ressaltam também a importância desse profissional atuando como “mediador”, “organizador”, “investigador” e “facilitador”.

Nas concepções sobre as práticas do bibliotecário no cenário acadêmico percebe-se um movimento de mudança de sentidos, sendo que o sentido de “mediador” passa a dar mais espaço ao sentido de “educador”, e a ação de “esperar o usuário” passa a dar lugar à ação de “buscar o usuário”, o que demonstra uma inquietação com relação ao uso da Biblioteca e de seus recursos. Isso pode indicar tanto uma preocupação em exercer o caráter humanista da profissão, a partir da disseminação do conhecimento, como também a manutenção da biblioteca tradicional e, com ela, sua permanência no mercado de trabalho.

Entretanto, o sentido de “mediação” visto como aquele que apenas disponibiliza a informação almejada, ou seja, que serve como “ponte” entre a informação e seu usuário, talvez necessite ser transformado no mesmo sentido dado à “mediação pedagógica”, caso se queira avançar em uma perspectiva educativa da profissão de bibliotecário.

Ainda sobre as práticas biblioteconômicas em tempos de cibercultura, as narrativas apresentam sentidos contraditórios, que ora entendem que as práticas foram modificadas a partir do uso das tecnologias e ora compreendem que elas não sofreram alterações. Por outro lado, as entrevistadas consideram que atualmente os bibliotecários necessitam de constante atualização e capacitação, pois suas práticas exigem maior qualificação. Tal concepção explica a importância dada às questões técnicas da profissão e às visões sobre o futuro da Biblioteca.

Foi possível identificar, ainda, que não há apenas uma movimentação de mudança de sentidos, mas também uma luta por espaços, por recursos, reconhecimento profissional e aceitação, sendo que conquistas como participação nas atividades curriculares da Graduação são frutos dessas lutas, assim como mudanças de layout e aquisição de equipamentos, entre outras necessárias à manutenção das bibliotecas e da profissão de bibliotecário.

Quanto aos impactos causados pela cibercultura tanto na Biblioteca como em suas práticas, as entrevistadas consideram que houve uma diminuição expressiva no uso da Biblioteca, principalmente por estudantes dos Cursos de Pós-Graduação e por professores. Foi citada também a resistência por parte de alguns profissionais em acompanhar as transformações necessárias, o que em alguns casos gera conflitos na equipe de trabalho. Outra questão abordada foi a dependência do uso da tecnologia no desempenho de suas funções, que provoca maior distanciamento do bibliotecário com relação aos acervos disponíveis na Biblioteca, principalmente o de livros clássicos, básicos e essenciais à Graduação.

No que se refere ao espaço físico da Biblioteca FAMED/HCPA, apesar de as bibliotecárias o definirem como um espaço “bom” e “adequado”, elas não o consideram “ideal”. Houve algumas sugestões para sua adequação a fim de melhor atenderem seu público, que são em maioria alunos da Graduação. Percebe-se que as sugestões dadas pelas entrevistadas para a melhoria do espaço físico podem ter como intenção atrair os usuários para o uso da Biblioteca, visto que não estão diretamente ligadas às concepções que eles possuem sobre ela. As concepções sobre como os usuários pensam que deve ser a Biblioteca ainda não foram estudadas. Essa questão, aliás, pode vir a se tornar uma excelente temática para estudos futuros.

Porém, comparando as narrativas das entrevistadas com a literatura da área, ao longo das últimas décadas, vê-se que há tempos se discutem questões referentes à necessidade de o bibliotecário ser “pró-ativo”, seja na procura por atualização e qualificação constantes frente aos avanços tecnológicos, ou em divulgar seu trabalho. Portanto, o bibliotecário continua sempre em busca da “melhor imagem” de sua profissão e da extinção dos estereótipos pejorativos a ela relacionados.

Quanto às concepções atuais, elas pouco diferem da literatura de décadas anteriores. Percebe-se que, apesar de os sentidos sobre as práticas dos bibliotecários diferirem bastante entre si, eles pouco se alteram ao longo dos anos. Logo, o fim da biblioteca física e a prática itinerante do bibliotecário, descritos por Drabenstott e Burman (1997), parecem ainda não estar tão próximos na visão dos bibliotecários, embora se possa identificar, em algumas narrativas, uma preocupação com as transformações impostas pela cibercultura.

## REFERÊNCIAS

- BASTOS, Gustavo Grandini; GALLI, Fernanda Correa Silveira; ROMÃO, Lucília Maria Sousa. Discursos e sentidos no ciberespaço: a biblioteca da/na favela. **Diálogos Pertinentes: Revista Científica de Letras**, São Paulo, v. 9, n. 1, p. 89-109, jan./jun. 2013.
- BELLUZZO, Regina Célia Baptista. Competências na era digital: desafios tangíveis para bibliotecários e educadores. **Educação Temática Digital**, Campinas, v. 6, n. 2, p.30-50, jun. 2005.
- BRASIL. Conselho Federal de Biblioteconomia. Decreto nº 56.725, de 16 de agosto de 1965. Regulamenta a Lei nº 4.084, de 30 de junho de 1962, que dispõe sobre o exercício da profissão de Bibliotecário. **Diário Oficial da União**, Brasília, Seção 1, 19 ago. 1965, p. 8366. Disponível em: <<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1960-1969/decreto-56725-16-agosto-1965-397075-publicacaooriginal-1-pe.html>>. Acesso em: 9 mar. 2016.
- CHARTIER, Roger. **A aventura do livro: do leitor ao navegador**. São Paulo: Ed. UNESP, 1999. 159 p.
- CONSELHO REGIONAL DE BIBLIOTECONOMIA DA 6ª REGIÃO. **Bibliotecário: o profissional de ontem, hoje e amanhã**. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=s-gWcp1NO1s>>. Acesso em: 6 mar. 2016.
- CONSELHO REGIONAL DE BIBLIOTECONOMIA DA 2ª REGIÃO. **Carreira: Juramento**. Disponível em: <<http://www.crb2.org.br/carreira.php?codigo=5>>. Acesso em: 12 dez. 2016.
- CRESTANA, Maria Fazanelli. **Discurso de bibliotecárias a respeito de suas profissões na área médica**. 2002. Dissertação (Mestrado em Administração Hospitalar) – Faculdade de Saúde Pública, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/6/6131/tde-27062003-121133/pt-br.php>>. Acesso em: 7 jan. 2017.
- DEWEY, Jonh. **Experiência e educação**. 2. ed. São Paulo: Ed. Nacional, 1976.
- DIAS, M. M. K.; PIRES, D. **Usos e usuários da informação**. São Carlos: EDUFSCAR, 2004. (Série Apontamentos).
- DRABENSTOTT, Karen M.; BURMAN, Celeste M. Revisão analítica da biblioteca do futuro. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 26, n. 2, maio/ago. 1997. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0100-19651997000200012](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-19651997000200012)>. Acesso em: 7 jan. 2017.
- ECO, Umberto; CARRIERE, Jean-Claude. **Não contem com o fim do livro**. Tradução de André Teles. Rio de Janeiro: Record, 2010. 269 p.
- FERRAREZI, Ludmila; ROMÃO, Lucília Maria Sousa. Sentidos de biblioteca escolar no discurso da ciência da informação. **Informação e Sociedade: Estudos**, João Pessoa, v. 18, n. 3, p. 29-44, set./dez. 2008.

\_\_\_\_\_; \_\_\_\_\_. Certos sentidos de biblioteca escolar: efeitos de repetição e deslocamento. **Linguagem em (Dis)curso**, Tubarão, SC, v. 13, n. 1, p. 35-64, jan./abr. 2013.

FRAGA, Nádia Elôina Barcelos; MATTOS, Carla Erler; CASSA, Gabriela de Almeida. O marketing profissional e suas interfaces: a valorização do bibliotecário em questão. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Minas Gerais, v. 13, n. 2, p. 148-167, maio/ago. 2008. Disponível em: <<http://portaldeperiodicos.eci.ufmg.br/index.php/pci/article/view/136/490>>. Acesso em: 3 jan. 2017.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002. 175p.

GRAZZIOTIN, Luciane Sgarbi S.; ALMEIDA, Dóris Bittencourt. **Romagem do tempo e recantos da memória**: reflexões metodológicas sobre História Oral. São Leopoldo: Oikos, 2012.

HASSEN, Maria de Nazareth Agra; RIGATTO, Mário. **Fogos de bengala nos céus de Porto Alegre**: a Faculdade de Medicina faz 100 anos. Porto Alegre: Tomo Editorial, 1998. 239p.

LANKES, David. **Expect more**: demanding better libraries for today's complex world. 2012. Disponível em: <[https://davidlankes.org/?page\\_id=8274](https://davidlankes.org/?page_id=8274)>. Acesso em: 15 jan. 2017.

LARROSA, Jorge. Notas sobre narrativa e identidade. *In*: ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto (Org.). **A aventura (auto)biográfica**: teoria e empiria. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004. p. 11-22.

LETTI, Nicanor. **História da Faculdade de Medicina da UFRGS**. 2012. Disponível em: <<http://antoniovalsalva.blogspot.com.br/2011/02/profdiogo-martins-ferraz.html>>. Acesso em: 19 jun. 2016.

LUDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E. A. D. **Pesquisa em Educação**: abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986. 99 p.

MIRANDA, Antônio. Arquitetura de bibliotecas: experiência brasileira. *In*: SEMINÁRIO NACIONAL DE BIBLIOTECAS UNIVERSITÁRIAS, 10., 1998, Fortaleza. [**Anais...**], Fortaleza: Universidade Federal do Ceará, 1998. Disponível em: <[http://www.antoniomiranda.com.br/ciencia\\_informacao/art\\_arquitetura.pdf](http://www.antoniomiranda.com.br/ciencia_informacao/art_arquitetura.pdf)>. Acesso em: 16 jan. 2017.

NITSCHKE, Angela Morel. **Representações Sociais e práticas profissionais na Sociedade da Informação**: estudo com usuários de bibliotecas universitárias de Porto Alegre. Porto Alegre: UFRGS, 2008. 94f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação, Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.

RESENDE, Érica dos Santos. **Representações sociais de bibliotecário**: onde o antigo e o novo se confrontam. Rio de Janeiro: UNESA, 2005. 114f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estácio de Sá, Rio de Janeiro, 2005.

RODRIGUES, Eloy. Bibliotecas virtuais e cibertecários. *In: SEMINÁRIO - AS UNIVERSIDADES E OS NOVOS SERVIÇOS DE INFORMAÇÃO ELECTRÓNICA EM REDE*, 1995, Braga. [Anais...], Braga: [s.n.], 1995. Disponível em: <<http://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/423>>. Acesso em: 10 maio 2016.

SANTA ANNA, Jorge; PEREIRA, Gleice; CAMPOS Suelen de Oliveira. Sociedade da informação x biblioteconomia: em busca do moderno profissional da informação (MIP). *In: SEMINÁRIO DE INFORMAÇÃO EM ARTE*, 3., 2013, Rio de Janeiro.[Anais...], Rio de Janeiro: REDARTE, 2013.

SANTAELLA, Lúcia. **Navegar no ciberespaço: o perfil cognitivo do leitor imersivo**. São Paulo: Paulus, 2004. 191 p.

\_\_\_\_\_. **O leitor ubíquo e suas consequências para a educação**. [Paraná]: Programa Agrinho, 2014. p. 27-44. Disponível em: <[http://www.agrinho.com.br/site/wp-content/uploads/2014/09/2\\_01\\_O-leitor-ubiquo.pdf](http://www.agrinho.com.br/site/wp-content/uploads/2014/09/2_01_O-leitor-ubiquo.pdf)>. Acesso em: 26 jul. 2016.

SANTOS, Roberta Barbosa dos. **Entre silêncios e murmúrios: a biblioteca escolar no Colégio Farroupilha (Porto Alegre/RS, 1949-2000)**. Porto Alegre: UFRGS, 2016. 116f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2016.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL - UFRGS. Faculdade de Medicina. **Regimento interno: Decisão nº 067/2005**. Porto Alegre: FAMED, 2006. Disponível em: <<http://www.famed.ufrgs.br/index.php/famed/regimento>> Acesso em: 7 abr. 2016.

YIN, Robert K. **Estudo de caso: planejamento e métodos**. 4. ed. Porto Alegre: Bookman, 2010. 248 p.

ZAGO, Nadir. A entrevista e seu processo de construção: reflexões com base na experiência prática de pesquisa. *In: ZAGO, Nadir; CARVALHO, Maria Pinto de; VILELA, Rita Amélia Teixeira (Orgs.) Itinerários de pesquisa: perspectivas qualitativas em Sociologia da Educação*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003. p. 287-309.

## APÊNDICE A - Termo de consentimento livre e esclarecido



UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS  
Unidade Acadêmica de Pesquisa e Pós-Graduação  
Comitê de Ética em Pesquisa

### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE) – Bibliotecárias

Gostaria de me apresentar: meu nome é Shirlei Galarça Salort Teixeira, sou estudante do Mestrado Acadêmico em Educação, e estou realizando uma pesquisa sobre os sentidos atribuídos à biblioteca e às práticas dos bibliotecários que atuam ou que já atuaram na Biblioteca da Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Estou vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS, sob a orientação da Profa. Dra. Isabel Bilhão.

O objetivo deste estudo é analisar como os sentidos atribuídos por bibliotecários ao espaço físico da Biblioteca FAMED/HCPA e à sua atuação profissional em tempos de cibercultura, se refletem nas práticas biblioteconômicas atuais. A entrevista concedida pelas bibliotecárias tem como objetivo específico analisar, em âmbito local, a memória institucional e os sentidos que atribuem ao espaço da biblioteca e às práticas nela realizadas. Como justificativa para a realização desta pesquisa, apontamos a importância de ouvir essas profissionais para melhor entendermos a relação que existe entre as práticas e o que se espera delas, a fim de verificar os alcances e limites das propostas desenvolvidas sobre esta temática.

Nesta pesquisa sua identidade será mantida anônima (você poderá utilizar nome fictício). Sempre que julgar necessário, poderá solicitar informações sobre o andamento da pesquisa e/ou seus resultados pelo e-mail shirlei.salort@ufrgs.br e pelo telefone 51-96118565.

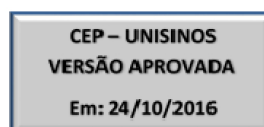
Gostaria de esclarecer que, conforme as Resoluções 466/12 e 510/16 que regem a Ética em Pesquisa, “toda pesquisa com seres humanos envolve risco em tipos e gradações variados”. Entretanto, esta pesquisa é considerada de risco mínimo, ou seja, aquela que não acrescenta nenhuma possibilidade de dano físico, psicológico ou social além do que é inerente à vivência cotidiana do sujeito. Além disso, é importante ressaltar que você não sofrerá nenhum tipo de constrangimento, caso decida não responder no todo ou em parte às questões que lhe serão formuladas, podendo desistir do estudo a qualquer momento.

Este termo será assinado em duas vias, uma ficará com você e outra comigo.

Data: \_\_\_\_\_

Assinatura do Participante: \_\_\_\_\_

Assinatura da Pesquisadora: \_\_\_\_\_



## APÊNDICE B - Carta de anuência para autorização de pesquisa



São Leopoldo, 06 de outubro de 2016.

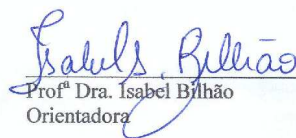
### CARTA DE ANUÊNCIA PARA AUTORIZAÇÃO DE PESQUISA

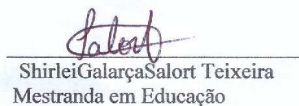
Ilmo. Sr. Diretor

Solicito autorização institucional para realização da pesquisa intitulada: **A Biblioteca e o Bibliotecário em tempos de cibercultura**: espaços e práticas, a ser realizada na FAMED, pela acadêmica do Mestrado Acadêmico em Educação do PPGEDU da Universidade do Vale do Rio dos Sinos, ShirleiGalarçaSalort Teixeira, sob minha orientação. O objetivo da pesquisa é investigar os sentidos atribuídos pelos bibliotecários ao espaço físico da biblioteca e à sua atuação profissional, frente às transformações ocorridas nos modos de pesquisar e ler no ambiente acadêmico, em tempos de cibercultura e tecnologias digitais, e como estes sentidos refletem nas práticas biblioteconômicas atuais. Necessitando, portanto, realizar entrevista com os bibliotecários. Ao mesmo tempo, solicito autorização para que o nome desta Instituição possa constar no Relatório Final, bem como em futuras publicações na forma de artigo científico.

Ressalto que as identidades serão mantidas em absoluto sigilo e saliento ainda que os dados coletados serão utilizados somente para a realização deste estudo.

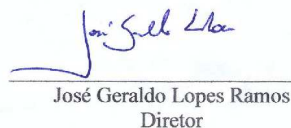
Agradeço antecipadamente a atenção e fico à disposição para quaisquer esclarecimentos necessários.

  
Profª Dra. Isabel Bilião  
Orientadora

  
ShirleiGalarçaSalort Teixeira  
Mestranda em Educação

Concordo com a solicitação

Não concordo com a solicitação

  
José Geraldo Lopes Ramos  
Diretor